

## O MILHO GANHA FORÇA NA LAVOURA E NO MERCADO

— Página 11 —

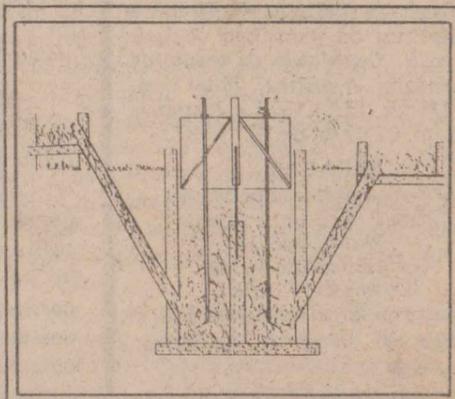


## COM JURO ALTO COMO FICA A SITUAÇÃO DAS MÁQUINAS?

— Páginas 4 e 14 —

# ESTERCO NÃO É SÓ ADUBO. TAMBÉM É ENERGIA

*Nestes tempos de crise, quando a gasolina, o óleo diesel, o gás de cozinha e a própria lenha vão ficando cada dia mais caros e escassos, qualquer nova alternativa de fonte de energia que possa aparecer é vista com bons olhos e muita expectativa. Assim também está sendo com o biogás, a energia produzida a partir do esterco de animais.*



— Página 12 —

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina  
Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUI - RS  
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA Nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues  
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis  
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-  
ner, Eduardo Augusto de Menezes,  
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,  
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,  
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,  
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz  
Kommers, Ido Marx Weiller, João  
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos  
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-  
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski  
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede) . . . . .	164.000 t
Ajuricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto . . . . .	77.000 t
Tenente Portela . . . . .	60.800 t
Vila Jôia . . . . .	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.) . . . . .	50.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	48.000 t
Maracajú . . . . .	84.000 t
Sidrolândia . . . . .	52.000 t
Rio Brillhante . . . . .	84.000 t
Dourados . . . . .	60.000 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao qua-  
dro social, autoridades, universidades  
e técnicos do setor, no país e exterior.  
Nossa tiragem, 17.500 exemplares.

Associado  
da ABERJE



Associado da

**AJOCOOP**  
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e  
Documentos do município de Ijuí,  
sob n. 9. Certificado de marca de  
propriedade industrial M/C11 n.  
022.775 de 13.11.1973 e figurativa  
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

**REDAÇÃO**

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Correspondente no MS:

Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e  
impresso no Jornal do Comércio,  
Porto Alegre.

**Ao leitor**

Os agricultores estão surpresos e espantados com as alterações que foram introduzidas no crédito rural. E não é para menos: com a retirada dos subsídios ao crédito destinado à agricultura agora ficou praticamente impossível pensar em fazer investimento. Toda aplicação de dinheiro tomado em financiamento, agora vai obedecer os juros que existem no mercado (e que não baixaram, no último ano, de uma média superior a 80 por cento).

Pensar em investir, comprando uma máquina ou um equipamento, é uma coisa que agora nem ao menos poderá passar na cabeça de muita gente. Até mesmo plantar com dinheiro dos bancos agora é bem mais difícil. Além do aumento nos juros, não são todos os produtores que poderão pegar integralmente os financiamentos de custeio. Como foi, afinal, a grande mexida que sofreu o crédito rural está na matéria que publicamos na página 4. Além de deixar bem claro como serão agora as novas normas, trazemos também um estudo sobre o custo final das máquinas que os produtores passarem a comprar daqui para a frente, e a opinião de alguns associados sobre esta situação.

Durante muito tempo o agricultor deixou de dar importância ao adubo produzido dentro da própria propriedade, o esterco. Afinal de contas, o adubo químico era mais fácil de aplicar e também nem tinha o mesmo peso que atualmente tem no custo de formação da lavoura. Com a elevação do preço do adubo químico, cada vez foi ficando mais forte a tendência de aproveitar o estrume para repor os níveis de fertilidade do solo.

Só que o uso como adubo é apenas uma das formas de aproveitamento do esterco. Desde o início do século os chineses estão produzindo energia a partir dos resíduos dos animais. Quase 80 anos mais tarde o Brasil também começa a descobrir esta forma de aproveitamento. Alguns biodigestores, como são chamados os equipamentos que transformam o esterco em gás e energia, já estão instalados por aqui, inclusive no Rio

**Do leitor**

**CONTEXTO NACIONAL**

Em janeiro de 1977 fiz estágio no departamento técnico da Cotrijuí. Na época cursava o 4º ano de Agronomia, em Lavras, Minas Gerais. O estágio me foi muito útil, tanto em conhecimento técnico, como pela oportunidade de poder conhecer a realidade da Cotrijuí, seus associados, seus técnicos, seus funcionários, enfim, toda a estrutura que faz muito bem o nome da Cotrijuí no contexto nacional. Na oportunidade, consegui uma assinatura do Cotrijournal. Nos últimos quatro anos, recebi normalmente o referido jornal, que muito me auxiliou na atualização de conhecimentos político-agronômicos, muito importantes para um engenheiro agrônomo. Com o jornal pude acompanhar também o desenvolvimento da Cotrijuí, observando mesmo à distância suas realizações.

Joel Augusto Muniz

Espírito Santo do Dourado - Minas Gerais

**DESENVOLVIMENTO**

Através desta envio até vós os meus cumprimentos pela brilhante publicação do Cotrijournal, o qual muito está contribuindo para o desenvolvimento cooperativista e da agropecuária do Rio Grande do Sul. Na oportunidade, solicito que, se possível, meu nome seja incluído na lista dos que recebem gratuitamente esta publicação. Outrossim, comunico que, na qualidade de agrotécnico, usarei o mesmo

Grande do Sul. Conheça um pouco sobre este assunto lendo a matéria da página 12.

O crescimento na área de plantio de milho nesta safra surpreendeu até mesmo aqueles que já tinham a certeza de que parte da lavoura de soja seria ocupada pelo milho. Só que poucos foram aqueles que podiam prever uma ampliação tão grande na área de produção. Está certo que a careza dos produtos nos últimos anos, associada ao incentivo que existiu para a criação de animais, especialmente dos suínos, fez seu preço disparar. Isto, por si só, já serve para explicar a razão deste incremento na produção. Junto com este fator, porém, é preciso lembrar que a soja já não recebe mais, por parte do produtor, a mesma confiança absoluta existente até pouco tempo.

Mesmo confiantes no resultado da produção que vão colher este ano, os agricultores levam medo numa ampliação muito grande na área de plantio. E isto por uma razão muito óbvia: existindo boa oferta de milho o preço cai lá embaixo.

Não é por isto, porém, que o aumento da produção deve ser esquecido. O milho é um produto essencial na alimentação animal. Isto sem contar que na alimentação humana ele nunca recebeu a atenção merecida, já que ele fornece uma série de nutrientes, muito mais, por sinal, que o trigo, um produto que temos que importar. A empolgação com a safra de milho e ainda as perspectivas de desenvolvimento da cultura, estão na matéria da página 11.

Desde o ano passado a Cotrijuí começou a aplicar uma correção sobre o valor das cotas-capital dos associados. Antes de se adotar este procedimento, aconteceu muita discussão sobre o tema capitalização. A tentativa sempre foi a de clarear posições sobre a necessidade de capitalizar, e qual o uso que o capital teria dentro da cooperativa. Na matéria da página 3 se procura deixar bem claro qual a forma adotada na correção deste capital e ainda se relembra um pouco as discussões que aconteceram.

da melhor maneira possível, para colaborar no desenvolvimento da agricultura e do cooperativismo.

Ademir Balena

Campinas do Sul - RS

**PARQUE DO DESENGANO**

Consulta V. Sa. sobre a possibilidade de ser fornecido a este Parque Estadual uma assinatura do Cotrijournal para a lida dos técnicos deste órgão de preservação e fiscalização da fauna e da flora.

Christiano Brandt

Diretor do Parque Estadual  
do Desengano - Rio de Janeiro

**O TRATOR**

A Divisão de Relações Públicas da Caterpillar do Brasil S/A - Piracicaba, tem o prazer de lhe enviar, em anexo, os primeiros exemplares da nova fase de jornal interno "O Trator". Como afirma a proposta contida em sua edição número 12, "O Trator" pretende ser muito mais do que apenas um veículo empresarial da Caterpillar. O objetivo é somar-se como força atuante, e contribuir para o aprimoramento do já excelente jornalismo empresarial que se cultiva neste país.

Marcus Molina

gerente de Relações Públicas  
da Caterpillar do Brasil  
Piracicaba - São Paulo

Recebemos e agradecemos as felicitações de Natal e Ano Novo enviadas pela Associação de Orientação às Cooperativas (Assocep); Cooperativa de Eletricidade Rural Teutônia Ltda.; Centro Cultural Prof. Cicero Barbosa Lima Júnior; Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais Ltda.; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí; Eletrônica Sul-rio-grandense; Camping Clube do Brasil; Cooperativa Tritícola Carazinho Ltda.; Superintendência Regional do RS do Ministério da Previdência e Assistência Social; Cooperativa Agrícola de Itapagé Ltda.; Marlene François Motta; Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda. (Coopervale); Rádio Repórter de Ijuí; Deputado Harry Sauer; Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul; Escola Municipal Assis Brasil; Cooperativa Sul-rio-grandense de Laticínios; Coopasso; Associação Rio-grandense de Imprensa; Lastrí S/A; Gimic Publicidade Propaganda; Mireya Pietracaprina; Deputado Augusto Trein; Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (Assocene); Livroceres; Dacol & Cia. Ltda.; Gutenberg Máquinas e Materiais Gráficos Ltda.; Livraria Veras Ltda; Jornal Cacique; Gelson Pochmann; Veículos Debacco S/A; governador Amaral de Souza; Associação Brasileira dos Editores de Revistas e Jornais de Empresa; Emater/RS; Prefeitura Municipal de Dourados (MS); José Cândido Vieira.

# COMO É CORRIGIDA A COTA-CAPITAL

Este é o segundo ano que os associados da Cotrijuí encontrarão o valor de sua cota-capital maior do que a quantia que vinham recolhendo como capitalização. É que desde o exercício passado se começou a corrigir o capital do produtor dentro da cooperativa, tentando, assim, aproximá-lo um pouco mais dos índices de inflação.

Para entender como funciona a correção do capital é preciso primeiro saber que existe uma correção do patrimônio, também chamado de ativo fixo ou imobilizado. A gente sabe que ao comprar um trator, por exemplo, se paga um determinado valor por este trator. Vamos dizer que se paga Cr\$ 500 mil por ele. Nos anos seguintes, devido a inflação, estes mesmos Cr\$ 500 mil já não são mais suficientes para comprar um trator novo. Os Cr\$ 500 mil empregados na época da compra representam, por exemplo, Cr\$ 700 mil.

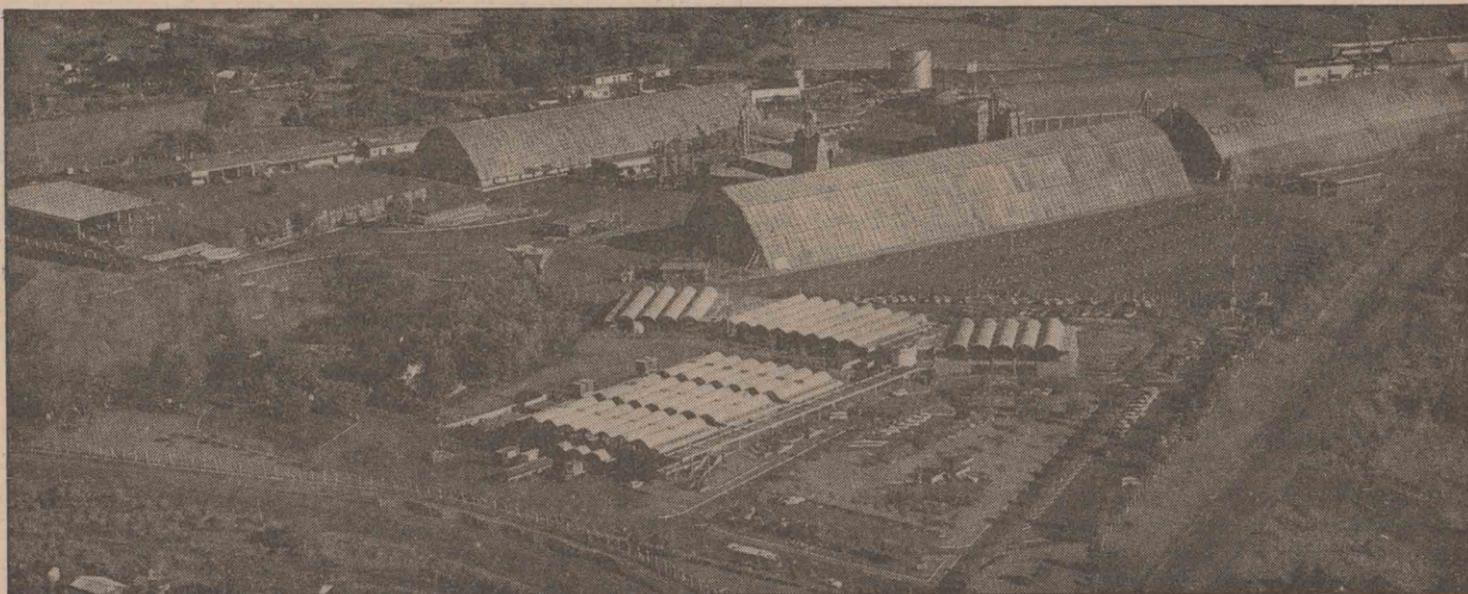
Só que, com o tempo e com o uso, tudo que é equipamento, máquina e até mesmo prédios, vão se desgastando, se depreciando, como fala o pessoal que entende de contabilidade. E esta depreciação deve ser considerada quando se pretende avaliar bem certinho de quanto foi a correção real do imóvel.

Ainda pegando o caso do trator, podemos imaginar que ele sofreu, com o tempo e com o uso, uma depreciação de 25 por cento. No caso do agricultor pretender vender este trator ele não vai conseguir que alguém o compre pelos Cr\$ 700 mil que custam um novo. Seu preço, no mercado, ficará em torno de Cr\$ 525 mil, pois o valor de Cr\$ 175 mil seria a depreciação que ele sofreu. Desta forma, este trator teve realmente uma correção de apenas 75 por cento se comparado ao valor de um trator novo. O mesmo tipo de cálculo é empregado na hora de se corrigir o patrimônio (ou ativo imobilizado) da Cooperativa. Ao mesmo tempo que seus prédios, equipamentos, máquinas, veículos, etc, sofrem uma correção, sofrem também uma depreciação.

## O REAJUSTE

Se não existisse inflação — esta história da gente não conseguir comprar com o mesmo dinheiro a mesma coisa que comprava há um tempo atrás — não haveria necessidade de corrigir o ativo imobilizado. E muito menos existiria a reivindicação dos associados em se corrigir o valor de cotas-capital. O caso é que existe a inflação, e esta inflação é medida oficialmente por ORTN. Esta sigla ORTN quer dizer Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, um índice que sofre alterações todos os meses e é utilizado em tudo quanto é cálculo de correção.

É baseada na variação



A correção do capital é feita proporcionalmente à correção do valor do patrimônio da cooperativa

desta ORTN que a Cooperativa faz a correção do ativo imobilizado (os prédios, etc) e do capital dos associados. O ativo, antes de ser corrigido é primeiro depreciado, considerando as taxas diferenciadas de cada um dos bens que fazem parte deste ativo. Um carro, por exemplo, sofre uma depreciação de 20 por cento ao ano. Um prédio tem uma taxa de depreciação de 2 por cento. Um terreno não sofre depreciação. As máquinas e equipamentos tem um percentual de depreciação que varia de 10 a 20 por cento.

Depois de depreciado este ativo ele também é corrigido. E para chegar ao valor corrigido do ativo, se leva em consideração a variação das ORTN durante o exercício fiscal da cooperativa. Neste ponto é preciso lembrar que o exercício da cooperativa mudou de data. Por uma decisão tomada na assembléia do ano passado o exercício da Cotrijuí agora coincide com o ano, iniciando, portanto, em 1º de janeiro e encerrando em 31 de dezembro. Antes ele iniciava em 1º de março de um ano e encerrava em 28 de fevereiro do outro ano.

## A VARIAÇÃO

Neste último exercício a variação da ORTN foi a seguinte: em fevereiro seu índice estava fixado em 50,833; em dezembro ele já era de 70,670, havendo uma diferença de 19,837. Esta variação corresponde a um percentual de 39,02 por cento (se a ORTN tivesse duplicado de valor no período de fevereiro a dezembro, que é o considerado neste último exercício, a variação teria alcançado 100 por cento).

O caso é que analisando o último balanço da cooperativa, encerrado em 28 de fevereiro do ano passado, se encontra a seguinte situação:

Ativo imobilizado bruto  
Cr\$ 2.362.876.454,80

Depreciação acumulada  
Cr\$ 592.539.669,17

Ativo imobilizado líquido  
Cr\$ 1.770.336.785,63

O ativo imobilizado bruto

to já sofreu a correção baseada na variação da ORTN. Depois de corrigido e depreciado se chegou ao valor líquido deste ativo, que representa exatamente 74,92 por cento do valor do ativo bruto. Esta depreciação, que ficou beirando os 25 por cento, é a depreciação acumulada nos diversos anos, desde que existe a cooperativa, pois todos os equipamentos foram se desgastando com o tempo. Mesmo uma máquina recém-comprada, no dia seguinte ao da sua compra já sofre esta depreciação.

## O CAPITAL

O capital, naturalmente, não pode sofrer uma correção superior à correção do ativo. Isto porque, segundo cálculos do pessoal da área financeira, é só a cooperativa não fazer novos investimentos para que deixe de existir saldo entre o valor do imobilizado (os prédios, máquinas, etc), e o capital dos associados. E isto pode acontecer bem ligeiro, no período de seis anos. Conta o Ari Zimpel, assessor administrativo:

— Esta situação seria irreal, pois se sabe que o patrimônio da cooperativa, este seu ativo imobilizado, não foi formado unicamente com o capital dos associados. Foi preciso recorrer aos bancos para poder construir parte deste patrimônio. Daí a necessidade da cooperativa ter capital próprio, dos associados, para fazer estes investimentos necessários na prestação de serviços.

No caso da correção que será aplicada sobre o capital dos associados neste ano se adotará também o percentual de 75 por cento. Desta forma, considerando que a variação da ORTN no período de fevereiro a março chegou aos 39,02 por cento, o capital dos associados será corrigido em 29,26 por cento, que representam 75 por cento da variação da ORTN registrada no período do exercício da Cotrijuí.

Assim, por exemplo, o associado que tinha Cr\$ 1.000,00 de capital, passou a

ter, no início do novo exercício, Cr\$ 1.292,60.

## O PECÚLIO

Além da correção do capital também foi criado, no ano passado um pecúlio. No caso da morte de um associado, o seu capital será devolvido aos familiares, com a correção a que teve direito. Esta restituição acontecerá mesmo se uma outra pessoa da família — esposa ou filho — venha a se associar na Cotrijuí.

## A RETIRADA

O capital, já com a correção, também será devolvido nos casos em que o associado se desligar da Cooperativa. É natural, porém, que existam certas dificuldades na retirada deste dinheiro. O Conselho de

Administração, ao aprovar esta norma, pretendeu evitar que os associados saiam e entrem no quadro social unicamente para aproveitar o fato do capital estar sofrendo correção.

Nestes casos, a restituição do capital acontecerá em tantas parcelas anuais quantos forem os anos em que ocorreu a integralização. Quem levou, por exemplo, 10 anos para integralizar seu capital, só poderá retirá-lo integralmente em 10 anos. Em caso de voltar a se associar na cooperativa, o produtor deverá integralizar de uma vez só este capital que retirou ao sair, sendo ainda acrescido da correção que aconteceu durante os anos em que esteve desligado da Cooperativa.

## O bom uso do capital

*A discussão sobre o capital e a capitalização nas cooperativas é uma coisa bastante antiga. Afinal de contas, seguindo os princípios do sistema — e que são exatamente os pontos que diferenciam uma cooperativa de uma empresa qualquer — uma cooperativa é uma entidade de pessoas, e não do capital dessas pessoas. Desta forma, independentemente do fato de um associado comercializar 100 ou 1000 sacos de produto, seus direitos e deveres são absolutamente idênticos.*

*O caso, porém, é que vivendo num sistema econômico bastante complicado, onde inflação é uma palavra que já entrou no palavreado da maioria das pessoas, a questão do capital foi tomando conta de muita discussão. Isto porque a questão se enveredava para o lado de que não parecia valer a pena descontar parte da produção para a conta de capitalização. Afinal de contas, a cota-capital ficava sempre praticamente parada, só aumentando um pouco a cada safra com um novo desconto de capitalização, e recebendo os pequenos reajustes admitidos na lei. Enquanto isso, a inflação ia aumentando e o dinheiro que se tinha num ano já não valia quase nada no ano seguinte.*

*É claro que a discussão sobre o capital não se prende apenas ao fato de que ele foi sendo "comido" pela inflação. Ao se comparar os números do patrimônio da cooperativa (que são os seus prédios, equipamentos, etc) e o capital dos associados, a diferença fica muito grande. Para um patrimônio de Cr\$ 1,7 bilhões no último exercício, se tinha um capital de apenas Cr\$ 151 milhões. Isto quer dizer que para cada cruzeiro que a cooperativa tinha de capital próprio dos associados, ela investiu mais Cr\$ 11,72 de dinheiro emprestado.*

*Outra coisa que foi se clareando nas discussões foi o papel que o capital desempenha dentro da cooperativa. Ele serve para que os associados tenham o tipo de prestação de serviços que eles decidirem que deve existir, através do pagamento de preços compensadores para as suas safras, o armazenamento, a assistência técnica, etc.*

# A GRANDE MEXIDA NO CRÉDITO

Passado o primeiro susto, provocado pelas medidas que aumentaram os custos do dinheiro à agricultura, o produtor já pode pegar no lápis e calcular o que irá pagar de encargos financeiros na próxima safra de trigo. A circular do Banco Central, que explica como essas mudanças devem ser aplicadas, já foi decifrada pelo setor de crédito da Cotrijuí. As previsões, em torno das alterações que saíram da reunião do Conselho Monetário Nacional (dia 18 de dezembro) foram confirmadas, e agora resta apenas detalhar tudo isso.

Com essas normas novas, o Banco Central não só determinou um aumento nos juros, mas também provocou algumas mudanças nos critérios, nas formas como o produtor era enquadrado. A partir deste ano, o médio e o grande produtor não ficam num mesmo grupo, como vinha acontecendo. Mas os minis e pequenos ainda continuarão na mesma situação, para efeito de liberação de recursos.

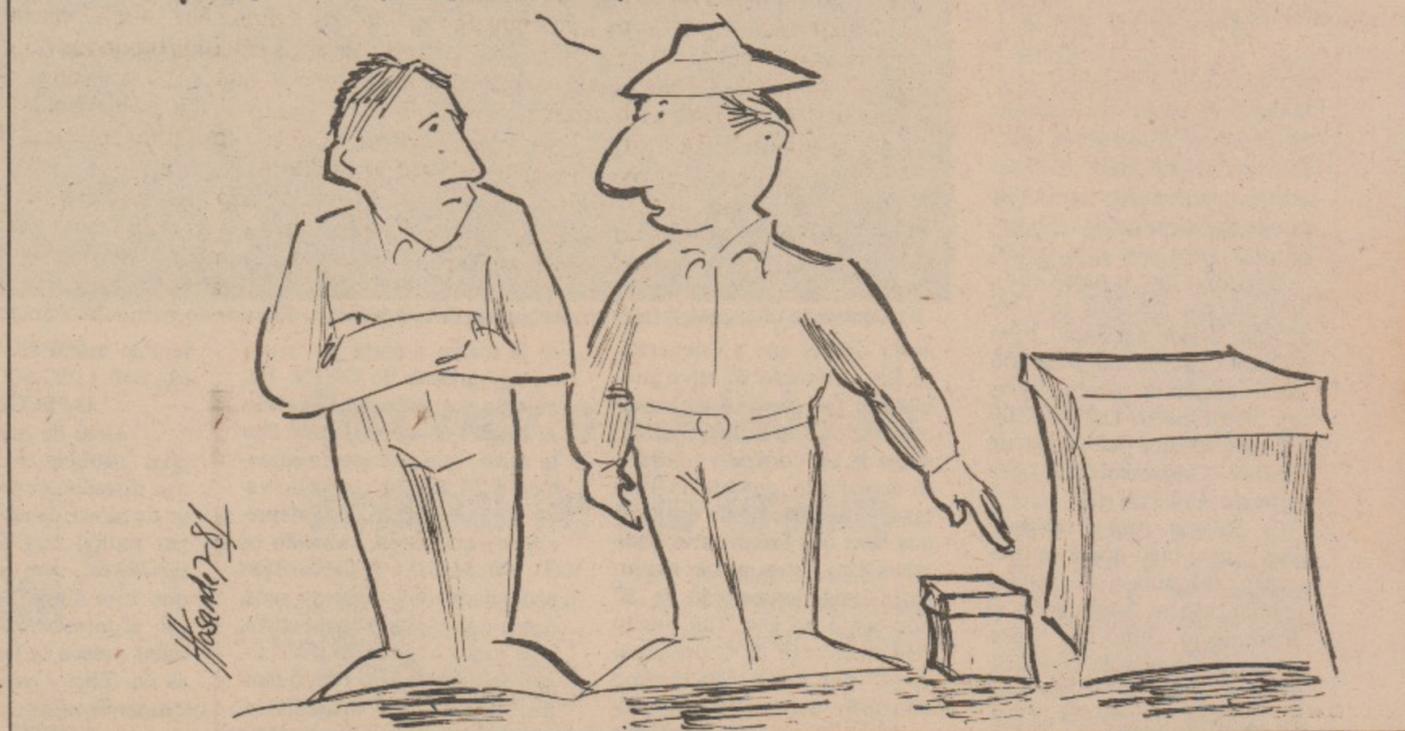
## CUSTEIO

A principal alteração parece ter sido a que mexeu nos juros do custeio. Pelo repasse, o mini e o pequeno produtor vinham pagando uma taxa de 24 por cento ao ano. Agora, eles terão juros de 45 por cento, e receberão 100 por cento do VBC. Isso quer dizer que todo o custeio da lavoura será financiado, com juro total de 45 por cento.

Os médios e grandes produtores, que pagavam taxa de 33 por cento ao ano, vão pagar também os mesmos 45 por cento válidos para os minis e pequenos. Só que, nesse caso, nem todo o VBC terá cobertura com essa taxa. Os médios agricultores serão financiados com 80 por cento do VBC. Se quiserem, poderão cobrir os outros 20 por cento com financiamentos a juros livres, com taxas do mercado, que podem chegar a quase 100 por cento ao ano.

Os grandes produtores também não terão todo o VBC a 45 por cento. Apenas 60 por cento do custeio será coberto com esta taxa, e o restante, como no caso dos médios, poderá ter cobertura de financiamento a juros livres. Isso quer dizer que os médios e grandes terão que recorrer a um dinheiro ainda mais caro, ou aplicar recursos próprios, para cobrir os custos da lavoura.

NA CAIXINHA, EU TRAGO O DINHEIRO DO BANCO. NA OUTRA, EU LEVO O DINHEIRO DE VOLTA NO FIM DO FINANCIAMENTO. ESTE ANO DIZEM QUE ATÉ AS BORRACHINHAS PRA SE ATAR OS MAÇOS VÃO TER JURO.



## ENQUADRAMENTO

A classificação dos produtores é baseada no tal de MVR, que é o Maior Valor de Referência. Esse MVR se baseia, por sua vez, em cálculos que consideram o custo de vida, aumento dos custos de vários setores, mais ou menos como um salário mínimo. Hoje, esse valor está em Cr\$ 2.996,10, e vale até maio deste ano, pois é reajustado semestralmente.

Para enquadrar o produtor de acordo com o MVR, o Banco Central considera a renda bruta anual do proprietário rural. Assim, os minis produtores são aqueles que

tenham conseguido uma renda de 100 MVR no último ano, ou seja, Cr\$ . . . . . 299.610,00. O pequeno fica entre 101 e 600 MVR; o médio entre 601 e 3.000; e o grande é aquele que ficou com renda acima de 3.000 MVR.

Apesar do mini e do pequeno estarem enquadrados em grupos diferentes, eles terão tratamento igual. No caso do médio e do grande é que surge a diferença, para liberação do custeio. Houve algumas mudanças, no número de MVRs, para fins de enquadramento, mas o departamento de crédito não acha que elas tenham sido muito importantes.

## INVESTIMENTOS

As mudanças também atingem os investimentos, que ficarão ainda mais caros que o custeio. Até o ano passado, os mini e pequenos produtores vinham pagando taxa de 29 por cento ao ano, e os médios e grandes, 38 por cento. Agora, as taxas para investimentos não mais serão pré-fixadas. Vão ser livres, de acordo com os tais juros de mercado, válidos para a indústria e o comércio.

Mas nem tudo terá financiamento pelo crédito rural. Automotrizes, tratores e outras máquinas pesadas simplesmente não terão crédito. Se quiser, o produtor poderá

## Espanto e surpresa entre os produtores

"Assim, como é que vão querer que a agricultura cresça?" A pergunta é do agricultor Pedro Paulo Dimkoski, dono de 25 hectares na Linha 4 Norte, em Ijuí. Seu Pedro está espantado com as mudanças nos

juros, e bastante surpreso com a medida, como a maioria dos agricultores.

Há quatro anos que ele cobre os custos de sua lavoura com financiamentos, mas pretende deixar de lado o dinheiro ca-

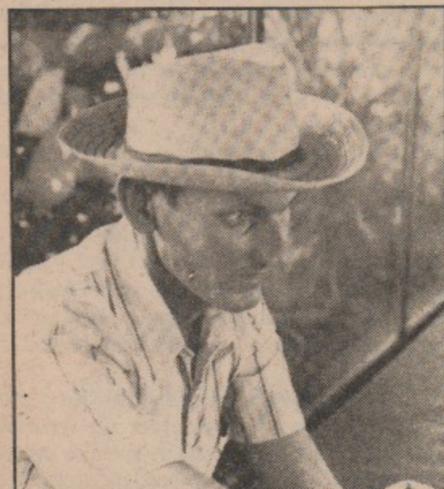
ro. "A saída vai ser plantar para o gasto, e o governo que se vire", diz seu Pedro Paulo, lembrando que o aumento dos juros pegou todo mundo de surpresa. Ele se recorda que, a partir do momento em que a agri-

cultura foi considerada meta número um do país, ninguém esperava medidas como esta.

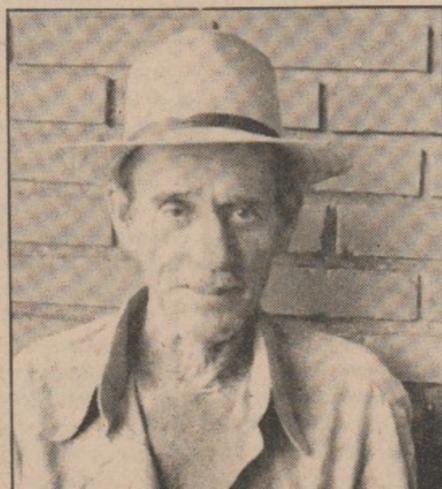
Outro surpreso é o seu Natal Brívio, da Linha 24 (Ajuricaba). Ele diz que "esta alta nos juros já anda cutucando", e acha que a maioria vai começar a plantar sem adubo. "Se não der, azar", diz o seu Natal, lembrando que "cada vez está ficando pior". Para ele, muita gente vai "plantar só para comer".

O seu Arnaldo Gerlach, da Linha 23 (Ajuricaba), entende que "isso aí vem beneficiar só os grandes". A saída - diz ele - é plantar mais milho, criar porco e trabalhar por conta, partindo para a diversificação. Seu Arnaldo acredita que os pequenos produtores não terão condições de suportar juros tão altos.

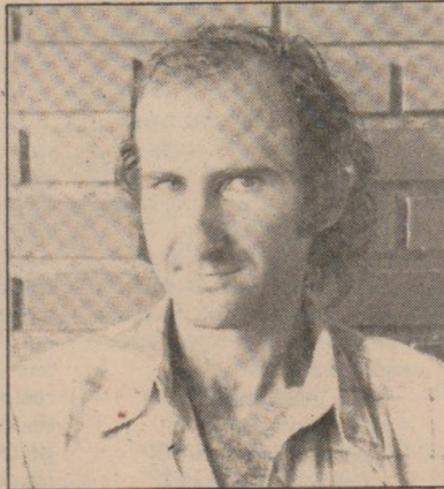
Para o seu Irineu Jacomini, de Renditoria, o aumento dos juros ainda não estão bem esclarecidos, mas o certo é que "o agricultor vai ficar mal". Ele sugere, para que os custos da lavoura sejam reduzidos, a utilização de adubos orgânicos. "Mas o pior



Pedro Dimkoski: plantar para o gasto



Natal Brívio: a alta anda cutucando



Arnaldo Gerlach: o pequeno não suporta

recorrer às financeiras, mas também aí o dinheiro dificilmente é liberado, e ninguém sabe a quanto o juro pode chegar. O investimento não terá, é claro, muitas compensações.

Os bancos só irão liberar recursos para a compra de pequenas máquinas e equipamentos, que não tenham valor superior a Cr\$ 299.610,00 por ano. Também serão financiadas máquinas de tração animal ou movidas com combustível que não seja importado, e as máquinas e equipamentos utilizados em irrigação. O último caso, que permite investimentos, é a compra de matrizes bovinas com valor de até Cr\$ . . . . . 299.610,00 por ano e por mutuário.

As mudanças prevêm ainda que o agricultor poderá solicitar financiamentos para reformas de máquinas. Os recursos serão liberados dentro dos mesmos critérios do custeio, ou seja, a juros de 45 por cento, mas sem a cobertura total do custo das reformas para os médios e grandes.

#### ADUBO

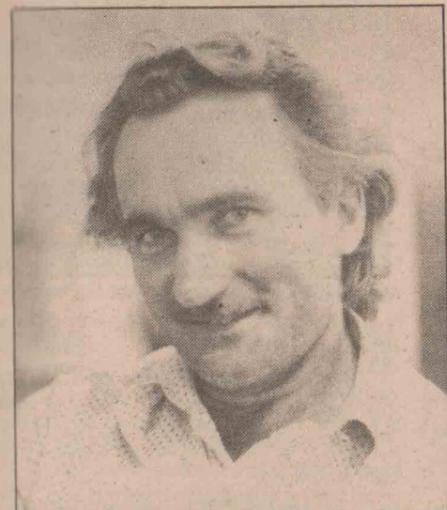
O juro alto pegará também os fertilizantes, pois caiu o subsídio que vinha sendo dado pelo governo. Ubirajara Martins, do departamento de crédito da Cotrijuí, andou fazendo uns cálculos, para que o produtor possa melhor entender o que isso representa.

No ano passado, um produtor que tomasse um financiamento de Cr\$ 270 mil, com juro de 24 por cento, pagaria de juro Cr\$ 25.333,34, se a amortização acontecesse em 200 dias. Isto porque, baseando-se na média, 30 por cento do financiamento seriam destinados aos fertilizantes, e esse gasto ficaria em Cr\$ 80 mil. O juro incidiria, então, somente sobre os Cr\$ 190 mil restantes.

Na próxima safra de trigo, a situação mudaria bastante, usando-se o mesmo exemplo. Todo esse dinheiro teria juro a uma taxa de 45 por cento, e no final o produtor teria que pagar, só de juro, Cr\$ . . . . 67.500,00. A diferença, de um ano para outro, seria de Cr\$ 42.166,66. Dá pra ver que a retirada do subsídio deixará o custeio bem mais caro.

#### PROAGRO

Para completar, as decisões do Conselho Monetário Nacional decidiram ainda reduzir a cobertura do Proagro. Essa cobertura, que vinha sendo de 80 por cento até o ano passado, fica agora em 70 por cento sobre o VBC. O produtor terá que enfrentar os juros altos, a falta de verbas para investimentos e, ainda por cima, correrá maiores riscos, porque as safras frustradas trarão mais prejuízos.



Irineu Jacomini: agora fica pior

é que todo mundo está amarrado no banco. Se as coisas já andavam difíceis, agora vai ficar muito pior", afirma o seu Irineu.

Ele também faz uma indagação: "Como é que um produtor vai ter condições de pagar uma máquina com um juro de 65 por cento? E ainda tem as frustrações, mas disso", afirma ele, "é melhor nem falar".

# O novo preço do dinheiro

## COLHEITADEIRA: AUMENTO DE 282%

A Gerência de Planejamentos e Projetos também andou lidando com números, para saber como essa mudança vai influir no preço das colheitadeiras. É claro que, também aqui, o financiamento vai fazer com que as automotrizas fiquem com um preço lá em cima. Na tabela número três, estão os cálculos baseados no juro antigo, e que mostram que, do preço à vista ao valor financiado, a máquina ficava com um acréscimo de 116 por cento.

Com o novo juro (veja na tabela 4), essa diferença é de 261 por cento. Comparando também os preços finais das colheitadeiras, pegando as diferenças entre o juro de 38 e o juro de 87 por cento, dá pra notar que a

máquina ficou 282 por cento mais cara. As contas foram feitas com base em preços médios das máquinas, coletados nas mesmas épocas dos cálculos feitos para o trator, e com prazo de cinco anos para amortização dos financiamentos.

Mesmo que o produtor já saiba o que fazer numa hora como essa, o gerente de Planejamentos e Projetos, Paulo Roberto Silva, acha que vale um alerta para que o pessoal tenha muito cuidado na hora de investir. Paulo sugere que os agricultores busquem novas saídas, para a redução de seus custos. Entre estas, ele lembra que uma máquina pode ser adquirida por um grupo de produtores. Só assim o peso do dinheiro caro não será tão sentido, e estará se estimulando as decisões e o trabalho em conjunto.

Quem se arriscará a realizar investimentos, com os novos preços do dinheiro? Nos últimos anos, os produtores vieram reduzindo a aquisição de máquinas e implementos e, a partir de agora, a situação ficará mais difícil. Isso fica provado nuns cálculos que a Gerência de Planejamentos e Projetos da Cotrijuí andou realizando. Os números mostram que não será nada fácil suportar os juros que os bancos irão cobrar.

As contas feitas pelo departamento consideram a situação do médio e grande produtor, já que nessa faixa é que estão os maiores compradores de máquinas. Foram feitas comparações entre as despesas financeiras para aquisição de um trator e de uma colheitadeira, considerando os preços médios do mercado. As conclusões são de assustar qualquer agricultor que pense em fazer investimentos com juros tão altos.

### TRATOR: 204% MAIS CARO

O trator, por exemplo, custava Cr\$ 408.960,00, considerando-se o preço à vista, em janeiro do ano passado. Para uma amortização do financiamento em cinco anos, com uma taxa de juro a 38 por cento ao ano, o trator acabaria custando Cr\$ 875.173,00 para o produtor. O aumento, entre o preço à vista e o preço final, somando os custos do financiamento, ficava em 113 por cento. As amortizações (as prestações) anuais somavam Cr\$ 408.960,00 (veja a tabela número um), e de juros o agricultor pagava Cr\$ 466.213,00.

Agora é que vem a comparação entre os juros antigos e os adotados depois das mudanças determinadas pelo Conselho Monetário Nacional. Pegando o preço do trator em dezembro do ano passado, que era de Cr\$ 737.105,00, no fim das contas a máquina sai por Cr\$ 2.660.948,00. É um salto grande, de 260 por cento, entre a diferença do preço à vista e do valor final, contando o financiamento. As amortizações em cinco anos ficam em Cr\$ 737.105,00, e os juros somam Cr\$ 1.923.843,00.

Outra comparação que pode ser feita: a diferença entre o preço do trator pelo juro antigo e pelo juro novo, é de 204 por cento. Nesse caso (veja a tabela número dois), foi considerado, como juro para a realização do cálculo que aponta o novo preço do trator, a taxa de 87 por cento ao ano. Essa taxa é uma média do que vem sendo cobrado hoje pelos bancos.

Mas não quer dizer que o juro fique só nisso aí. O dinheiro pode até ficar mais caro, porque a taxa é determinada de acordo com o mercado financeiro, que oscila muito, subindo ou descendo o custo do dinheiro. A tendência, com a liberação dos juros, que até o ano passado vinham sendo controlados, é de que o preço do dinheiro oferecido pelos bancos suba muito e desça pouco este ano.

TRATOR: Valor à vista: Cr\$ 408.960,00 Prazo: 5 anos Juros: 38 por cento Dados de janeiro de 1980			
DISCRIMINAÇÃO	AMORTIZAÇÃO	JUROS	TOTAL
1º ano	Cr\$ 81.792,00	Cr\$ 155.404,00	Cr\$ 237.196,00
2º ano	Cr\$ 81.792,00	Cr\$ 124.324,00	Cr\$ 206.116,00
3º ano	Cr\$ 81.792,00	Cr\$ 93.243,00	Cr\$ 175.035,00
4º ano	Cr\$ 81.792,00	Cr\$ 62.162,00	Cr\$ 143.954,00
5º ano	Cr\$ 81.792,00	Cr\$ 31.080,00	Cr\$ 112.872,00
<b>TOTAL</b>	<b>Cr\$ 408.960,00</b>	<b>Cr\$ 466.213,00</b>	<b>Cr\$ 875.173,00</b>

TRATOR: Valor à vista: Cr\$ 737.105,00 Prazo: 5 anos Juros: 87 por cento Dados de dezembro de 1980			
DISCRIMINAÇÃO	AMORTIZAÇÃO	JUROS	TOTAL
1º ano	Cr\$ 147.421,00	Cr\$ 641.281,00	Cr\$ 788.702,00
2º ano	Cr\$ 147.421,00	Cr\$ 513.025,00	Cr\$ 660.446,00
3º ano	Cr\$ 147.421,00	Cr\$ 384.769,00	Cr\$ 532.190,00
4º ano	Cr\$ 147.421,00	Cr\$ 256.512,00	Cr\$ 403.933,00
5º ano	Cr\$ 147.421,00	Cr\$ 128.256,00	Cr\$ 275.677,00
<b>TOTAL</b>	<b>Cr\$ 737.105,00</b>	<b>Cr\$ 1.923.843,00</b>	<b>Cr\$ 2.660.948,00</b>

COLHEITADEIRA: Valor à vista: Cr\$ 1.177.660,00 Prazo: 5 anos Juros: 38 por cento Dados de janeiro de 1980			
DISCRIMINAÇÃO	AMORTIZAÇÃO	JUROS	TOTAL
1º ano	Cr\$ 235.532,00	Cr\$ 453.487,00	Cr\$ 689.019,00
2º ano	Cr\$ 235.532,00	Cr\$ 362.790,00	Cr\$ 598.322,00
3º ano	Cr\$ 235.532,00	Cr\$ 272.092,00	Cr\$ 507.624,00
4º ano	Cr\$ 235.532,00	Cr\$ 181.395,00	Cr\$ 416.927,00
5º ano	Cr\$ 235.532,00	Cr\$ 90.697,00	Cr\$ 326.229,00
<b>TOTAL</b>	<b>Cr\$ 1.177.660,00</b>	<b>Cr\$ 1.360.461,00</b>	<b>Cr\$ 2.538.121,00</b>

COLHEITADEIRA: Valor à vista: Cr\$ 2.686.000,00 Prazo: 5 anos Juros: 87 por cento Dados de dezembro de 1980			
DISCRIMINAÇÃO	AMORTIZAÇÃO	JUROS	TOTAL
1º ano	Cr\$ 537.200,00	Cr\$ 2.336.220,00	Cr\$ 2.874.020,00
2º ano	Cr\$ 537.200,00	Cr\$ 1.869.456,00	Cr\$ 2.406.650,00
3º ano	Cr\$ 537.200,00	Cr\$ 1.402.092,00	Cr\$ 1.939.292,00
4º ano	Cr\$ 537.200,00	Cr\$ 934.728,00	Cr\$ 1.471.928,00
5º ano	Cr\$ 537.200,00	Cr\$ 467.364,00	Cr\$ 1.004.564,00
<b>TOTAL</b>	<b>Cr\$ 2.686.000,00</b>	<b>Cr\$ 7.010.460,00</b>	<b>Cr\$ 9.696.460,00</b>

# GALINHA E OVO DE CASA



Parece exagero, mas é só fazer as contas e comprovar: uma família de seis pessoas poderá ter ovos para consumo próprio durante o ano, com uma criação de apenas 10 galinhas. E ainda vai sobrar muito ovo. Quem faz essa observação é o agrônomo João Klohn, da Cotrijuí. Ela vale para quem pensa que criar galinha dá muito trabalho e pouco resultado.

A importância da avicultura, como atividade que pode garantir uma boa fonte de alimentação, ainda não foi bem reconhecida no Brasil. Só que agora o pessoal do meio rural anda mais preocupado em conhecer detalhes sobre manejo das criações domésticas, mantidas para o próprio consumo.

Segundo o João Klohn, a prova de que no Brasil a avicultura não merece muita atenção está nesse aspecto, de que o ovo não chega a ser um alimento de consumo muito grande. Tanto que as estatísticas mostram que aqui uma pessoa consome, em média, por ano, apenas 80 ovos. Nos Estados Unidos, o consumo por pessoa é de 300 ovos por ano.

Por que isso acontece? Talvez, por causa do baixo poder aquisitivo da população, e da falta de garantia de preços aos criadores. De nada resolve se ampliar a produção, se não houver mercado. Os preços caem bastante, a atividade não oferece rentabilidade, e não compensa para o criador.

## COMO INICIAR A CRIAÇÃO

Só que para manter uma criação própria, sem pensar em comercializar a produção, uma família não precisa de muito investimento. E tudo o que for gasto terá retorno, na forma de alimento, pois uma galinha poedeira é capaz de produzir de 220 a 240 ovos por ano, dos cinco aos 18 meses de idade. Isto com algumas variações, dependendo do manejo, das rações utilizadas. O ovo pode, então, sair caro para quem compra no varejo, nos supermercados, mas sairá barato para quem tiver sua própria criação.

O manejo das aves não tem muito mistério. Para iniciar uma criação, é preciso, antes de qualquer coisa, fazer uma escolha cuidadosa dos pintos. O Klohn lembra que há lojas que se destinam à venda de aves, fornecendo apenas fêmeas para postura. Neste caso, um pinto custa de 35 a 40 cruzeiros, e é bem mais caro que a ave de corte, destinada à produção de carne para abate. Deve ser dada atenção à linhagem, ou seja, o produtor precisa se informar sobre a qualidade da ave. Geralmente, esses são os chamados pintos de um dia, chocados em equipamentos elétricos.

No início, os pintos devem ser alojados em local arejado, mas onde não haja corrente de ar. Eles podem

## As pestes que atrapalham a criação

As doenças não escolhem época para atacar as aves, mas as criações que tenham um bom manejo e muita higiene quase sempre ficam livres das pestes. O veterinário Ronaldo Soares de Oliveira relacionou as principais doenças, indicando as formas de prevenção, para que elas possam ser evitadas, e outras medidas que devem ser tomadas pelo criador. Na maioria dos casos, a vacina é a melhor solução.

**New Castle:** Provoca tosse nas aves, que têm dificuldade para respirar e sofrem paralisação dos membros (asas e patas). A galinha atacada fica com a cabeça ginchando, arrepiando as penas e mostra queda na produção de ovos. Como prevenção, o criador deve evitar visitas seguidas ao galinheiro e a proximidade de outros animais, desinfetar o local, sempre que houver troca de lotes, combater pombos, roedores e pardais e aplicar a vacina imunizadora.

**Bouba:** A doença se manifesta com pipocas na crista, barbelas, pálpebras, bico, pernas e patas. A ave fica com as penas arrepiadas e tem sonolência e febre. A vacinação, nesse caso, é a melhor medida. Como prevenção, deve ser evitada a presença de galinhas caipiras junto com as demais aves, ou mesmo nas proximidades do galinheiro.

**Cólera:** Essa doença pode provocar alta mortalidade, sem que, em muitos casos, apresente sintomas. Mas a ave atacada mostra, geralmente, a crista roxa, fica sonolenta, abatida. Também nesse caso deve ser evitada a mistura de galinha caipira no lo-

cal. Não fornecer água de córregos próximos do galinheiro, e afugentar pássaros e cães das proximidades. Deve também ser pintada parte das instalações do galinheiro, com cal e soda adicionados à água. A proporção de soda deve ser de três por cento do total.

**Pulorose:** Ataca geralmente os pintos, e provoca grande mortalidade. O principal sintoma é a diarreia esbranquiçada. Medidas preventivas: comprar pintos de qualidade comprovada, proibir visitas ao galinheiro, evitar a entrada de animais e galinhas caipiras, queimar as caixas onde os pintos de um dia foram transportados e realizar exame de sangue nas aves, se estas estiverem adultas. A pulorose não pode ser tratada depois que ataca a criação. As galinhas atingidas devem ser eliminadas, para que a doença não se alastre.

**Coriza:** A galinha fica com dificuldade para respirar, tem corrimento nas narinas, inflamação na cabeça, perde o apetite, fica com os olhos inchados e reduz a produção. Para que a coriza seja evitada, o galinheiro não pode ter excesso de lotação, a ração precisa ser bem farta, a água limpa e fresca. O local precisa de bastante ventilação, e por isso o galinheiro deve ter sua frente voltada para o quadrante norte e nascente. Outras medidas: vacinação e limpeza constante do local.

**Tifo:** É mais freqüente nas aves adultas, que perdem o apetite, ficam com a crista pálida, sem cor. Também apresentam

diarreia amarelada ou esverdeada, e têm anemia. Aqui a higiene também é importante, pois as aves atacadas devem ser mortas, já que o tifo não tem tratamento. A vacina evita a doença, e outra medida recomendada é a desinfecção do galinheiro com cal, soda e água, com a mesma proporção indicada para os casos de cólera.

**Doença respiratória crônica:** Surge com corrimento nasal, tosse, dificuldade de respirar, e queda na produção de ovos. Evitar frio e umidade, e manter a água sempre limpa. O galinheiro deve ser desinfetado e a água pode ser tratada com polivitamínicos, ou seja, medicamento com vários tipos de vitaminas.

**Vermínose:** Retarda o crescimento da ave, facilita o surgimento de outras doenças, reduz a postura e provoca anemia profunda. Muita umidade e ainda a grande lotação de aves facilitam o aumento da verminose. A alimentação também é importante, e por isso as recomendações contidas nos vasilhames de rações devem ser seguidas.

**Diastase exsudativa:** As galinhas mais jovens são as mais atingidas. Provoca palidez e acúmulo de líquido debaixo da pele, que fica com uma cor azulada na região do pescoço e no abdômen. Prevenção: higiene das instalações do galinheiro, ração balanceada com vitamina e selenio e muito cuidado no manejo.

**Coccidiose:** Ataca geralmente os pintos de 2 a 8 semanas. Provoca diarreia com



Ronaldo: sempre prevenir as doenças

sangue e de mau cheiro. Os pintos ficam tristes, sonolentos, arrepiados, com as asas caídas, e sentem bastante sede. A umidade e a sujeira devem ser evitadas. Muito cuidado com a água e a ração, para que não haja contaminação.

A grande maioria dessas doenças pode ser tratada. Para que toda a criação não seja atingida, a peste deve ser identificada logo que surge no galinheiro. Segundo o Ronaldo, o criador deve atentar para os sintomas apresentados, e procurar informações sobre as formas de combate à doença. No departamento técnico da Cotrijuí, essas informações serão obtidas com o próprio Ronaldo e outros veterinários.

ficar dentro de um determinado espaço de um galpão, que não seja abafado e onde exista uma fonte de calor, que pode ser uma lâmpada de 450 Watts. O Klohn explica que o local não deve, então, ser nem tão abafado, nem tão frio, mas arejado. E é bom lembrar que os pintos são bastante sensíveis ao frio.

**MANEJO EXIGE CUIDADOS**

Nos primeiros dias, a ração própria para aves dessa idade será colocada em bandejas. A água, sempre limpa e fresca, em bebedouros de pressão de três litros, que também podem ser comprados nas lojas especializadas. Tudo precisa ser limpo pelo menos uma vez por dia.

A "cama" também tem alguns segredos. Deve ser de maravalha (aparas de madeira) com oito centímetros de altura. Embaixo da maravalha, se coloca um papelão, para que não passe muita umidade. A "cama" deve ser substituída sempre que houver umidade. Segundo o Klohn, o ambiente seco é fundamental para que se evite o surgimento de doenças.

Uns 10 dias depois, as bandejas para ração podem ser retiradas, e os pintos passarão a se alimentar nos comedouros tubulares. Esses comedouros são tubos, onde se coloca a ração. Embaixo, fica uma outra bandeja, que vai sendo regulada de acordo com o tamanho das aves. Tudo funciona como no bebedouro: a ração vai caindo na medida em que os pintos vão se alimentando.

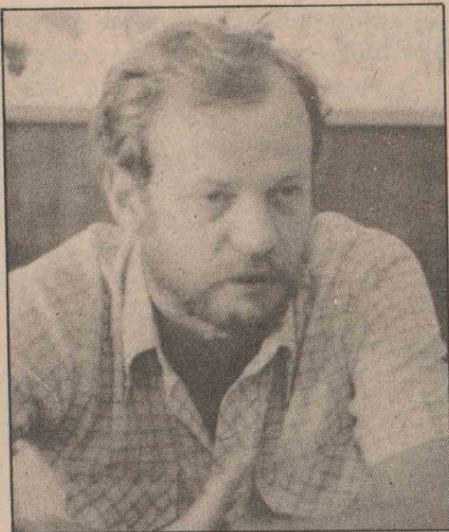
Com o crescimento das aves, o bebedouro também será trocado por outro, parecido com uma calha. O Klohn lembra que, nessa parte da alimentação, uma coisa é importante: a bandeja da ração deve ter sua altura regulada de acordo com a altura da parte superior das costas das aves. Assim, os pintos não poderão escolher a ração, e se evitará desperdício.

**GALINHEIRO: LIMPO E SECO**

Com uns 30 dias, a criação poderá ser transferida para um galinheiro. Esse cercado de tela ficará em local seco, que pode ser de chão batido e, de preferência, com uma camada de maravalha. Junto, deve ser construído um abrigo coberto, onde as aves dormirão. Os poleiros são opcionais, ou seja, podem ou não ser adotados, já que não são tão necessários.

No abrigo, serão colocados os ninhos, em caixas com 40 centímetros de largura, nos quatro lados, e 30 de altura. Num dos lados, deve ser deixada uma abertura. Os ninhos ficarão na parte mais escura do abrigo, pois a galinha prefere sempre os locais mais sossegados. Também nesse caso, os ninhos poderão ser feitos com maravalha, e sempre renovados, para que permaneçam limpos.

Com 60 dias, os pintos começarão a comer ração balanceada à vontade, e a alimentação poderá ser complementada com pasto verde, mas fora do galinheiro. Aos cinco meses, a ração será mudada, e a criação



Klohn: a criação é simples, mas deve ser bem feita

ção receberá alimento específico para postura. O pasto verde também servirá de alimento complementar. Nunca deve faltar água limpa e fresca no galinheiro.

Aos cinco meses, a galinha já está em condições de produzir ovos, e deverá consumir em torno de dois quilos ou um pouco mais de ração, para dar, em troca, uma dúzia de ovos. Hoje, o quilo da ração anda por volta de 15 cruzeiros, e a dúzia de ovos vem sendo vendida a 50 cruzeiros. De dúzia em dúzia, o lucro cresce.

**EVITAR O "OVO CHOCO"**

Essa poedeira é híbrida, e se destina só à produção de ovos. Por isso deve ser dispensada a presença de um galo. Mesmo porque, como lembra o Klohn, é bom que se evite que os ovos fiquem chocados. Como a galinha é híbrida, ela não chocará os ovos, mas outra poderá fazer isso, o que não é conveniente.

O agrônomo explica que, nesses casos, os pintos não serão de boa qualidade, pois a ave não se destina à reprodução. Outro detalhe que ele considera importante é o de que a galinha não deve engordar muito. Se isso acontecer, haverá uma queda na produção. O controle no uso da ração impedirá que a galinha ganhe muito peso.

A coleta dos ovos também tem seus segredos. Eles devem ser recolhidos dos ninhos duas vezes por dia, e guardados em locais frescos e secos ou embalados em recipientes onde não quebrem ou trinquem. Não devem ser lavados, como muita gente faz, pois o ovo tem uma película, uma proteção, que ajuda na conservação da gema por mais tempo.

Poucos sabem também que o ovo deve ser guardado com a parte mais fina para baixo. No lado achatado, ele contém uma bolsa de ar, que abastece o pinto de oxigênio durante sua formação no interior da casca. Se essa bolsa for prensada, o ovo — que pode ser consumido até 15 dias depois da coleta — será conservado por menos tempo. Em alguns casos, os ovos são produzidos com a casca fina ou mole, e quando isso acontece Klohn recomenda que se adicione farinha de ostras à ração. A farinha é barata e ajuda a fortalecer a casca.

**As doenças preocupam**



Erica Michael: uma peste nunca vista

As pestes, que aparecem de repente e podem arrasar com um galinheiro, é o que mais preocupa o pessoal que se dedica à criação de galinhas e outras aves. Dona Erica Michael, da Linha 10 Oeste (Ijuí), cria galinhas há mais de 30 anos, e este ano viu o que nunca tinha visto nesse tempo todo. Bateu uma peste na criação, acabando com umas 35 galinhas e uns 25 patos.

Desta vez, dona Erica repetiu o tratamento que antes dava um pouco de resultado, usando um pó branco para tentar evitar a mortandade. "As galinhas estavam caminhando bem, mas ficaram tristes e morreram logo depois", conta ela. A tal peste atacou no verão, e sobram umas 50 galinhas e três patos.

As doenças sempre surgem no inverno, e quase sempre dona Erica não sabe que tipo de peste ataca a criação. O que ela sabe é que dá febre, as aves ficam abatidas e com a pele meia preta. Os bichos são criados soltos, ao redor da casa, e dormem num galinheiro, num galpão e até na estrebaria das vacas. Comem ração e milho e produzem ovos para o pessoal da casa e três peões.

**MISTURANÇA DÁ CERTO?**

Dona Erica tem galinhas "caipiras" e frangos de peito duplo, desses comprados de um dia. E está um pouco desconfiada que a mistura, da galinha "caipira" e dos frangos comprados, pode não dar certo, como dizem os veterinários. Essa desconfiança também preocupa a dona Norma Florentina Mertens, de Sede Velha (Augusto Pestana).

No ano passado, deu uma peste na criação, terminando com mais de 50 galinhas. Dona Norma ficou só com 4 galinhas, um galo e uns pintinhos, e agora pretende parar um pouco com a avicultura. Ela tentou evitar que a doença se alastrasse, dando sal amargo para as aves, que tinham febre e ficaram meio abatidas.

Dona Norma também cria tudo misturado, solto no pátio, e acha que agora o bom é dar uma parada, para que a ameaça das pestes não termine com tudo de novo. Ela de-



Norma Mertens: é bom dar uma parada



Pierina de Godoi: problemas de postura

cidou criar pouca galinha, mesmo que tenha que comprar ovos da vizinhança. Também no seu caso, ela nunca conseguiu descobrir a doença, que ataca a criação em qualquer época do ano. Mas também nunca viu uma peste igual a do ano passado.

**QUEROSENE COM ÁGUA**

Dona Pierina Rosin de Godoi, da Linha Iracema (Chiapetta), vem tendo mais sorte. Só neste verão é que uma doença atacou uns pintos recém-comprados, terminando com mais de 20. Os pintos estavam com 15 dias, quando começaram com uma diarreia forte. Nem querosene com água, leite e outros remédios caseiros evitaram que os bichos morressem.

"A querosene às vezes resolve, mas às vezes não dá certo", diz a dona Pierina. Ela tem umas 80 aves, sendo 22 das galinhas brancas compradas de um dia, e o resto é tudo crioulo. Em alguns anos as pestes aparecem, mas nunca chegaram a acabar com toda a criação.

Mas a produção das galinhas não anda muito boa. Disso tudo, só umas 8 ou 10 vêm pondo normalmente. Dona Pierina não sabe porque o resto da criação tem problema de postura. As aves ficam soltas pelo pátio, e de noite vão para um galinheiro. A alimentação tem sido a ração comprada e, depois da safra, será milho.

# O PRODUTOR SÓ CONFIA NA TÉCNICA DEPOIS DE VER SEUS RESULTADOS

Qual é a área de ação específica da Empaer?

Com a divisão do Mato Grosso em dois estados, surgiu a Empaer, que é uma sucessora da Emater-Mato Grosso, uma empresa que tinha seu trabalho em todo território do então Mato Grosso. A Empaer é uma empresa associada a Embrater — Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural — que difere, porém, do sistema tradicional da Embrater. É que a Empaer, além da extensão rural, também faz pesquisa e, portanto, também é associada da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). A Empaer atua em todo território do Mato Grosso do Sul. Ela trouxe uma inovação, que é o desenvolvimento da extensão rural e assistência técnica aliada à pesquisa. Os nossos técnicos levantam junto aos produtores os seus problemas e necessidades, que são passados para o escritório central. A partir disso, a coordenação central vai executar trabalho buscando soluções a esses problemas numa pesquisa com resultados mais rápidos.

Quais os projetos que a entidade vem executando e em que área?

Na área de assistência e extensão rural nós executamos projetos de interesse do Governo Federal, associando esses projetos aos projetos do Governo Estadual. Nós trabalhamos em cima de projetos e programas de produção de alimentos, como arroz, feijão, algodão, soja, amendoim, girassol e também projetos de grãos destinados a outros usos, como o de óleos industriais.

A ação da Empaer se concentra mais no pequeno, no médio ou no grande produtor?

Mesmo que não totalmente, a ação da Empaer se concentra mais em cima do pequeno produtor. Como nós somos associados de uma empresa nacional, seguimos as diretrizes dessa empresa. Então, em função de programas que existiam — e existem ainda — na nossa área de atuação, que é o Polocentro, por exemplo, nós ainda temos responsabilidades com produtores de médio e grande porte. Isto porque nós trabalhamos

com esses programas especiais, onde a responsabilidade da assistência técnica existe durante todo o tempo da vigência do contrato, o que no caso do Polocentro, Propec e Pronav, pode ir até 12 anos. Mas o enfoque hoje, a partir de 1979, a diretriz nacional, é dar ênfase ao trabalho com o pequeno produtor.

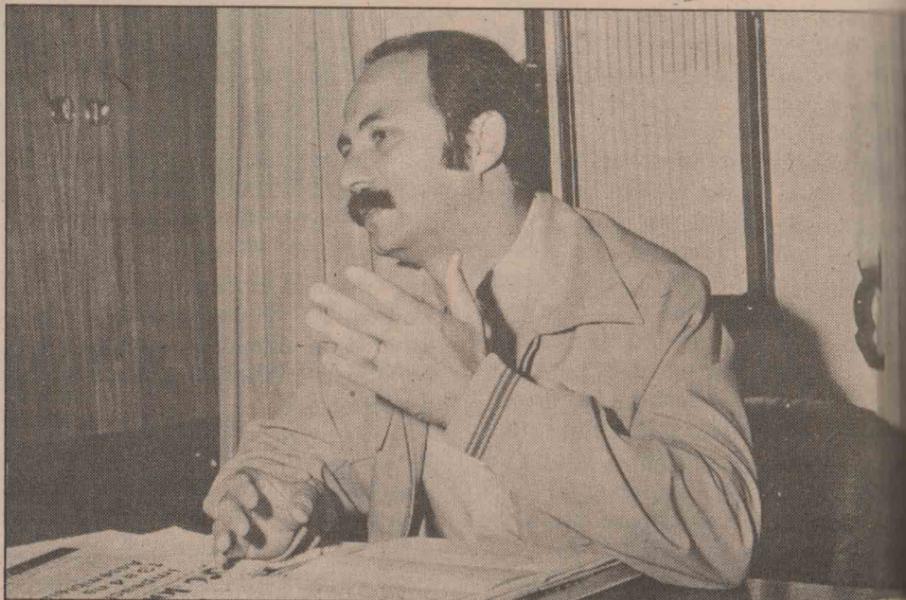
Existe algum programa no sentido de coordenar a implantação de um modelo regionalizado de exploração agrícola, diversificação de culturas, implantação de novas áreas, etc?

Nós temos aqui o cone-sul do Estado, que é a Grande Dourados uma região que tem, pela sua própria característica de solo, uma melhor fertilidade. Nela existe uma população muito maior e é em cima desta área que o Governo estadual tem um programa que visa uma integração de desenvolvimento. Este programa contempla atividades, tanto na área de produção como na área social e de transportes. É o PDI (Programa de Desenvolvimento Integrado), que abrange oito municípios. A Empaer participa ativamente deste programa, dentro da área de produção agropecuária. Como ali nós teremos obras de infra-estrutura, como energia elétrica, estradas, saneamento básico, assistência social, nós também estamos fazendo programas especiais para aquela área, em função da potencialidade do solo e do modelo fundiário. O Provárzea estadual, por exemplo, esse programa de aproveitamento racional das várzeas, nós estamos fazendo com maior ênfase na região do PDI, que é uma região exclusivamente de pequenos produtores.

Quais as novas culturas que estão sendo recomendadas?

Como a Empaer também faz a pesquisa, nós também estamos testando novas opções para a agricultura do Mato Grosso do Sul. Opções principalmente em solos de cerrados, que é o grande potencial que o Estado tem de expansão de sua fronteira agrícola, mas onde o produtor tem poucas opções de cultivo, exatamente por ser uma área de expansão. Além disso, nós estamos tentando fa-

*Num estado novo como o Mato Grosso do Sul, onde a economia é basicamente alicerçada na agropecuária, o papel da assistência técnica ao produtor e da pesquisa agrônômica é de fundamental importância. Aqui nesta entrevista o agrônomo Natal Baglione, diretor da Empaer — Empresa de Pesquisa Agrônômica e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul — fala à correspondente do Cotrijornal na região, Lorena Ely Fischer, do trabalho que esta empresa vem desenvolvendo no estado. Ele comenta ainda quais as perspectivas de crescimento da produção agrícola e pecuária no Mato Grosso do Sul. Reconhece, também, que o produtor só vai acreditar na assistência técnica depois de ver os resultados positivos que ela possa trazer para sua produção.*



Natal Baglione: ênfase ao trabalho com o pequeno produtor

zer uma maior racionalização do que já existe, como por exemplo, trabalhando em experimentos em trigo nessas áreas de cerrado. Estamos realizando também experimentos racionais de competição de variedades de soja, de arroz e, principalmente, calibração de adubação no setor de hortaliças. Nós temos aqui experimentos de variedades de batatinha inglesa, introdução de variedades de cebola e alho. A cebola e a batatinha no cinturão verde de Campo Grande, o alho na região de Vila Vargas (no município de Dourados) e os demais experimentos estão distribuídos principalmente na área de cerrado.

Qual o nível de pesquisa dessas novas culturas?

Como a Empaer é uma empresa nova, ela não tem uma estrutura muito grande de pesquisa. Mas sendo também associada ao sistema Embrapa, isto traz bastante facilidade e nos dá uma grande atividade. O que nós temos feito hoje é basicamente extensão regional de pesquisa, estendendo os ensaios nacionais da Embrapa. Estes ensaios, antigamente, eram feitos aqui no Estado basicamente na região de Dourados, através da Uepar. Nós agora estamos estendendo estes ensaios nacionais para todo território do Mato Grosso do Sul, principalmente em áreas de cerrados, onde até hoje não foram feitos.

Temos também algum trabalho em pecuária de corte, em culturas animais, em café e hortaliças. A hortaliça é a que mais tem impressionado o produtor, devido ao seu ciclo mais curto. Nós testamos em torno de 20 variedades de batatinha, com

produção — a nível de canteiro — em torno de 25 a 30 toneladas por hectare, quando até então se acreditava que não se conseguia colher batatinha aqui. Tudo isso são experimentos realizados dentro da propriedade do produtor e, então, ele não está apenas recebendo informações, mas sim acompanhando diariamente e colaborando inclusive nos tratamentos culturais. Como é o primeiro ano, estamos tendo o cuidado de fazer repetições para ver se não são fatores aleatórios que conduziram àquelas condições de alta produtividade.

De forma geral, como vê o nível tecnológico do nosso agropecuarista?

Depois de muito discutir programação, nós já amadurecemos muito em cima de uma pergunta dessa natureza. Se o homem, o pecuarista do Mato Grosso do Sul, vive até hoje, de uma forma ou de outra, mantendo seu patrimônio, e muitos deles aumentando o patrimônio, se ele está educando seus filhos, nós temos que entender que ele é um homem bem sucedido. Dentro das dificuldades que o Estado apresenta, o nível tecnológico dele deve ser satisfatório. Com uma exceção nós conhecemos pecuaristas que tiveram que vender suas fazendas por não usar um nível tecnológico, que não pudesse mantê-la como um empreendimento rentável. Para as condições do Estado, em condições adversas, ele tem um nível tecnológico, podendo ser melhorado. E trabalhos tem sido feitos para levá-lo a uma melhora que realmente seja significativa e não uma melhora que técnicos achem que possa ocorrer. Por isso a Empaer recomenda atividades que são plenamente de conheci-

mento público, atividades rentáveis e comprovadas pela experiência e pela prática. Nas coisas novas temos muito critério para implantar e fazer com que o pecuarista adote, isto em função de não quebrar essa estabilidade que ele já possui. A agricultura é uma área um pouco mais rápida para se dar uma resposta do que na pecuária. Hoje você tem uma cultura num ciclo de 5 a 6 meses. Então estamos tendo mais sucesso, por ser uma atividade mais rápida, mesmo que acreditemos que na pecuária possamos chegar a uma situação parecida.

Para que tipo de produto se vê as melhores perspectivas no Mato Grosso do Sul?

O que na realidade incentiva o produtor rural, e não podia ser diferente, é o preço que ele recebe. Alado ao preço está o risco que a cultura oferece. Então, quanto menor o risco mais segurança ele tem no empreendimento. Associando estes dois fatores nós podemos dizer que as perspectivas no Estado são muito boas para a soja e a perspectiva é melhorar mais ainda, porque os preços a partir deste ano melhoraram sensivelmente. O milho, que está tendo uma receptividade muito grande, vai ter uma área maior que nos anos anteriores, exatamente porque o milho não tinha preço nem tradição no Estado. Nós vemos perspectiva maior para o amendoim, um produto que por decisão governamental vai entrar na composição de óleos industriais, principalmente para substituir o óleo diesel. E temos ainda a cana, através do Proalcool.

Glauco Olinger declarou há pouco que o agricultor acredita primeiro no vizinho, depois no vendedor e só então no técnico. Como vê a questão?

É uma questão até de lógica. O produtor, até a história mostra isso — e cito a São Tomé — vai acreditar naquilo que vê. Na primeira instância ele vai acreditar naquilo que o vizinho conseguiu produzir. Depois ele passa a acreditar naquele homem, até sabendo que está sendo em parte logrado, mas é o único que lhe ajuda, que é o intermediário. Nós sabemos que ele paga mal o pequeno produtor. Mas ele acaba sendo o homem que o apóia para conseguir o crédito, sem precisar de aval nem documento. Quando o intermediário vai buscar a produção dele, invariavelmente traz sal, arame, etc. Então, mesmo sabendo que o intermediário não paga bem, ele é uma opção.

Posteriormente, aos primeiros contatos com o técnico, e mediante o resultado positivo do seu trabalho, é que se vai conseguir ter a confiança do produtor. Foi assim no trabalho que realizados em Fátima do Sul, Deodópolis e Glória de Dourados.

## A avaliação do produtor

Gaúcho, o agricultor Nelson Zeilmann, juntamente com seu pai e um irmão, cultivam apenas soja, numa área de 1.800 hectares no município de Ponta Porã. Andam pensando também em plantar outras culturas que tragam bons resultados, como o girassol e o painço — gramínea utilizada como alimento para aves e pássaros.

Com a soja, Nelson tem uma produção média de 30 sacas por hectare, "mas a nossa produtividade tem que alcançar até 40 sacas/hectare. Acha que o que está faltando na agricultura, para melhorar ainda mais é um pouco mais de incentivo, "pois quem pretende abrir novas áreas com recursos próprios torna-se "um herói", já que corre riscos muito grande e ainda conta com preços de produção muito baixos."

Nelson diz que leva muita fé na agropecuária, "se ela cair, tudo vai desmoronar junto. Enquanto as coisas estiverem nas mãos dos bancos tudo vai muito mal. Hoje só existe monocultura, juros altos, preços baixos..."

### TRABALHANDO BEM

Desde 1955 o seu Manoel Raimundo de Oliveira está morando em Indápolis, município de Dourados, no MS. Planta soja, trigo, alho e um pouco de arroz, numa área de 21 hectares, sendo que apenas 14 são de sua propriedade. O resto é arrendado. Sua produção chega em torno de 1.250 sacas de soja, 510 sacas de trigo, mais ou menos uns 3.000 quilos de alho e 80 sacas de arroz.

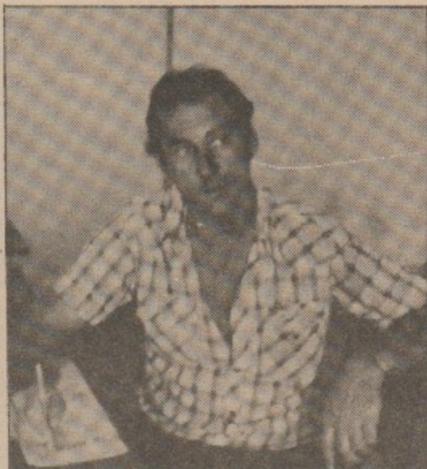
No ano passado o seu Manoel Raimundo conseguiu o primeiro lugar no concurso de produtividade de trigo no Estado promovido pela Empaer. Todos os



Kazuo Shimada: maior agilização



Orlando de Oliveira: preocupado com o planejamento



Nelson Zeilmann: falta incentivo



Manoel de Oliveira: sem problemas

seus projetos agrícolas são realizados pela Empaer e "estou satisfeito com a assistência que recebo. Se é necessário, os técnicos vêm aqui em casa". Até agora o seu Manoel Raimundo não teve problemas e muito menos ouviu reclamações de vizinhos quanto a atuação da Empaer. "O que muitas vezes acontece é que alguns não compreendem certas mudanças, técnicas modernas na agricultura..."

### A FALTA DE ORIENTAÇÃO

O maior problema enfrentado pelo seu Benedito Otávio de Oliveira, um paulista que está no MS desde 1956, é a falta de orientação técnica e melhores condições para a compra de máquinas. Seu Benedito é proprietário de 17 alqueires e arrendatário de outros 10, mas planta somente a soja e o trigo. Tem conseguido uma produtividade anual de 150 a 165 sacas de soja por alqueire e 1.100 sacas de trigo nos 17 alqueires. É que a geada andou prejudicando demais o trigo do seu Benedito.

Na lavoura de soja, o seu Benedito tem se incomodado demais é com o fedefe e com as lagartas, "que têm aumentado demais de ano pra ano". Ele conta que há três anos, dava para juntar as borboletas, "mas agora não dá mais".

Embora nunca tenha se utilizado dos benefícios prestados pela Empaer, seu Benedito conta que tem ouvido boas informações a seu respeito. "O que o pessoal tem me contado é que o trabalho deles é muito bom".

### A EMPAER PRECISA SE AGILIZAR

Depois de chegar do Japão, Kazuo Shimada permaneceu em Assad, norte do Paraná por 10 anos, plantando café. Mais tarde comprou 20 alqueires em Indápolis — Dourados — onde continuou a cultivar



José dos Santos: buscar outro prêmio

café por mais uns 10 anos. Só que as geadas fizeram com que Shimada trocasse o café pela soja e o trigo. Logo que entrou para o trigo/soja, Shimada associou-se a uma empresa em Dourados que é responsável pelo seu planejamento agrícola, "que é descontado na produção".

Durante um ano, a Empaer foi responsável pelo planejamento agrícola de Shimada, "mas depois desisti, porque o financiamento demorou 90 dias para ser liberado e ainda foi em parcelas e isso me causou sérios prejuízos". A crítica que Shimada faz a Empaer é no sentido de que é preciso uma agilização no sistema de liberação dos financiamentos.

### ENROLANDO MUITO

O seu Orlando de Oliveira planta trigo e soja numa área de 60 alqueires de terra, em Indápolis, Dourados. A média de 100 a 140 sacas de soja por alqueire, é considerada por seu Orlando como um bom resultado, "só que isso não acontece com o trigo, que mal dá para pagar os "papagaios" nos bancos".

Uma coisa que preocupa muito o seu Orlando é o tal de planejamento agrícola, que atualmente está sendo feito por uma empresa de Dourados, "que faz uma média de três visitas à lavoura durante a safra, dando a orientação técnica necessária. Só que numa safra a empresa contraindicou a aplicação de um inseticida, mais tarde as lagartas tomaram conta da lavoura e o seu Orlando teve que mandar fazer pulverização aérea. Um ano, o seu Orlando chegou a se utilizar dos serviços da Empaer, "mas ela começou a enrolar muito e a gente enjoou". Na opinião do seu Orlando, a Empaer serve apenas para o Proagro, (embora tenha se utilizado do Proagro apenas uma vez) "pois quando a produção quebra, não há outra alternativa".

### O VALOR DA BOA TERRA

No ano passado, o seu José Pereira dos Santos obteve o primeiro lugar no concurso de Produtividade da soja, promovido pelo Inkra. Este ano, já anda se preparando para receber o prêmio pela segunda vez. "Se Deus quiser, este ano eu vou a Brasília de novo, para buscar outro prêmio de produtividade estadual".

Seu José Pereira dos Santos, reside há mais de 20 anos no município de Caarapó, São Miguel. Trabalha numa área de cinco alqueires arrendados, sendo que parte é ocupado com soja e trigo e outra com café intercalado com soja e milho.

A terra da região onde mora o seu José é muito boa e a produtividade tem sido excelente. "no ano passado cheguei a uma média de produção de 75 sacas por ha. Este ano acredito que mantereí esta média, se não aumentar.

## Racionalização no atendimento veterinário

Sair atrás de um veterinário cada vez que aparece um animal meio doente, é um hábito que já formou na idéia do produtor. Desde que se criou uma assistência médica veterinária na Cotrijuí, o pessoal adquiriu esse costume. É volta e meia, e o produtor anda chamando o veterinário na sua propriedade, mesmo que seja só para fazer um atendimento simples, bem ao alcance do produtor. Era só ter um pouco de conhecimento da doença e algum medicamento em casa, que o próprio produtor, em poucos minutos, teria condições de resolver o problema.

Esse costume do associativo de ir até a cooperativa buscar um veterinário para fazer clínica, por qualquer doença do animal, "criou uma certa imagem perante o associado que não é correta", como comenta o Otaliz de Vargas Montardo, veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí. Ele continua: "fica parecendo que a única missão do veterinário é a de só cuidar de animais doentes. Atender chamados e fazer clínica, são apenas algumas das missões que temos que cumprir".

### ORIENTAR E PREVENIR

É claro que se um animal estiver gravemente doente, é um médico veterinário que deve ser chamado, e sempre com a maior urgência, pois o produtor deve sempre procurar salvar a sua criação. Só que, além de tratar de animais doentes, o veterinário também deve se preocupar com a alimentação, com a organização da propriedade rural. O veterinário tem o dever de orientar o produtor quanto aos cuidados com o seu rebanho, prevenção de doenças etc., mas é preciso que as chamadas diminuam, para que haja tempo para os veterinários se voltarem para trabalhos de extensão.

"Um caso bem comum,

que quase sempre faz o produtor sair atrás de um veterinário, é quando acontece uma retenção de placenta. Quando acontece casos assim, se o produtor tiver medicamentos em casa, não precisa de um veterinário", conta o Otaliz. Outro caso, também comum, em que os veterinários são muito solicitados, é quando ocorrem deficiências minerais e enfraquecimento das vacas logo após o parto.

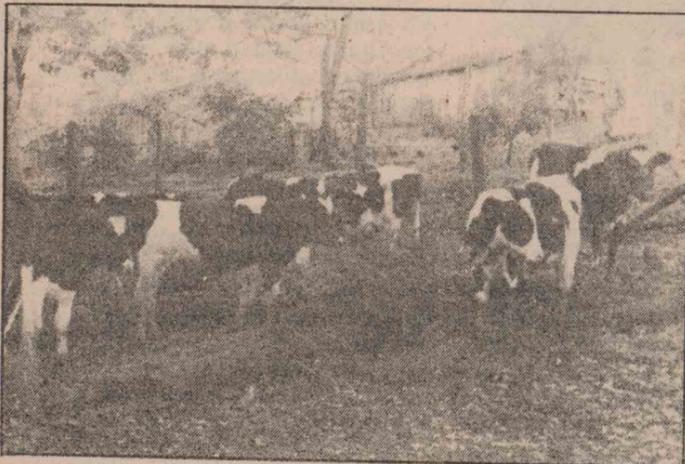
### NA ÁREA DE PRODUÇÃO

Na verdade, os veterinários não estão querendo deixar de atender chamados dos produtores. O que eles querem fazer é atender somente casos mais graves. Explica o Otaliz:

— "Cada vez que o veterinário for chamado para atender uma diarreia, por exemplo, tanto o produtor como a cooperativa estarão perdendo dinheiro e tempo. E acontece muito do veterinário deixar de atender um caso grave que merecia a sua atenção, porque estava no interior atendendo uma simples retenção de placenta. É isso que queremos que acabe. A partir do momento em que diminuírem os chamados, o veterinário poderá se voltar para a área de produção, de extensão rural. Agora não é deixando de atender a todos os chamados que o veterinário vai ficar só atrás do balcão. Ele deixará de ser apenas um clínico, para se voltar para outro tipo de serviço, no sentido de melhorar o atendimento aos produtores.

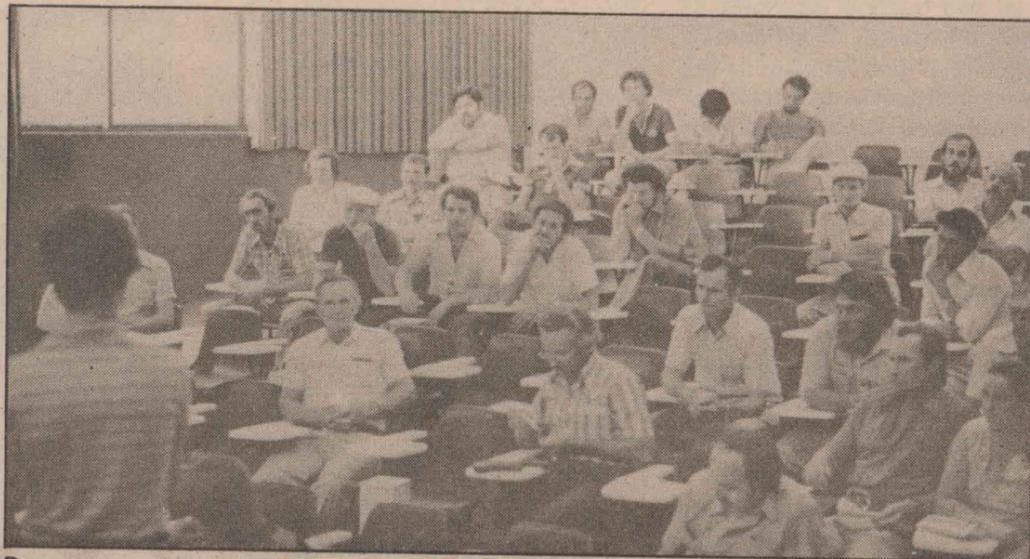
### ATÉ CURSOS

Para resolver os casos mais simples, em casa mesmo, a equipe de veterinários da Cotrijuí anda pensando em organizar cursos de enfermagem aos produtores rurais. Nestes cursos e mesmo nas reuniões, os produtores aprenderão a aplicar injeções, medicamentos, assim como prevenir doenças e resolver problemas comuns.



A intenção é permitir que os veterinários possam também atender a parte de alimentação e organização das propriedades rurais

# O LEITE E O FRETE



Durante esta reunião entre freteiros e representantes dos produtores foi definido um novo aumento no frete

A reunião do Conselho Central dos Produtores de Leite com representantes da Associação dos Transportadores de Leite de Ijuí — Atralei — que tinha como assunto principal o aumento para o frete do leite, começou bem movimentada. Os freteiros queriam aumento mas, antes de tudo, também queriam ouvir uma proposta de aumento por parte dos produtores. Estes, de saída, iam dizendo que estavam reunidos porque os freteiros é que queriam aumento, então, eles é que teriam de apresentar a sua proposta. As discussões já iam se prolongando, quando o pessoal resolveu fazer uma votação para decidir a questão. Vencidos, os freteiros que tinham tudo anotadinho, apresentaram a sua proposta de aumento do frete que, por sinal, não agradou nem um pouquinho aos produtores. O pedido de aumento, se levado em conta o último reajuste no frete, era de 69,6 por cento. Se fosse aprovada a proposta, o leite passaria de Cr\$ 1,65 para Cr\$ 2,80. Os conselheiros, de Ajuricaba, Augusto Pestana, Vila Jóia e Ijuí, se viram obrigados a organizar uma contra-proposta.

### AS JUSTIFICATIVAS

O preço do frete do leite não aumentava desde o mês de julho passado, quando freteiros e produtores, reunidos, fizeram um acordo — registrado em ata e assinado pelos presentes à reunião naquela época — estabelecendo que o preço do frete para o leite ficaria em Cr\$ 1,65 até o final do ano. Só em janeiro é que voltariam a se reunir para discutir um novo aumento. O acordo resistiu aos constantes aumentos do combustível, do próprio leite, das peças de caminhões...

"Só um pneu", justificava o presidente da Atralei, Ervino Neuhaus "que no meio do ano andava custando coisa de Cr\$ 4 mil, agora não custa menos de Cr\$ 9 mil. O aumento foi de mais de 100 por cento. Se os freteiros se utilizavam das altas das peças e desgastes de seus carros para convencer os produtores a aceitarem a sua proposta, estes também tinham suas razões para reclamarem. "Os aumentos no preço do leite não foram tantos e, além do frete, ainda temos outros tantos descontos que todo o mundo sabe. No final das contas, não nos sobra muita coisa".

Lá pelas tantas, em meio as discussões de aceita, não aceita, os produtores chegaram a sugerir um estudo dos custos de

transporte de leite, pegando linha por linha. Até uns cálculos andaram fazendo. Assim, meio por alto e no geral, os produtores descobriram que um freteiro estaria recebendo, com o preço de Cr\$ 1,65 pelo litro de leite, em torno de Cr\$ 70 mil por mês. Se o litro de leite fosse para Cr\$ 2,80, "os freteiros passariam a ganhar coisa de Cr\$ 130 mil por mês. Claro que isso sem levar em conta as despesas de combustível, prestações do carro, peças substituídas...

Se os produtores estavam irredutíveis e dispostos a não pagar um preço muito alto, os freteiros também não queriam arrear o pé para um preço muito distante do que haviam pedido. "Precisamos deixar de empatar dinheiro", reclamavam.

As discussões se prolongaram por quase toda a tarde, o que não é nenhuma novidade, pois cada vez que freteiros e produtores se encontram para discutir novos reajustes para o frete, as duas partes levam horas para se entender, quando não dias. Depois de muitos entra e sai da reunião e das conversas e discussões em grupos, os freteiros encerraram a questão, aceitando a contra-proposta dos produtores, que fixa o preço do frete em Cr\$ 2,60 por litro, até que aconteça um novo aumento para o leite à nível de produtores. A partir de um novo aumento, o frete será correspondente a 15 por cento sobre o valor do leite pago aos produtores. Por exemplo, se no mês de março o litro de leite, à nível de produtores passar de Cr\$ 16,07 para Cr\$ 18,00, o frete passará para Cr\$ 2,70 o litro e assim por diante.

### HORA DE UNIÃO

O descontentamento pelo preço do leite, o lucro da intermediação fez com que os produtores esquecessem o novo preço do frete e convidassem os freteiros para se unirem e lutarem por uma política de preços mais justo para o leite. "Está na hora de nos unirmos, pois quanto melhor for o preço pago pelo leite à nível de produtor, melhor será o preço do frete". Criticaram a intermediação, "que está ficando com todo o nosso lucro" e ainda fizeram um alerta, dizendo que se dentro de algum tempo o preço do leite não melhorar, "estamos dispostos a parar". A margem de lucro entre o preço que recebemos — Cr\$ 16,07 — e o preço que o consumidor anda pagando — Cr\$ 27,00 — é muito grande e isso não está certo".

# A EMPOLGAÇÃO COM O MILHO

O crescimento na área de plantio do milho é de impressionar. Apesar de confiantes nos resultados da safra, os agricultores já começam a temer o que pode acontecer com o preço, se o milho a cada ano for aumentando sua área de produção.

"Na próxima safra, eu deixo metade da lavoura para o milho". A promessa talvez nem seja cumprida, mas o seu Alzevir Scherer, de Ponte Branca (Augusto Pestana) garante hoje que está mesmo empolgado com o milho. E não é só ele. Os produtores, que começaram a investir mais nessa cultura na safra passada, aumentaram suas lavouras e já anunciam que vão tirar um bom pedaço da área de soja, a partir de agora.

Segundo o Alzevir, que planta uns 10 hectares, o milho está ganhando força como nunca se viu. Ele fez uma lavoura de um hectare e meio este ano, porque não estava tão esperançoso. Mas na próxima safra sua área vai se dividir ao meio: uma metade para a soja e a outra metade para o milho.

— Se no ano que vem o milho ficar com um preço mais ou menos como de agora, e a soja também, o negócio vai ser o milho. Só não vai dar pra plantar apenas milho. Se acontecer isso, o preço pode cair. Mas a vantagem é que o milho tem menos custo e é mais fácil de colher, porque não se gasta muito.

O seu Alzevir notou a diferença nas lavouras este ano, espiando a vizinhança. "Aqui por perto era puro soja, e agora há milho bastante", diz ele. Só que Alzevir não pretende vender a safra deste ano. Mas no ano que vem vai plantar para ganhar dinheiro, se o preço continuar acompanhando o de agora.

## PLANTAR, MAS NÃO MUITO

O seu Nestor Rodolfo Ottonelli, de São Judas (Chiapetta), é outro arrependido. Ele tem uma área de 20 hectares, e plantou apenas dois hectares de milho, quase a mesma coisa do ano passado. Ele não cria porco, e por isso não quis aumentar a lavoura. Além disso, tinha plantado trigo e não dava para esperar a colheita, pois o plantio do milho poderia atrasar muito.

"Agora está mesmo bom, porque tem pouca gente plantando, mas se de todo mundo inventar de plantar?", indaga o Nestor. Ele também garante que, se o preço estiver bom na época do próximo plantio, vai aumentar a área, mesmo que a lavoura atual não esteja muito boa. Faltou chuva e uns pedaços foram castigados pelo sol.

Nestor acha que o importante no milho é que não dá muita praga. Ele espera colher mais de cem sacas por hectare, apesar de não conhecer muito a produtividade. Também lá para os lados de São Judas o resto dos produtores anda otimista, pois a maioria plantou milho.

## GRANDE TAMBÉM ARRISCOU

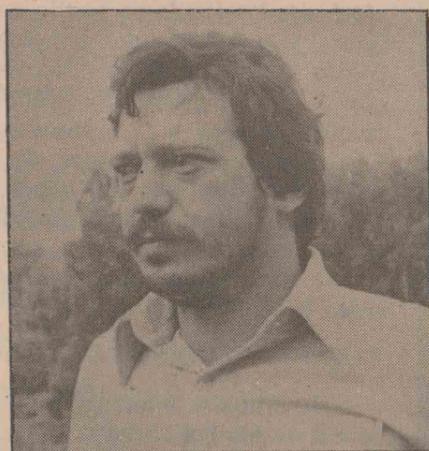
Mas não só os pequenos andaram buscando no milho uma nova alternativa



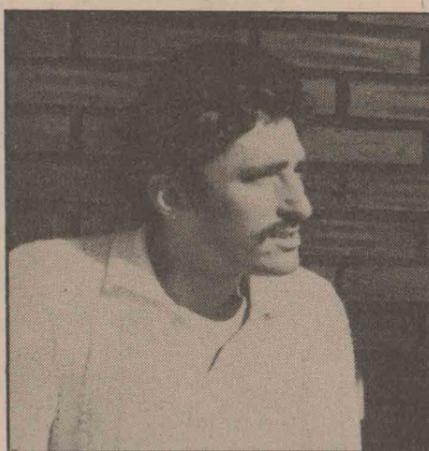
Um bom negócio não só para o consumo em casa, mas também para comercializar



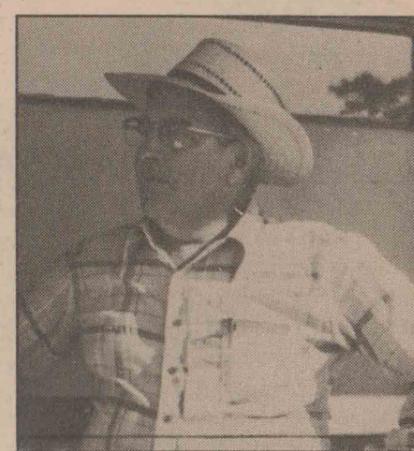
Alzevir Scherer: só milho também não dá



Nestor Ottonelli: arrependido de plantar pouco



Otávio Rutilli: uma renda antecipada



Antônio Rutilli: o medo da queda do preço

de verão. O seu Antônio Rutilli, de As Brancas (Chiapetta), é bem uma prova disso. Ele tem 320 hectares, e nesta safra dedicou 15 hectares ao cereal. Em relação ao ano passado, a área teve um aumento de 5 hectares. Se ele pudesse prever que o mercado continuaria bom, teria plantado muito mais.

Seu Antônio plantou para o consumo da própria granja, mas vai vender uns 40 por cento da produção. Ele tem medo de queda no preço, mas admite que a cultura é um bom negócio. Seu filho, o agrônomo Otávio Rutilli, concorda com isso, dizendo que o milho pode dar muita segurança aos agricultores.

— O milho tem grande importância social. Nesta época, ele já está garantido, e a soja ainda não. Além disso, pode ser comercializado antes da soja, garantindo uma renda antecipada que até bem pouco o produtor não tinha.

## MELHOR PARA O PEQUENO

Otávio está certo de que o milho é bom negócio, não só para consumo na própria granja, mas também para comercialização. Se depender dele, seu Antônio vai aumentar bastante a área da próxima safra. "O milho também contribui para o equilíbrio da fertilidade do solo, e por isso é importante na rotação de culturas", afirma Otávio.

Ele também cuida da granja, e acha que vai colher perto de 120 sacas por hectare. E, com um bom manejo, Otávio acredita que qualquer agricultor pode conseguir isso. "Para formar uma lavoura — diz ele — o produtor precisa só de semente e de fertilizante, e usa a própria mão-de-obra familiar. O milho é uma opção muito mais importante para o pequeno do que para o grande".

## O produto ganha força

A importância que o milho passou a ganhar, a partir de 1979, pode ser bem explicada. O diretor técnico da Cotrijui, Nedy Borges, lembra que as frustrações de 78 e 79 deixaram o mercado com pouco milho. Além disso, houve um aumento na criação de aves, suínos e gado de leite. E, para completar, o governo começou a retirar o subsídio do trigo, que voltou a ser um produto meio caro.

O mercado, então, ficou bom para o cereal. E vai melhorar ainda mais, segundo Nedy Borges, se as autoridades derem mais atenção para o milho como produto importante para a alimentação humana, em substituição ao trigo, que além de ser caro ainda é importado.

Na área de ação da Cotrijui, a lavoura de milho começou a crescer na safra do ano passado, quando chegou a quase 44 mil hectares. Este ano a colheita será maior ainda, pois a área de plantio ficou em mais de 59 mil hectares. Borges lembra que agora não só o pequeno produtor, mas também os médios e grandes começam a investir no milho.

"A Cotrijui quer que o milho seja, a partir de agora, um dos produtos mais importantes da Cooperativa", afirma Nedy Borges. Para que isso aconteça, está sendo dada toda atenção ao produtor, em termos de assistência técnica, recebimento da produção, facilidade de comercialização. Isto tudo está sendo conseguido aos poucos, mas já dá pra sentir que o agricultor ficou mais tranquilo, principalmente quanto a armazenagem e liberdade para comercialização. Ele po-

de entregar a produção à Cooperativa, retirar ou vender quando quiser, sem se preocupar com estocagem.

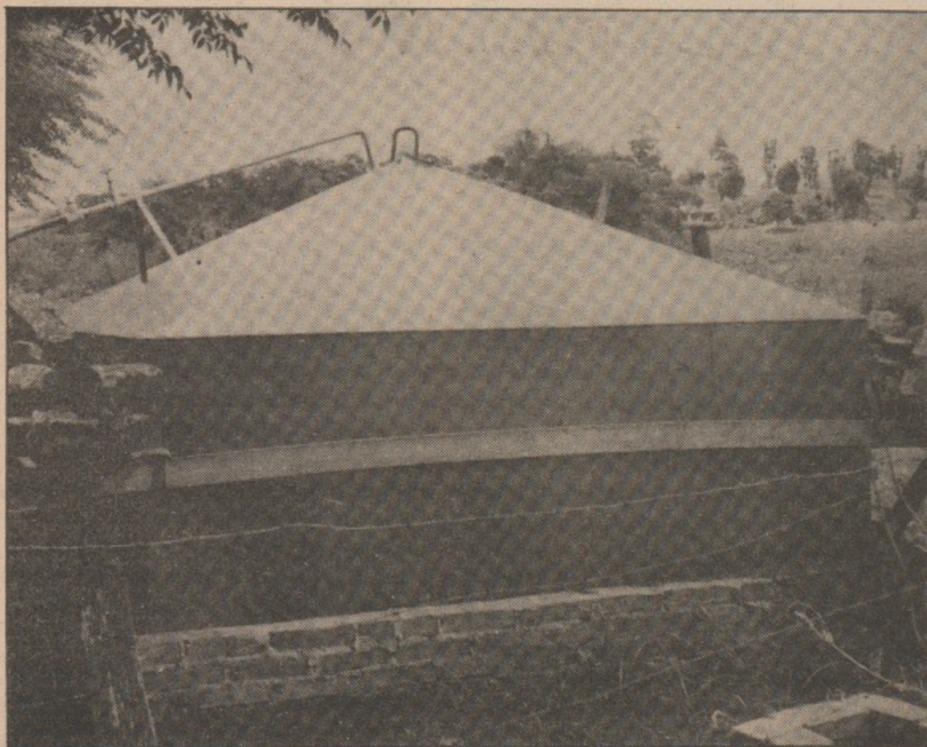
## BAIXOS CUSTOS

Nedy Borges acredita que, com esses incentivos, o milho vai mesmo subir de cotação. Segundo ele, o produtor não necessita de grandes gastos para formar a lavoura, e pode conseguir bons rendimentos sem altos custos. Nisso, Borges considera importante uma boa adubação com nitrogênio, o controle de ervas e, se possível, irrigação, para que a planta não fique sem água. Essa irrigação pode ser feita também sem maiores despesas.

Outro detalhe importante que o diretor técnico da Cotrijui ressalta é o que se relaciona com as sementes. O produtor deve utilizar variedades adequadas às condições de sua lavoura. Por isso, deve ser deixada meio de lado aquela ideia de que só é boa a semente híbrida. Borges diz que o produtor, especialmente o pequeno, pode e deve usar variedades menos caras. Isto porque as sementes híbridas são indicadas, principalmente, para lavouras com condições tecnológicas muito avançadas. Se não for assim, ela terá o mesmo rendimento de qualquer outra boa semente.

O certo é que o produtor pode investir tranquilo no milho. Há, é claro, uma certa preocupação com o mercado, mas Nedy Borges acredita que a situação vai ser favorável. Ele diz que os órgãos oficiais precisam dar atenção a este produto, como bom alimento que é. E, para o produtor, vale este lembrete: "Quem tem milho não passa fome".

# BIOGÁS: A ENERGIA QUE VEM DO ESTERCO



O biodigestor fazendo gás e adubo para a lavoura



Irmão Mário: substituindo a lenha

O silêncio e a calma da granja do Seminário dos Padres em Braga, tem sido quebrada pelas constantes excursões, caravanas e visitas ao biodigestor instalado, desde julho passado, naquela propriedade rural. O Irmão Mário Danilo Gonçalves, responsável pela instalação do biodigestor, é quem vive explicando o funcionamento e vantagens da "fábrica de gás". O tempo para andar lidando na lavoura começa a ficar meio curto. Quando não são estudantes, são agricultores, sindicalistas, que querem saber até onde realmente o biodigestor dá certo. Sempre de boa vontade, o Irmão Mário puxa seus arquivos, tabelas, desenhos e vai explicando.

## TUDO COMEÇOU NO CARNAVAL

A primeira informação da existência de biodigestores, o Irmão Mário teve em 78, quando lia um Suplemento Rural do Correio do Povo. "De início não mostrei muito inte-

resse, pois pensava que não ia existir tanto esterco para abastecer um biodigestor", comenta. No ano passado, numa reunião de prefeitos que aconteceu em Santo Augusto, saiu a informação de que em Santa Catarina havia alguns biodigestores funcionando. O Irmão Mário só esperou os feriados de carnaval e se tocou prá Santa Catarina, para ver com seus próprios olhos o que havia de verdade em toda a história.

— E como alguém sempre tem que ser o testa de ferro, resolvi construir um aqui na granja, pois esterco de vacas, porcos e galinhas é o que não falta".

O biodigestor instalado na Granja do Seminário dos Padres, da cidade de Braga (a 10 km de Coronel Bicaco) tem sido utilizado, desde a sua instalação em julho passado, apenas para fornecer gás para o fogão. Isto porque a granja dispõe de energia elétrica, embora o maior interesse

## A invenção não é de hoje

O biogás não é nenhuma novidade, mas nunca andou tão falado como de uns tempos para cá. É a produção de gás através de fermentação, sem a presença do ar, do esterco, da palha de lavoura, de resíduos de alimentos, lixo . . . , colocados dentro de um tanque enterrado no solo, bem fechado, que recebe o nome de biodigestor. O gás produzido por esta "fábrica caseira" oferece as mesmas vantagens do gás liquefeito, aquele que é vendido em botijões. O pessoal pode utilizar o biogás na cozinha, nas geladeiras, nos chuveiros, em motores estacionários para aquecer pintos, leitões. . .

Este processo de produção de gás com esterco e até mesmo com fezes humanas não é invenção de hoje. Ele já vem sendo usado há muitos anos pelos chineses, japoneses, indianos e mais recentemente pelos alemães. Na Índia, que já tem até tradição na produção do biogás, o primeiro biodigestor foi construído em 1900, enquanto que o Brasil só foi construir o seu primeiro biodigestor 79 anos mais tarde.

Só na Índia, já existem mais de 18 mil usinas produtoras de gás dispersas por várias regiões do país. A China, outro país que já vem se utilizando do esterco como fonte de energia, iniciou as experiências com o biodigestor em 1958 e hoje já possui mais digestores que a própria Índia. O gás produzido pela fermentação de esterco e restos de lixo é tão difundido nestes países, que muitas vezes se aproveita até os esgotos sanitários para a produção de energia através da digestão dos resíduos orgânicos.

O próprio encarecimento do petróleo

veio contribuir para que o biogás voltasse a fazer parte das propriedades rurais de vários países do mundo. Em Berlin, na Alemanha Oriental, durante uma Feira muito famosa, mais conhecida por Semana Verde Internacional, os alemães aproveitaram os estandes destinados ao gado e às energias alternativas para fazer demonstrações do funcionamento e aproveitamento do biogás.

Ao contrário do gás de botijão, o biogás tem a vantagem de não ser tóxico. No caso de acontecer algum vazamento, este gás não causa mal às pessoas e animais que estiverem dentro de casa. Por outro lado, as donas de casa poderão ficar mais descansadas, pois as panelas sujas e queimadas desaparecerão. É que o biogás, quando queima, não polui, nem deixa odor na comida e nem produz fuligem.

### O ADUBO PARA A LAVOURA

Além do gás, o produtor rural que tiver um biodigestor instalado em sua propriedade conta ainda com a vantagem de que passará a ter adubo pronto em casa e bem curtido. O trabalho do produtor vai ser só o de espalhar o adubo pelas lavouras. Aqueles resíduos líquidos que sobram após a fermentação do esterco — também conhecido como biomassa — e saem pelo tanque de saída do biodigestor, são ricos em nutrientes. Eles têm uma cor preta, mas sem cheiros desagradáveis, moscas ou agentes causadores de doenças. Este adubo, quando aplicado ao solo, além de conter nutrientes

para as plantas, aumenta a capacidade de retenção da água da chuva. Assim, se cria melhores condições de desenvolvimento para as plantas. Na verdade, o adubo curtido, é a grande vantagem do produtor que possui um biodigestor.

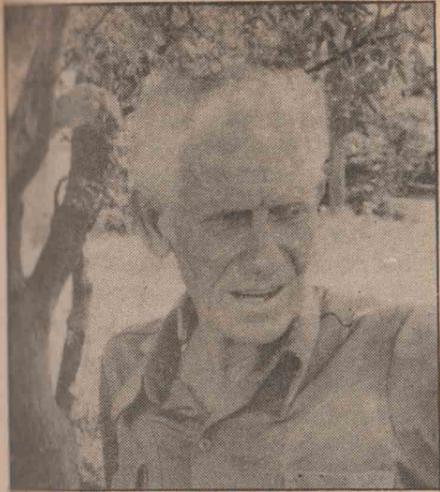
### O BIODIGESTOR — SUA CONSTRUÇÃO

Para as propriedades rurais, sem energia elétrica, a construção de um biodigestor está parecendo como uma nova alternativa na produção de energia barata, pois algumas vacas, porcos e galinhas, todo o produ-

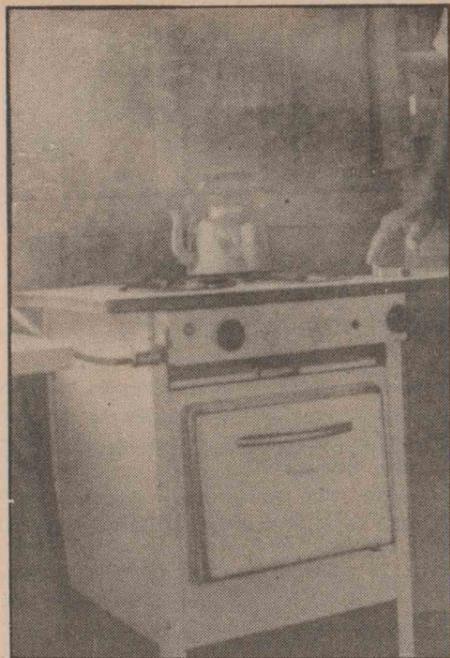
tor tem em casa. Num todo, a construção de um biodigestor anda por volta de Cr\$ . . . 70 mil. Muito mais barato que a instalação de uma rede de energia elétrica.

O biodigestor, em si, é formado por dois compartimentos, sendo um o tanque do digestor ou câmara de digestão e o outro compartimento, o gasômetro. É na câmara de digestão que vai o esterco misturado com água. Esta parte, na maioria das vezes, é construída com tijolos, dentro do chão. O carregamento de esterco no digestor é feito por um tanque, que, através de

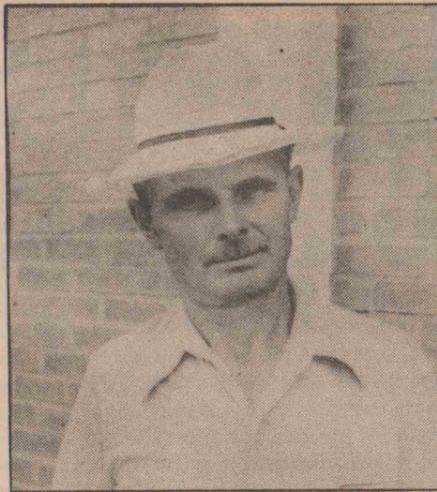
PROPORÇÃO DE ESTERCO		PROPORÇÃO DE ÁGUA	
<b>BOVINO</b>			
1 kg de esterco fresco		1 litro de água	
<b>SUÍNOS</b>			
1 kg de esterco seco		3 litros de água	
<b>EQUINO</b>			
1 kg de esterco fresco		1 litro de água	
<b>AVES</b>			
1 kg de esterco seco		8 a 10 litros de água	
Tabela nº 1			
FONTE ANIMAL	DISPONIBILIDADE POR DIA/KG	GÁS POR KG (m3)	GÁS POR ANIMAL POR DIA (m3)
BOVINO	10	0,0371	0,3679
SUÍNO	2,25	0,0636	0,1782
GALINHA	0,18	0,0050	0,0113
FEZES HUMANAS	0,4	0,0707	0,0283
Tabela nº 2			



Reciere Marangon: a solução ideal



O fogão movido à gás de esterco



Roberto Kuntzler: luz e adubo

do Irmão Mário seja o de aproveitar gás para motores. "Pretendo fazer um motor de quebrar milho funcionar à gás. É só trocar o carburador. Mas ainda não consegui descobrir o segredo para que funcione 100 por cento, como vi em Joaçaba, Santa Catarina".

Até agora, o biodigestor anda funcionando muito bem e como o uso do gás é mínimo, por enquanto só para o fogão, não tem sido preciso colocar esterco todos os dias. "Nós já ficamos até 35 dias sem colocar esterco no biodigestor, e não faltou gás, embora se gaste muito pouco, pois ainda temos fogão à lenha".

#### SUBSTITUINDO A LENHA

Uma das grandes vantagens do biodigestor é a produção do adubo, que o Irmão Mário trata logo de espalhar pelas lavouras. Quanto ao gás "é uma maneira de substituir a lenha que hoje já não existe mais. Prá

comprar, anda custando muito caro e também temos que levar em conta que o combustível todos os dias tá mudando de preço, ainda mais que o pessoal de fora tá substituindo o fogão à lenha pelo fogão à gás". O Irmão Mário concorda que construir um biodigestor, embora meio caseiro, corresponda a um certo investimento, mas assim mesmo, à nível de propriedades rurais, "o biogás está sendo a alternativa do momento".

#### SÓ DE CURIOSO

Numa das tantas visitas à Granja do Seminário apareceu o seu Reciere Marangon, proprietário de 150 hectares de terra e morando quase dentro da cidade de Braga. Conta o Ir-

mão Mário que o seu Marangon apareceu mais foi de curioso, "queria saber se dava mesmo prá cozinhar com o tal de biogás. Depois de um carreteiro feito no fogão à gás, o seu Marangon foi prá casa e decidiu, que mesmo tendo energia elétrica e morando quase dentro da cidade, ia construir um biodigestor.

"Eu pensava que o gás armazenado dentro daquele tanque pudesse explodir e nem acreditava que pudesse cozinhar mesmo, sem deixar a comida com cheiro forte. Depois que vi o biodigestor dos padres, me convenci". Para quem tem propriedade rural e não possui energia elétrica, o seu Marangon diz que um biodigestor é a solução ideal, "pois é barato e econômico".

Para inaugurar o novo gás, o seu Marangon chegou até comprar um fogão grande, daqueles de seis bocas, "foi só aumentar um pouco os furos

dos canos por onde sai o gás". A esposa do seu Marangon usa o biogás, desde que amanhece o dia, é para o café, para o almoço, para assar pão, carne, . . . e para a janta. O gás é consumido em grande quantidade, e por isso, diariamente, o biodigestor tem de ser reabastecido. "Quando o gasômetro começa a baixar, é porque o gás está se indo". É que o biodigestor do seu Marangon tem capacidade para apenas 5 metros cúbicos de gás fermentado. "Carregar o biodigestor é um serviço prá quem não tem preguiça". Todos os dias o seu Marangon põe coisa de 30 quilos de esterco de suínos e bovinos no biodigestor, misturado com uns 100 litros d' água.

#### NA LUZ E NO ADUBO

Em Sítio Bindé, Campo Novo, o seu Roberto Kuntzler ainda não conhece um biodigestor de perto, mas já ouviu falar muito e até já anda querendo instalar um na sua propriedade. "É que aqui nós não temos energia elétrica e se eu puxar uma rede, não vai me custar menos de Cr\$ 300 mil. Com um biodigestor eu gasto muito menos e tenho as mesmas coisas, é luz para casa, gás para a geladeira, fogão . . ." Na verdade, o seu Roberto anda pensando muito mais na luz prá casa e no adubo para a lavoura do que no gás para o fogão. "Um vizinho me contou que o adubo que sobra do gás é o melhor que tem prá se espalhar nas lavouras. Até o povo anda dizendo por aí, que a melhor coisa que apareceu em termos de energia, sem o produtor gastar muito, é esse tal de biodigestor".

um cano, vai atingir a região inferior do reservatório. A saída da biomassa deverá ser feita através de um outro cano até o tanque de saída (conforme mostra o desenho).

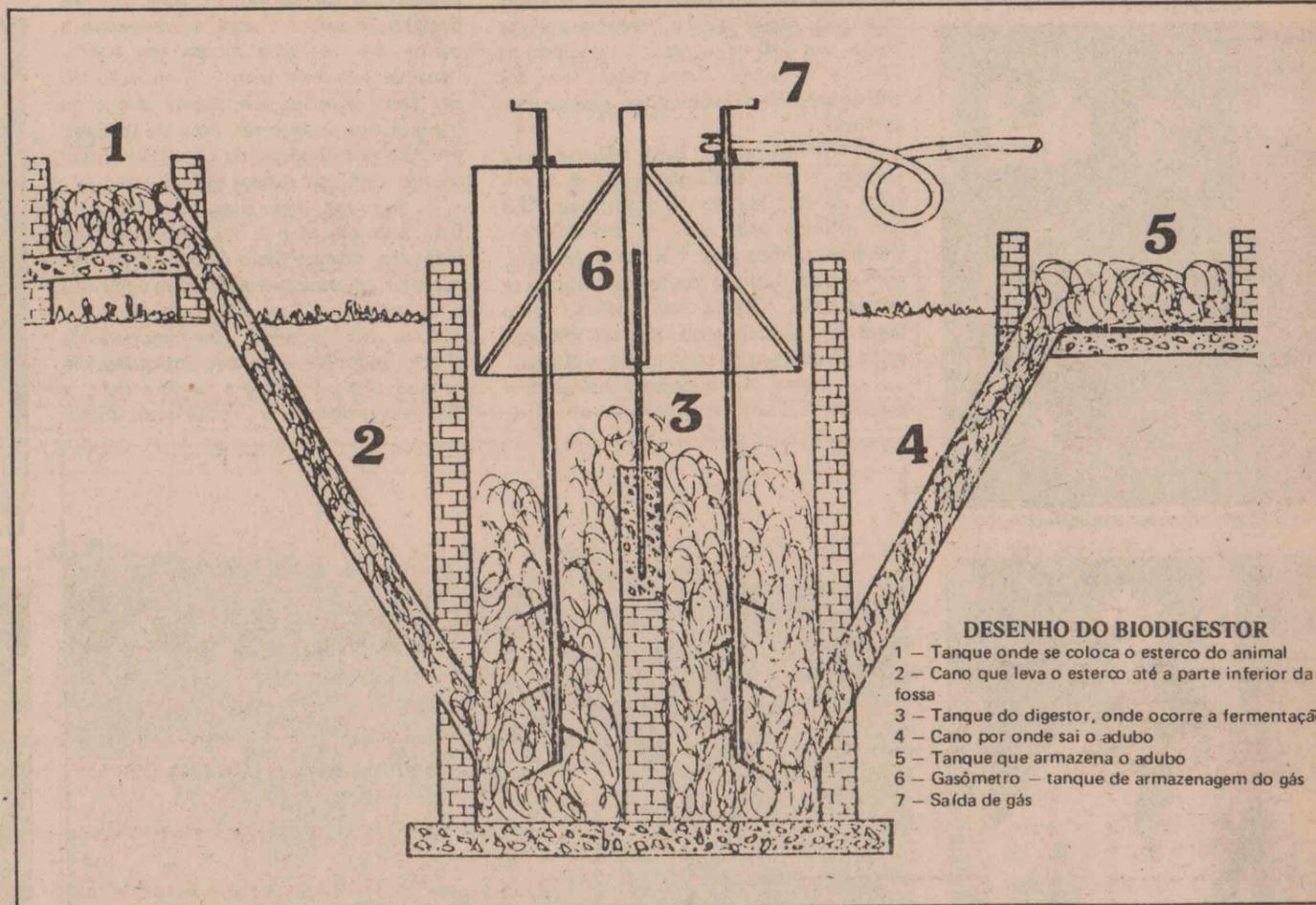
O gasômetro, um reservatório semelhante a uma panela de boca virada para baixo, tem como finalidade armazenar o biogás formado através da fermentação e ainda dar pressão equivalente ao seu peso a esse gás. O material que mais tem sido empregado para o gasômetro é uma chapa de metal, embora possa se usar também fibras de vidro. A condução do gás, a partir do gasômetro até o fogão ou liquinhos, é feita através de canos.

#### QUANTO GÁS É GASTO

O biodigestor é uma verdadeira fábrica caseira de produção de gás. E nem precisa de tanto esterco. Na hora de carregar o biodigestor para cada tanto de esterco vai um tanto de água. A proporção é explicada na tabela de número 1, que diz que para um quilo de esterco fresco de bovino, é preciso um litro de água.

Um biodigestor com uma capacidade para 10 metros cúbicos de esterco produz gás para uma família de porte médio, sem deixar faltar gás, desde que alimentado diariamente. Um metro cúbico de biogás, corresponde mais ou menos a 0,454 kg de gás liquefeito de petróleo - o gás dos botijões. Para cozinhar é preciso 0,340 m<sup>3</sup> por dia por pessoa; um liquinho gasta 0,070 m<sup>3</sup> por hora; um motor estacionário gasta 0,450 m<sup>3</sup>/hp/hora e uma geladeira gasta 2,2m<sup>3</sup> por dia.

Alimentar um biodigestor não é difícil. Basta juntar todos os dias alguns baldes de esterco dos chiqueiros, estrebarias... misturar a água e pronto. Não é necessário



#### DESENHO DO BIODIGESTOR

- 1 - Tanque onde se coloca o esterco do animal
- 2 - Cano que leva o esterco até a parte inferior da fossa
- 3 - Tanque do digestor, onde ocorre a fermentação
- 4 - Cano por onde sai o adubo
- 5 - Tanque que armazena o adubo
- 6 - Gasômetro - tanque de armazenagem do gás
- 7 - Saída de gás

encher, como da primeira vez, o tanque digestor. Basta apenas alguns baldes de esterco. O esterco que mais produz gás é o de suíno. Um suíno pode produzir até 0,1782 metros cúbicos de gás por dia, conforme a

tabela de número 2.

O biogás, além da produção de gás e adubo orgânico, também pode substituir a gasolina em até 100 por cento, como dizem os entendidos e em até 87 por cento

o óleo diesel. Por enquanto, o biogás é o que existe de mais barato em termos de fornecimento de energia à propriedade rural.

# COMO AGUENTAR OS PREÇOS DO PLANTIO E DA COLHEITA?

*Com a alta dos juros, quem tem máquina já começa a se preocupar com o desgaste e o custo que representa usar seus equipamentos para trabalhar nos vizinhos. Agora, mais do que nunca, quem não tem máquina vai acabar pagando caro demais pelo serviço.*

O pessoal que não tem trator nem colheitadeira anda preocupado. E não é para menos. Com o aumento nos juros, ficou quase impossível de se comprar máquinas a partir de agora. E esse é o motivo da preocupação, porque, cada vez mais, o número de tratores e automotrizes irá se reduzindo, e com isso ninguém sabe se o amigo ou o vizinho continuará cobrando valores razoáveis para prestar os serviços de preparo da terra, plantio e colheita.

Até agora, tudo vai indo bem, com os produtores decidindo, em comum acordo, como cobrar e pagar por estes serviços. Às vezes, no entanto, quem não tem máquinas acha que paga muito, e os que têm o maquinário acham que ganham pouco. Daqui pra frente é que ninguém sabe como isso vai ficar, principalmente quando das colheitas, porque os donos de automotrizes ficarão meio donos da situação.

## SORTE DE QUEM COMPROU

A verdade é que o pequeno ou médio produtor, que não comprou máquina na época do juro baixo, hoje não compra mais. O seu Albino Saggin, de Esquina Chiusa, em Santo Augusto, tem esta certeza. Ele comprou uma automotriz Ideal CA 1175, em novembro de 79, e acha que nos cinco anos do financiamento vai pagar pouco mais de um milhão pela máquina. Hoje ele não teria mais condições de fazer esse investimento.

Seu Albino, que também tem dois tratores, já colheu duas safras, uma de

soja e outra de trigo. Ele colhe os seus 80 hectares e as lavouras de uns oito ou nove produtores de perto. Cobra 9 ou 10 por cento da colheita da soja, dependendo da distância da propriedade. Com esse serviço, seu Albino acredita que vai ajudar a pagar a automotriz. Mas tem um detalhe nisso tudo, pois só a soja dá dinheiro.

"No ano passado, eu colhi essas oito ou nove lavouras de trigo, e pretendia cobrar 400 ou 500 cruzeiros por cada saco plantado", diz ele. Só que nessa seu Albino saiu perdendo: a safra foi frustrada, e até hoje ele não recebeu o pagamento. Teve um prejuízo de uns 70 mil cruzeiros, mas está conformado. "Se o pessoal não tem dinheiro para me pagar, o que é que vou fazer?", ele se pergunta. Mesmo assim, este ano colhará soja e trigo da vizinhança, porque entende que "não dá pra deixar os outros na mão".

## TRIGO É MEIO ARRISCADO

O seu Sardi Avelino Gallert, da Linha 4 Oeste (Ijuí), sabe que colher trigo é mesmo arriscado. Tanto que ele também usa o sistema da porcentagem para a soja, e cobra um determinado valor para colher trigo. "Se não for assim, não se ganha nada", diz seu Sardi, que em 79 cobrou 300 cruzeiros por saco plantado de trigo, e no ano passado aumentou para 700, se baseando no preço mínimo.

Para a soja, ele chegou a andar cobrando 10 por cento, mas nas duas últimas safras exigiu 12 por cento. Ele tem uma automotriz Massey Ferguson, comprada em 75, e que termina de pagar este ano. Acha que a máquina vai lhe custar uns 440 mil cruzeiros, incluindo os juros e o seguro. Parte desse valor foi conseguido com as colheitas que ele vem fazendo.

No início, seu Sardi não renegava serviço, e em 76 chegou a colher 8 mil sacas de soja, de uns 10 produtores. Mas nos últimos anos ele veio reduzindo o trabalho da máquina. "Do jeito que está, com o óleo subindo muito e a máquina se desgastando, não dá mais", afirma o seu Sardi. Ele já decidiu que essa safra de soja será a última que vai colher para os outros.

"Depois, eu encosto a máquina e trabalho só pra mim. Se não for assim, eu

vou quebrando a colheitadeira, trocando peça, e daqui a pouco fico sem ela, sem poder comprar outra", é o que ele diz. Seu Sardi já ouviu o pessoal que não tem máquina andar dizendo que a situação vai mesmo ficar braba: "Tem gente que já anda falando, por ouvir dizer, que a porcentagem da soja vai subir para 20 por cento".

## E O PEQUENO, COMO FICA?

E se subir tanto assim, o pequeno vai suportar? O seu Leoneldo da Rosa, de Pinhal (Ajuricaba), fica preocupado com essas especulações. Ele planta uns 12 hectares e não tem trator nem colheitadeira. Fazendo as contas, ele ficou sabendo que, só para preparar a terra e plantar a soja dessa safra, gastou uns 25 mil cruzeiros. E para colher, vai ter que gastar mais uns 38 mil. Ano passado, ele pagou 500 cruzeiros pela hora, para plantar e colher o trigo, e no caso da soja vem pagando 10 a 11 por cento da safra.

Teve ano que Leoneldo pagou até 12 por cento para colher a soja. Ele especula os preços, para saber quem faz por menos, e acredita que agora a tendência é de aumento no valor que os donos das máquinas vêm cobrando. Outra coisa que ele cuida muito é se a colheita é bem feita. "Não adianta cobrar pouco e colher mal", lembra o seu Leoneldo.

## USANDO MÁQUINA EMPRESTADA

Outro que não tem máquina é o seu Nery Correa Taborda, de São Judas (Chiapetta). Ele planta há 14 anos, em 12 hectares, e nunca chegou nem mesmo a pensar em ter pelo menos um trator, "porque não tem jeito". A situação do seu Nery é mais complicada que a da maioria dos produtores, pois ele também utiliza a colheitadeira de um vizinho para prestar serviços a outros agricultores.

Nery só paga mesmo a lavração. Este ano pagou mil cruzeiros por saco plantado, porque nesse caso o trator não pertence ao mesmo vizinho que empresta a colheitadeira. Esse amigo do seu Nery acertou um esquema que funciona há quatro anos. Ele empresta a máquina, para que o Nery colha a lavoura dele, e depois o próprio Nery colhe a lavoura do

dono da automotriz.

O acerto não fica só nisso. Depois de colher sua lavoura e a do dono da automotriz, Nery vai trabalhar em outras áreas de perto, usando a mesma máquina. Na última safra de trigo, ele cobrou 500 cruzeiros por saco plantado, e ficou com um por cento disto. Na soja, ele cobra 10 por cento da safra, e também fica com um por cento. Os outros 9 por cento vão para o dono da colheitadeira. Foi assim que no ano passado seu Nery conseguiu 10 mil cruzeiros trabalhando para os outros com a máquina emprestada.

## NINGUÉM VAI FICAR MAL

Mas esses sistemas vão continuar funcionando, quando muitos agricultores tomarem a mesma decisão do seu Sardi Gallert? Aí é que ninguém sabe. Talvez ajude um pouco, nessa questão toda da cobrança dos serviços, um levantamento realizado pelo departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí (veja na página ao lado). Esse levantamento mostra os custos de cada operação, cada trabalho realizado por implementos e máquinas pesadas.

Os números dos gastos dão uma idéia da situação para quem tem as máquinas e para quem não tem. Mas o certo é que o produtor vai encontrando seu próprio jeito de calcular as despesas e fazer os acertos. É como diz o seu Albino Saggin: "Enquanto der, a gente vai se entendendo. Só se o banco apertar muito é que aí a gente tem que conversar. Ninguém vai deixar um vizinho mal".



Sardi Gallert: encostar a máquina



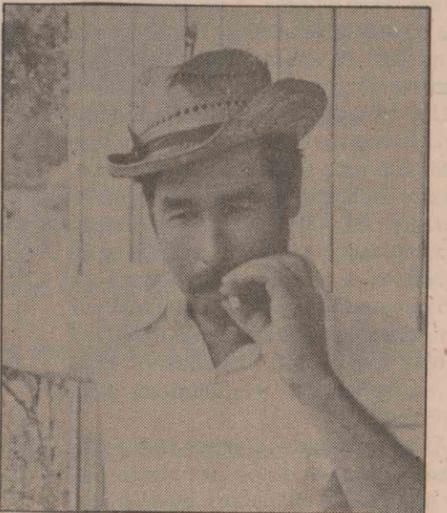
Albino Saggin: não dá pra deixar na mão



Com o aumento dos juros ninguém sabe como será a situação daqui pra frente



Leoneldo da Rosa: especular os preços



Nery Taborda: situação complicada

# O QUE CUSTA USAR AS MÁQUINAS

O levantamento de custos realizado pelo departamento de Estudos Econômicos pode parecer meio complicado. Mas essa impressão fica só no início, logo que os dados são examinados. Depois, o agricultor verá que não é muito difícil de calcular os custos de um trator ou de uma colheitadeira sempre lembrando que estes custos são válidos para as lavouras de trigo, aveia, tremoço e colza da próxima safra de inverno.

O levantamento é feito por componentes das máquinas, combustíveis, gastos com conservação e reparos, depreciação. Quer dizer que tudo o que é gasto, para que a máquina possa operar, é considerado. E, além disso, se considera o desgaste, que é a tal de depreciação. Somando esses componentes, depois de anotar os custos em cada operação (lavração, gradagem, aplicação de defensivos, etc.), o agricultor chega ao total dos gastos por hectare.

## MAIS DE Cr\$ 4 MIL NUM HECTARE

O levantamento mostra, então, o que as máquinas gastam, e depois revela o que o agricultor tem de

despesa para realizar as operações na lavoura. Na composição dos custos do trator, dos implementos e da colheitadeira (veja a primeira tabela abaixo), são considerados os gastos com combustíveis, lubrificantes, filtros, conservação e reparos e depreciação. No primeiro item, da lavração, dá para ver que se gasta Cr\$ 330,24 com combustíveis e lubrificantes; mais Cr\$ 19,50 com filtros; Cr\$ 233,69 com conservação e reparos; e Cr\$ 307,66 com a depreciação. O total dos gastos da lavração, por hectare, ficou em Cr\$ 891,09. Aqui foram consideradas as despesas com trator e implementos.

No item colheita, é claro que são somadas apenas as despesas com a automotriz. Os dados mostram que, para colher um hectare, são gastos Cr\$ 1.956,20. Somando-se o que se gastou com a preparação da terra, o plantio, a aplicação de defensivos e a colheita, chega-se aos custos de todas essas operações, que é de Cr\$ 4.217,59. O levantamento revela, dessa forma, que o agricultor precisa de mais de Cr\$ 4 mil, somente para movimentar as máquinas, num hectare de lavoura, desde a lavração até a colheita.

## CUSTOS POR TEMPO E ÁREA

Na segunda tabela (veja abaixo), é feita a distribuição dos custos por implementos, trator e automotriz, na formação da lavoura e na hora da colheita. Aqui são somados, então, os gastos de todos os componentes antes discriminados, e o produtor fica sabendo o que precisa para arar, gradear, semear e fazer as demais operações, considerando cada implemento utilizado.

Essa tabela é mais detalhada, e mostra também o tempo utilizado para esses serviços. Iniciando pelo arado de discos, o levantamento concluiu que com esse implemento se lava uma área de um hectare em duas horas e cinco minutos, e o gasto por hora é de Cr\$ 145,50. Nessa despesa, ficam somadas as trocas de peças, a conservação, a depreciação. Já o trator que puxa o arado gasta por hora Cr\$ 278,91. O custo total da operação, por hectare, fica em Cr\$ 891,09.

Os técnicos que realizaram o estudo fizeram a anotação do tempo de cada operação, para que o agricultor fique sabendo quantos minutos precisa para esses serviços. Isso ajuda também na realização das

contas, já que o produtor pode fazer os cálculos pelo tempo do trabalho ou pela área da lavoura.

Mas essas contas ficarão mais fáceis, se for considerado o número de hectares. Isso porque nem todos vão realizar as operações nos tempos que a tabela apresenta. Esses tempos são médias do levantamento, e é claro que não valem para todos. Dependendo da lavoura, o produtor levará mais ou menos tempo em cada operação.

## AS MÁQUINAS MAIS USADAS

Nessa tabela, o agricultor também irá notar que, no cálculo do custo do trator, aparecem dois valores. Esses custos diferentes também são explicados. O gasto de Cr\$ . . . . 278,91 por hora é referente ao trator Valmet 85 ID. O outro valor que aparece na tabela, de Cr\$ . . . . 313,21, foi calculado em operações com o trator Massey Ferguson 265 com 61 HP.

Também foram incluídas, no final da tabela, algumas observações sobre as marcas e tipos de implementos utilizados. Quer dizer que esses custos são baseados nessas máquinas, o que não quer dizer que outras possam atingir os mesmos rendimentos e apresentar as mesmas despesas. Segundo o João Valmir Cezimbra Lopes, que coordenou o levantamento, as marcas escolhidas são as mais representativas, as mais usadas pelos produtores.

Esse trabalho utilizou dados de operações realizadas no Centro de Treinamento da Cotrijuí, e também coletou números cedidos pela Fecotriço. Apesar das máquinas pesquisadas não serem as mesmas utilizadas por muitos agricultores, os custos servem pelo menos de base, se os implementos, os tratores e as colheitadeiras tiverem quase o mesmo porte.

OPERAÇÕES (Custos p/hectare)	COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES	FILTROS	CONSERVAÇÃO E REPAROS	DEPRECIÇÃO	TOTAL GERAL
Lavração - Valmet	Cr\$ 330,24	Cr\$ 19,50	Cr\$ 233,69	Cr\$ 307,66	Cr\$ 891,09
Gradagem (2 X) MF	Cr\$ 207,88	Cr\$ 25,10	Cr\$ 173,60	Cr\$ 192,27	Cr\$ 598,95
Semeadeira adub. - MF	Cr\$ 64,75	Cr\$ 7,55	Cr\$ 109,70	Cr\$ 136,00	Cr\$ 318,00
<b>SUB-TOTAL 1</b>	<b>Cr\$ 602,97</b>	<b>Cr\$ 52,15</b>	<b>Cr\$ 516,99</b>	<b>Cr\$ 635,93</b>	<b>Cr\$ 1.808,04</b>
Herbicida - Valmet	Cr\$ 94,51	Cr\$ 5,73	Cr\$ 73,69	Cr\$ 67,72	Cr\$ 241,65
Inseticida - Valmet	Cr\$ 98,40	Cr\$ 5,95	Cr\$ 40,55	Cr\$ 66,80	Cr\$ 211,70
<b>SUB-TOTAL 2</b>	<b>Cr\$ 192,91</b>	<b>Cr\$ 11,68</b>	<b>Cr\$ 114,24</b>	<b>Cr\$ 134,52</b>	<b>Cr\$ 453,35</b>
Colheita	Cr\$ 236,60	Cr\$ 13,60	Cr\$ 496,00	Cr\$ 1.210,00	Cr\$ 1.956,20
<b>TOTAL GERAL (Sub-total 1 somado ao sub-total 2)</b>	<b>Cr\$ 1.032,48</b>	<b>Cr\$ 77,43</b>	<b>Cr\$ 1.127,23</b>	<b>Cr\$ 1.980,45</b>	<b>Cr\$ 4.217,59</b>

MÁQUINAS E IMPLEMENTOS	Horas/ha	Implemento Cr\$ por hora	Trator Cr\$ por hora	Custo Total do hectare	OBSERVAÇÕES
Arado de discos	2,05	Cr\$ 145,50	Cr\$ 278,91	Cr\$ 891,09	Rogowski 4 discos de 26" "
Arado subsolador	1,20	Cr\$ 94,32	Cr\$ 278,91	Cr\$ 490,05	Imasa - 5 ferros
Grade Goble	0,57	Cr\$ 72,47	Cr\$ 313,21	Cr\$ 365,62	Imasa - 14 discos de 26"
Grade Niveladora	0,35	Cr\$ 91,38	Cr\$ 313,21	Cr\$ 233,86	Imasa - 32 discos de 20"
Semeadeira adubadeira	0,27	Cr\$ 381,14	Cr\$ 313,21	Cr\$ 318,01	Sem Rival - 6 e 18 linhas
Arado terraceador	2,44	Cr\$ 94,32	Cr\$ 278,91	Cr\$ 1.019,66	Imasa 2 discos
Pulverizador	0,37	Cr\$ 116,60	Cr\$ 278,91	Cr\$ 241,65	Jacto PJ 600 litros c/barra
Atomizador	0,38	Cr\$ 53,94	Cr\$ 278,91	Cr\$ 208,70	Jacto AJ 300 litros
Capinadeira mecânica	0,44	Cr\$ 68,71	Cr\$ 313,21	Cr\$ 279,19	Stara 6 enxadas
Colheita	1,16	Cr\$ 1.546,40	-----	Cr\$ 1.956,20	MF 3640 - 12 pés corte
Distribuidor de calcário	0,39	Cr\$ 560,78	Cr\$ 278,91	Cr\$ 542,44	Imasa - 1.000 kg
Carreta Agrícola	0,49	Cr\$ 57,97	Cr\$ 313,21	Cr\$ 301,40	Masal - 5.000 kg.



# FAZER MUDA DE ERVA EXIGE PACIÊNCIA E CUIDADO

A erva-mate andou meio desaparecendo, em parte por causa do trigo e da soja e em parte pela falta de incentivos. Como o pessoal desandou a derrubar seus ervais, começou a faltar matéria-prima para ser beneficiada. Isso fez com que muitas indústrias, principalmente as pequenas, fossem obrigadas a fechar as suas portas.

Nos últimos dois anos, ou até um pouco menos, quem ainda conservava o seu erval conseguiu fazer um bom dinheiro, pois o quilo da erva chegou a andar custando perto de Cr\$ 200,00. Foi preciso essa crise e essa careza da erva do chimarrão, para o pessoal se dar conta do que fez no passado, quando desandou a derrubar, sem dó e nem piedade, tudo quanto era pé de erva-mate só para fazer lavouras de trigo e de soja. Toda essa situação fez com que o pessoal começasse a pensar em consorciar ervais com outras culturas, como o milho, o feijão, a mandioca e até a própria soja. Uma coisa é certa: o pes-

soal já está sabendo que plantar só uma cultura não dá mais pé.

Quem derrubou seus ervais, já anda plantando de novo. Aquele pessoal que não derrubou, anda pensando em aumentar a área, com mudas compradas de fora ou com mudas produzidas em casa mesmo. Fazer mudas de erva-mate não é uma coisa difícil, mas exige, por parte do produtor, uma certa técnica, pois a germinação das sementes é bastante demorada e nem sempre regular. Como a pesquisa andou meio parada, pela própria falta de incentivos, ainda se usa para a produção de mudas uma técnica meio antiga. Mas é só seguir as orientações com cuidado e capricho, e a germinação alcança até 60 por cento.

## SEMENTES MADURAS

É claro que toda a muda produzida em casa mesmo, tem mais garantia e melhores condições de produzir árvores saudáveis e fortes. As orientações do Nilo Rubem Leal da Silva,

engenheiro florestal do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí, para a produção de mudas, vão desde a escolha da árvore certa, cuidados na colheita e plantio das mudas. Segundo o Nilo, o produtor que desejar produzir mudas fortes e com vigor, nunca deve colher sementes de árvores que apresentem galhos tortos ou então de uma árvore que não caracterize muito bem a sua espécie. "Colher sementes não é difícil. É o que de mais fácil existe em termos de produção de mudas. Basta apenas escolher frutos maduros e de árvores que apresentem folhas amareladas, "pois são variedades que produzem erva mais suave".

As sementes devem ser colhidas em fins do mês de fevereiro e março quando os frutos estiverem apresentando uma cor violácea e as sementes uma cor acinzentada. "Se as sementes apresentarem uma cor amarelada, é porque o estágio de maturação não se completou e é quase certo de que aquela semente não irá germinar". O

Nilo até ensina uma regra bem prática para o produtor saber a hora certa da colheita dos frutos: é só observar os pássaros. Quando eles começarem a se alimentar dos frutos da erva-mate é porque está na hora da colheita.

## PREPARAÇÃO DA SEMENTE

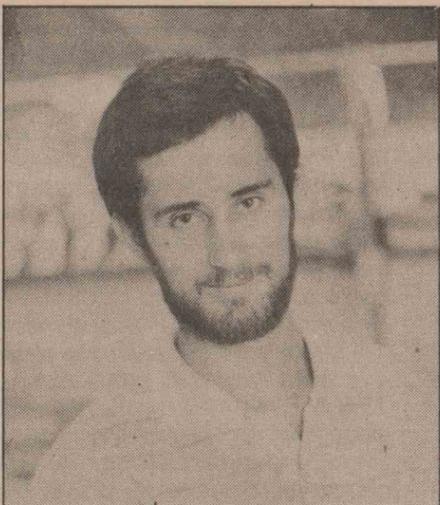
Feita a colheita, as sementes deverão permanecer dentro de um recipiente com água por uns dois ou três dias, para que haja a fermentação e, conseqüentemente, a separação da semente daquela polpa carnosa do fruto. Depois de lavadas em água corrente, as sementes devem ser colocadas muito bem espalhadas, num lugar com sombra, para que fiquem bem secas. Esta secagem deve ser lenta. Uma recomendação do Nilo, é para que o pessoal não guarde as sementes, ainda úmidas, em sacos plásticos ou latas, "pois então, a semente poderá mofar e perder o grau de germinação".

Depois que a semente estiver seca, ela está pronta para ser semeada.

Isso se o produtor for semear de acordo com o método de estratificação, quando, então, é feito um tratamento pré-germinativo nas sementes, colaborando para melhorar a eficiência da germinação.

A estratificação consiste na utilização de uma lata (que pode ser aquelas tipo de querosene) toda perfurada no fundo para drenagem da água. Ali é colocada uma camada de mais ou menos uns cinco centímetros de areia, uma camada de três centímetros de semente e assim por diante, até que a lata fique cheia. Esta lata deverá ser enterrada em lugar úmido e sombreado. Quando faltar chuva, é aconselhável molhar o local pelo menos uma vez por semana. Lá pelo quinto mês, a lata poderá ser desenterrada, (isso mais ou menos por setembro) e as sementes semeadas com dois centímetros de terra rica em matéria orgânica, "de preferência com uma boa quantia de madeira podre". Neste tempo em que as sementes estiveram enterradas, houve apenas um amolecimento da parte externa da semente. Depois de enterrada, dentro de 45 dias, a semente estará germinando.

O Nilo explica que há ainda outro método, menos sofisticado, mas com as mesmas garantias. Por este outro método, o produtor não precisa secar a semente. É só separar a semente da polpa carnosa e jogar numa sementeira ou canteiro, utilizando sempre terra rica em matéria orgânica. Essa semeadura deve ser feita em abril. A germinação vai ocorrer em cinco ou seis meses.



Nilo: o segredo está...

#### A PROTEÇÃO DA SEMENTEIRA

Após a semeadura ainda não terminou o trabalho do produtor. Os cuidados com as sementes plantadas se redobram. Para evitar danos de pássaros, ou incidência direta dos raios solares nas mudas, o produtor pode fazer uma proteção para a sementeira, utilizando bolsas de estopas, panos ou até mesmo folhas de coqueiros. Essa proteção fica colocada a um metro de distância do solo, auxiliando também na manutenção da umidade do solo.

#### O REPIQUE

Dois ou três meses após a germinação, as mudas (já com seis a oito folhas) estão prontas para serem repicadas, ou seja, plantadas em embalagens individuais. Estas embalagens tanto podem ser de sacos plásticos, canudos ou latas, onde deverão permanecer até a época do plantio final. Neste período, coisa de 30 dias, as



... no sombreamento da muda

mudas devem continuar em lugar sombreado e bem irrigado para que aconteça a pega da muda. "Todo o segredo do desenvolvimento da muda, está no sombreamento", comenta o Nilo.

O plantio final da muda somente deverá ocorrer no inverno, nos meses de junho, julho ou agosto. Antes disso, é preciso que a cova seja preparada, no mínimo, com um mês de antecedência. Bem no fundo da cova, que tem mais ou menos 50 centímetros de profundidade, deverão ser colocados uns 10 centímetros de palha, terra do mato e esterco curtido. A cobertura do solo, tendo bastante palha ao redor da planta serve para conservar a umidade e evitar a incidência dos raios solares.

## Em cada espécie uma época certa de colheita

Algumas espécies de frutíferas nativas e épocas certas para a colheita de suas sementes:

Guabiroba . . . . .o período certo de colheita das sementes é o mês de dezembro. Algumas sementes ainda podem ser colhidas no mês de janeiro, desde que se junte frutos maduros do chão.

Guabijú . . . . . janeiro e fevereiro

Sete-capotes . . . . . janeiro

Ingá . . . . . janeiro

Uvaia . . . . . dezembro e janeiro

Ariticum . . . . . março

Pitanga . . . . . outubro e novembro

Tarumã . . . . . março

Cereja . . . . . outubro e novembro

Época da colheita das sementes de algumas espécies florestais:

Açoita cavalo . . . . . março e abril

Canafístula . . . . . março e abril

Timbaúva . . . . . julho e agosto

Louro . . . . . maio e junho

Angico . . . . . julho e agosto

Guajuvira . . . . . novembro e dezembro

Canjerona . . . . . como produz frutos e sementes em duas épocas diferentes do ano, as sementes podem ser colhidas nos meses de janeiro e fevereiro e ainda em julho e agosto.

Pinheiro brasileiro . . maio.

As épocas de frutificação e colheita não devem ser levadas muito a rigor, pois as variações climáticas modificam também a época de floração e frutificação. Dependendo da variação do clima a floração se adianta ou se retarda.

Para que nasça uma muda bem sadia, o Nilo recomenda que se colha sementes de árvores bem adultas, fortes e já bem formadas. "O certo é escolher a árvore com antecedência e observar constantemente o estado dos frutos. Quanto mais maduros estiverem, maior será o grau de germinação das sementes. Logo que as sementes das frutíferas forem colhidas, elas devem ser lavadas e imediatamente semeadas. Já as sementes das espécies de florestais nativas, precisam antes serem secadas na sombra, para só então serem semeadas. Algumas espécies, como por exemplo a timbaúva ou a canafístula, apresentam sementes muito duras. Estas sementes antes de serem semeadas devem passar por um processo muito simples, que é uma espécie de lavagem em água quente. Logo que a água começa a esfriar, as sementes podem ser semeadas. Em menos de um mês estarão germinando.

## A experiência caseira

Envolvido com a capina da soja, o seu Pedro Dalla Rosa, da Colônia Santo Antônio (Ijuí) vai contando que este ano andou querendo produzir umas mudas em casa para aumentar o seu erval, "coisa de uns 150 pés". Pois o seu Antônio aproveitou e colheu sementes na época certa e deu semente para muita gente. Só que não teve sorte: as suas sementes não germinaram, "nenhuma para contar da outra".



Pedro Dalla Rosa: sem sorte

— O que aconteceu, que me parece, é que eu mesmo no preparar as sementes prá semear, terminei por estragar. Como deixei muitos dias na cinza, acho que uns três dias, prá semente amolecer, elas ficaram queimadas e por isso não germinaram.

Mas não é isso que vai desanimar o seu Pedro. Ele até já anda olhando o erval e escolhendo um pé bonito e bem formado para colher sementes e tentar produzir mudas mais uma vez. "Quero ver se aumento o meu erval". Seu Pedro conta que esse processo que utilizou é o mesmo adotado por seu pai, há uns 30 anos, e que sempre dava certo.

— Eu nunca havia tentado fazer mudas de erva-mate, mas sempre via meu pai fazer e as mudas nasciam fortes e sadias.

O maior problema para o seu Pedro é acertar a preparação da semente e cuidar para que ela não fique encharcada demais. Já o seu Antônio Lorenzoni, também da Colônia Santo Antônio, não acha nada fácil produzir mudas.

— É uma planta muito vil. Ainda tem a semente que precisa ser lavada muito à capricho e, depois da germinação, o desenvolvimento da muda é muito demorado. A gente tem que andar irrigando. Se deixa secar a terra a planta já morre.

Por garantia, o seu Lorenzoni diz que prefere comprar mudas prontas do que fazer em casa e ainda correr o risco de perder toda a trabalhama.



Antônio Lorenzoni: não é fácil

# AS OPÇÕES PARA COMERCIALIZAR SUA SAFRA DE SOJA

Normas aprovadas em reunião do Conselho de Administração em 4 de janeiro de 1974, 27 de janeiro de 1975, 15 de março de 1976, 17 de janeiro de 1977, 9 de janeiro de 1978, 19 de março de 1979, 15 de outubro de 1979 e 19 de dezembro de 1980.

A soja poderá ser entregue na Cotrijuí nas seguintes modalidades:

- SOJA PREÇO MÉDIO e/ou
- SOJA EM DEPÓSITO e/ou
- SOJA PREÇO FUTURO

## 1 - NORMAS DE RECEBIMENTO

1.1. - A soja será recebida pela Cotrijuí dentro dos critérios de pesagem e classificação constantes em Normas Técnicas de Recebimento, divulgadas antes da colheita, onde constarão as tabelas de descontos por impureza, umidade e quebra técnica.

1.1.1 - A partir da presente safra o produto do associado terá o seguinte tratamento com referência ao grau de umidade:

Será bonificado quando o grau de umidade na entrega do produto apresentar um percentual inferior a 13 por cento, de acordo com a tabela abaixo.

UMIDADE DE ENTREGA	BONIFICAÇÃO (%)
12,5%	0,25
12,0%	0,50
11,5%	0,75
11,0%	1,00
10,5%	1,25
10,0%	1,50

A soja com umidade inferior a 10% será bonificada em 1,5%.

1.2 - Por ocasião da entrega, o associado deverá fazer constar em sua Nota Fiscal de Produtor a modalidade de sua escolha.

ESTA DECISÃO É DEFINITIVA E NÃO PODERÁ SER MODIFICADA.

1.2.1. - Em caso de modalidade de SOJA FUTURO, as eventuais faltas ou excessos de entregas verificadas pelo volume contratado, serão revertidas automaticamente da seguinte forma:

a) - Os eventuais excessos reverterão automaticamente para a modalidade SOJA DEPÓSITO.

b) - As eventuais faltas serão revertidas preferencialmente da modalidade SOJA DEPÓSITO e, em caso de ainda faltar, da modalidade SO-

## JA PREÇO MÉDIO.

1.3 - O associado que tiver contratação de SOJA FUTURO, deverá entregar seu produto fazendo constar na Nota Fiscal de Produtor esta modalidade.

1.3.1 - Se a soja entregue para cumprimento da SOJA FUTURO for produto semente, o associado fará jus à bonificação estipulada pela Cotrijuí.

1.4 - A soja entregue como produto semente na modalidade SOJA EM DEPÓSITO somente poderá ser comercializada com terceiros na forma de SOJA COMÉRCIO, com direito a bonificação.

1.5 - Toda soja entregue na Cotrijuí após o DIA 10 DE JUNHO, será considerada SOJA EM DEPÓSITO.

1.6 - Se no momento da entrega nada constar na Nota Fiscal de Produtor, e for dentro do prazo estipulado no item anterior (1.5), a soja será considerada na modalidade PREÇO MÉDIO.

1.7 - O associado pode usar as três modalidades, entregando parte da produção a PREÇO MÉDIO, parte a SOJA DEPÓSITO e parte a SOJA FUTURO.

## 2 - MODALIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO

### 2.1 - SOJA PREÇO MÉDIO

Nesta modalidade o associado se beneficia da experiência adquirida pela Cotrijuí na comercialização

O que primeiro chama atenção na comercialização da soja pela Cotrijuí nesta safra são as alterações introduzidas na soja futuro. Surge agora também a opção de contratar soja, nesta modalidade, pelo valor em dólar norte-americano. Continua existindo, porém, a contratação em cruzeiros já utilizada em safras anteriores. Quem contratar em dólares, porém, receberá a liquidação de sua safra nesta modalidade em cruzeiros, de acordo com a taxa que existir para o dólar no último dia do mês contratado. Outra mudança na soja futuro é o limite de produto que pode ser comercializado nesta modalidade: até o máximo de 15 por cento sobre a entrega na Cotrijuí em 1980. Na mecânica geral de comercialização que existirá nesta safra existem dois pontos que mudaram em relação ao ano passado. O primeiro é uma bonificação a que terão direito os associados que entregarem produto com menos de 13,0 por cento de umidade (veja na tabela). Por outro lado, aqueles associados que retirarem produto da Cooperativa para seu uso próprio ou ainda para comercializar com terceiros deverão pagar uma indenização quando esta soja retirada tiver menos de 13,0 por cento de umidade. Um outro ponto que sofreu alteração é o desconto da quebra técnica: no lugar dos 1 por cento descontados até o ano passado, agora a quebra técnica alcança apenas 0,5 por cento. Isso porque a Cooperativa passou a aproveitar os resíduos do produto, refazendo também os cálculos deste desconto.

da soja e do seu conhecimento de mercado. É a modalidade que vem sendo usada nas últimas safras e consiste em:

2.1.1 - O associado terá direito a receber o adiantamento por conta do produto entregue. Considera-se adiantamento, vinculando obrigatoriamente produto na modalidade PREÇO MÉDIO, o seguinte:

a) - Adiantamentos em dinheiro, concedidos diretamente ao associado, em qualquer dos escritórios da Cotrijuí, mediante assinatura de recibo especial.

b) - Pagamentos realizados a companhias de aviação agrícola, por serviços prestados em pulverização na lavoura do associado, mediante solicitação e autorização deste, independente de sua assinatura no recibo especial.

c) - Recolhimentos efetuados ao Banco do Brasil S.A., ou qualquer outro Banco, quando solicitado por estes, para cobertura de débito de responsabilidade do associado, independente de sua assinatura em qualquer autorização especial.

2.1.2 - Por ocasião da entrega do produto nesta modalidade, o valor estipulado como adiantamento será creditado em conta corrente do associado.

2.1.3 - O recebimento, por parte do associado, do preço médio apurado na comercialização efetuada pela Cotrijuí.

### 2.2 - SOJA EM DEPÓSITO LIVRE COMERCIALIZAÇÃO

A presente modalidade consiste em:

2.2.1 - A entrega da soja será direito a adiantamento de qualquer espécie.

2.2.2 - A soja assim comercializada pode ser liquidada a PREÇO DO DIA, desde a data de sua entrega.

2.2.3 - O associado que não julgar conveniente o valor do preço do dia oferecido pela Cotrijuí, quando desejar liquidar o seu produto, fica autorizado a efetuar a sua comercialização fora da Cooperativa, procedendo da seguinte maneira:

a) - Que a retirada do produto ocorra no máximo até 30 de setembro de 1981.

b) - Comunicar POR ESCRITO a Cotrijuí, que sua soja foi comercializada com a "empresa tal", preenchendo o documento próprio fornecido pela Cooperativa.

c) - Indenizar a Cooperativa pelas despesas de recebimento, limpeza, armazenagem, embarque e capitalização, conforme tabela constante nos itens 2.2.5 e 2.2.6;

d) - a Cotrijuí se responsabilizará pela entrega da soja nos armazéns em que a mesma estiver depositada, cobrando as despesas estabelecidas no item anterior.

2.2.4 - Por ocasião da retirada, se a umidade do produto for inferior a 13 por cento, o associado indenizará a cooperativa no físico, de sua soja retirada, de acordo com a tabela abaixo:

UMIDADE NA RETIRADA	INDENIZAÇÃO (%)
12,5%	0,5
12,0%	1,0
11,5%	1,5
11,0%	2,0
10,5%	2,5
10,0%	3,0

2.2.5 - As tarifas para as despesas operacionais são as seguintes:

a) - Pelo período compreendido desde a data da entrega da soja a Cotrijuí até 30 de julho de 1981, a tarifa única e individual de Cr\$. . . . 240,00 (duzentos e quarenta cruzeiros) por tonelada (mil quilos).

b) - Após 30 de julho de 1981, além da tarifa supra, será acrescido o valor de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) por quinquena infracionável,



Uma das opções, a soja futuro, possibilita a comercialização antes mesmo da colheita

TABELA PARA DESCONTO DE UMIDADE DA SOJA

GRAU DE UMIDADE	% DESC.	GRAU DE UMIDADE	% DESC.	GRAU DE UMIDADE	% DESC.
14,1	1,3	20,4	8,5	26,7	15,7
14,2	1,4	20,5	8,6	26,8	15,9
14,3	1,5	20,6	8,7	26,9	16,0
14,4	1,6	20,7	8,9	27,0	16,1
14,5	1,7	20,8	9,0	27,1	16,2
14,6	1,8	20,9	9,1	27,2	16,3
14,7	2,0	21,0	9,2	27,3	16,4
14,8	2,1	21,1	9,3	27,4	16,6
14,9	2,2	21,2	9,4	27,5	16,7
15,0	2,3	21,3	9,5	27,6	16,8
15,1	2,4	21,4	9,7	27,7	16,9
15,2	2,5	21,5	9,8	27,8	17,0
15,3	2,6	21,6	9,9	27,9	17,1
15,4	2,8	21,7	10,0	28,0	17,2
15,5	2,9	21,8	10,1	28,1	17,4
15,6	3,0	21,9	10,2	28,2	17,5
15,7	3,1	22,0	10,3	28,3	17,6
15,8	3,2	22,1	10,5	28,4	17,7
15,9	3,3	22,2	10,6	28,5	17,8
16,0	3,4	22,3	10,7	28,6	17,9
16,1	3,6	22,4	10,8	28,7	18,0
16,2	3,7	22,5	10,9	28,8	18,2
16,3	3,8	22,6	11,0	28,9	18,3
16,4	3,9	22,7	11,1	29,0	18,4
16,5	4,0	22,8	11,3	29,1	18,5
16,6	4,1	22,9	11,4	29,2	18,6
16,7	4,3	23,0	11,5	29,3	18,7
16,8	4,4	23,1	11,6	29,4	18,9
16,9	4,5	23,2	11,7	29,5	19,0
17,0	4,6	23,3	11,8	29,6	19,1
17,1	4,7	23,4	12,0	29,7	19,2
17,2	4,8	23,5	12,1	29,8	19,3
17,3	4,9	23,6	12,2	29,9	19,4
17,4	5,1	23,7	12,3	30,0	19,5
17,5	5,2	23,8	12,4	30,1	19,7
17,6	5,3	23,9	12,5	30,2	19,8
17,7	5,4	24,0	12,6	30,3	19,9
17,8	5,5	24,1	12,8	30,4	20,0
17,9	5,6	24,2	12,9	30,5	20,1
18,0	5,7	24,3	13,0	30,6	20,2
18,1	5,9	24,4	13,1	30,7	20,3
18,2	6,0	24,5	13,2	30,8	20,5
18,3	6,1	24,6	13,3	30,9	20,6
18,4	6,2	24,7	13,4	31,0	20,7
18,5	6,3	24,8	13,6	31,1	20,8
18,6	6,4	24,9	13,7	31,2	20,9
18,7	6,6	25,0	13,8	31,3	21,0
18,8	6,7	25,1	13,9	31,4	21,1
18,9	6,8	25,2	14,0	31,5	21,3
19,0	6,9	25,3	14,1	31,6	21,4
19,1	7,0	25,4	14,3	31,7	21,5
19,2	7,1	25,5	14,4	31,8	21,6
19,3	7,2	25,6	14,5	31,9	21,7
19,4	7,4	25,7	14,6	32,0	21,8
19,5	7,5	25,8	14,7	32,1	22,0
19,6	7,6	25,9	14,8	32,2	22,1
19,7	7,7	26,0	14,9	32,3	22,2
19,8	7,8	26,1	15,1	32,4	22,3
19,9	7,9	26,2	15,2	32,5	22,4
20,0	8,0	26,3	15,3	32,6	22,5
20,1	8,2	26,4	15,4	32,7	22,6
20,2	8,3	26,5	15,5	32,8	22,8
20,3	8,4	26,6	15,6	32,9	22,9

por tonelada.

c) — Desconto físico de 0,3% por quinzena ou fração correspondente à quebra técnica, desde a data da entrega do produto.

2.2.6 — Haverá capitalização de acordo com os percentuais em vigor em cada região, incidente sobre o valor do produto retirado, calculado pelo preço do dia da Cotrijuí, na data da elaboração dos documentos de que trata o item 2.2.3.

### 2.3 — SOJA FUTURO

É a comercialização de um percentual da safra prevista, antes da colheita, mediante assinatura de contrato com a Cotrijuí, ou após a entrega do produto, para liquidação em datas futuras pré-fixadas. A presente modalidade consiste em:

2.3.1 — O associado poderá comercializar nesta modalidade, mesmo antes da colheita, até o limite de 15 por cento sobre a entrega na Cotrijuí

da safra de 1980. A contratação será limitada em até 5% para cada mês respectivamente maio, junho e julho.

2.3.2 — A partir desta safra o associado poderá contratar nesta modalidade pelo valor em dólar norte-americano, além da modalidade em cruzeiros, já utilizada em safras anteriores. A cotação em dólar será convertida para moeda corrente nacional pela taxa vigente no último dia do mês contratado. A taxa de conversão do dólar será a média aritmética das cotações para compra e venda.

2.3.3 — Os associados que ingressaram no quadro social após a comercialização da safra de 1980, ou que ainda não comercializaram soja na Cotrijuí, deverão comprovar sua estimativa de produção mediante a apresentação de cópia do contrato de financiamento bancário e/ou repasse na Cotrijuí.

TABELA PARA DESCONTO DE IMPUREZAS

Gramas	Desc. %	Gramas	Desc. %	Gramas	Desc. %
5	—	71	13,2	136	26,2
6	0,2	72	13,4	137	26,4
7	0,4	73	13,6	138	26,6
8	0,6	74	13,8	139	26,8
9	0,8	75	14,0	140	27,0
10	1,0	76	14,2	141	27,2
11	1,2	77	14,4	142	27,4
12	1,4	78	14,6	143	27,6
13	1,6	79	14,8	144	27,8
14	1,8	80	15,0	145	28,0
15	2,0	81	15,2	146	28,2
16	2,2	82	15,4	147	28,4
17	2,4	83	15,6	148	28,6
18	2,6	84	15,8	149	28,8
19	2,8	85	16,0	150	29,0
20	3,0	86	16,2	151	29,2
21	3,2	87	16,4	152	29,4
22	3,4	88	16,6	153	29,6
23	3,6	89	16,8	154	29,8
24	3,8	90	17,0	155	30,0
25	4,0	91	17,2	156	30,2
26	4,2	92	17,4	157	30,4
27	4,4	93	17,6	158	30,6
28	4,6	94	17,8	159	30,8
29	4,8	95	18,0		
30	5,0	96	18,2	160	31,0
31	5,2	97	18,4	161	31,2
32	5,4	98	18,6	162	31,4
33	5,6	99	18,8	163	31,6
34	5,8			164	31,8
35	6,0	100	19,0	165	32,0
36	6,2	101	19,2	166	32,2
37	6,4	102	19,4	167	32,4
38	6,6	103	19,6	168	32,6
39	6,8	104	19,8	169	32,8
40	7,0	105	20,0	170	33,0
41	7,2	106	20,2	171	33,2
42	7,4	107	20,4	172	33,4
43	7,6	108	20,6	173	33,6
44	7,8	109	20,8	174	33,8
45	8,0	110	21,0	175	34,0
46	8,2	111	21,2	176	34,2
47	8,4	112	21,4	177	34,4
48	8,6	113	21,6	178	34,6
49	8,8	114	21,8	179	34,8
50	9,0	115	22,0	180	35,0
51	9,2	116	22,2	181	35,2
52	9,4	117	22,4	182	35,4
53	9,6	118	22,6	183	35,6
54	9,8	119	22,8	184	35,8
55	10,0	120	23,0	185	36,0
56	10,2	121	23,2	186	36,2
57	10,4	122	23,4	187	36,4
58	10,6	123	23,6	188	36,6
59	10,8	124	23,8	189	36,8
60	11,0	125	24,0	190	37,0
61	11,2	126	24,2	191	37,2
62	11,4	127	24,4	192	37,4
63	11,6	128	24,6	193	37,6
64	11,8	129	24,8	194	37,8
65	12,0	130	25,0	195	38,0
66	12,2	131	25,2	196	38,2
67	12,4	132	25,4	197	38,4
68	12,6	133	25,6	198	38,6
69	12,8	134	25,8	199	38,8
70	13,0	135	26,0	200	39,0

2.3.4 — O associado que já tenha entregue sua soja na modalidade SOJA DEPÓSITO poderá optar pela comercialização de SOJA FUTURO, bastando para isso firmar com a Cotrijuí, para o mês desejado, um contrato de comercialização.

2.3.5 — O associado não poderá liquidar SOJA DEPÓSITO ao preço do dia, sem antes haver entregue seu produto comprometido com contrato de SOJA FUTURO.

2.3.6 — Os limites estabelecidos no item 2.3.1, poderão ser utilizados em mais de um contrato.

2.3.7 — O prazo máximo para a entrega de soja à Cotrijuí, comerciali-

zando nesta modalidade, será impreterivelmente até o dia 20 de cada mês contratado.

2.3.8 — A Cotrijuí estipulará no contrato a data do respectivo pagamento.

### LOCAIS DE ENTREGA DO PRODUTO

Ajuricaba, Augusto Pestana, Coronel Bicaco, Chiapetta, Dom Pedrito, Esquina Uambu, Ijuí, Santo Augusto, Vila Jóia, Tenente Portela — todos no Rio Grande do Sul, e Douradina, Caarapó, Vista Alegre, Dourados, Maracaju, Sidrolândia, Rio Brilhante, Montese, Indápolis e Vacaria — no estado do Mato Grosso do Sul.



# AS REGRAS DO ADIANTAMENTO PARA A SOJA

Nesta época de carência, quando dinheiro é uma coisa difícil de encontrar no bolso de qualquer vivente, pode chegar em boa hora o adiantamento por conta da próxima safra de soja que a Cooperativa começou a pagar na segunda quinzena do mês de janeiro.

Os produtores poderão retirar este adiantamento em quantia proporcional ao volume de soja comercializado com a Cotrijuí na safra passada. O adiantamento é de Cr\$ 133,00 por saco de soja de 60 quilos entregue no ano passado. Assim, quem comercializou com a Cooperativa, por exemplo, 500 sacos de produto, terá direito a um adiantamento de Cr\$ 66.500,00.

E quem teve frustração na safra passada? Fica prejudicado na hora de calcular quanto de adiantamento pode retirar? Nestes casos os associados precisarão comprovar pelo Proagro a redução no seu volume de produção e ainda que a área de plantio não diminuiu. Desta forma, eles poderão obter uma antecipação baseada em suas entregas em uma das últimas três safras.

Os novos associados, admitidos após a safra passada, receberão o adiantamento apenas se comprovarem que fizeram um financiamento de custeio para esta safra. Será considerada, para fins de adiantamento, a produtividade estimada em 15 sacos por hectare. Os novos associados, que não comprovarem a obtenção de financiamento, não terão direito a qualquer antecipação por conta da safra de soja de 1981.

## O CUSTO DO ADIANTAMENTO

No final do contrato de comercialização com a cooperativa, ou na hora da liquidação — no caso da comercialização a preço médio — os associados deverão pagar uma taxa pela despesa financeira deste adiantamento. A taxa está fixada em 2,5 por cento ao mês mais a correção cambial, ou seja, a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar. Acontece que a Cooperativa fez também um financiamento para poder antecipar parte do valor da próxima safra, pagando também esta despesa financeira que vai variar de acordo com a taxa do dólar. Quanto mais desvalorizado for o cruzeiro em relação ao dólar, maior também será a despesa financeira.

Do valor do adiantamento, isto na hora que o produtor for retirá-lo na cooperativa, serão descontadas as dívidas que por acaso o associado tenha na Cotrijuí. Estes descontos são os débitos já vencidos, os gastos na conta-corrente, os financiamentos de repasse vencidos e ainda as prorrogações de dívidas que vencerão no dia 31 de maio deste ano.

## O COMPROMISSO

Quem pegar adiantamento por conta da soja deverá também se comprometer a entregar a quantia de sacos tomada como base para esta antecipação. O critério que será adotado é o seguinte:

- 25 por cento da produção comprometida deverá ser comercializada, obrigatoriamente, na modalidade de preço médio.

- 75 por cento na modalidade de comercialização "LIVRE ESCOLHA", isto no momento da entrega do produto.

Desta forma, o associado que pegou um adiantamento baseado em 500 sacos, deverá comercializar 25 por cento desta quantia (ou seja, 125 sacos), na modalidade PREÇO MÉDIO. Os outros 375 sacos poderão ser comercializados como o associado preferir, tanto a preço médio, como a preço do dia ou preço futuro.

## A DEVOLUÇÃO

A parte da produção comercializada a PREÇO MÉDIO terá direito ainda a um adiantamento de Cr\$ 660,00 por saco de 60 quilos, que será pago na medida em que o produto for sendo entregue à Cotrijuí.

O associado que for devolvendo antecipadamente o valor que tirou de adiantamento também deixará de pagar as despesas financeiras (os 2,5 por cento mais a taxa de correção cambial). Estas despesas começam a contar a partir do momento em que o associado retirou o adiantamento, deixando de serem consideradas a partir das datas de devolução do valor adiantado. O prazo de vencimento deste contrato de adiantamento é o dia 10 de junho. Mesmo assim, continuará valendo o compromisso de entrega obrigatória da produção sobre a qual foi concedido o adiantamento.

## Óleo Mucama, o gostinho bom de todos os pratos.



**COTRIJUI**

cooperativa regional tritícola serrana Ltda

# O PESO DE DEPENDER SÓ DA AGROPECUÁRIA

Numa matéria sobre a divisão do estado do Mato Grosso, publicada no jornal Folha de São Paulo (dia 6 de janeiro de 1981), José Calixto Alencar, correspondente em Cuiabá, considera as desvantagens que o Mato Grosso do Sul levou na divisão. Embora o Sul tenha melhor infra-estrutura de transporte ferroviário e rodoviário, com vasta faixa de terra para a agricultura de escala, o Estado tem ficado para trás em arrecadação e desenvolvimento.

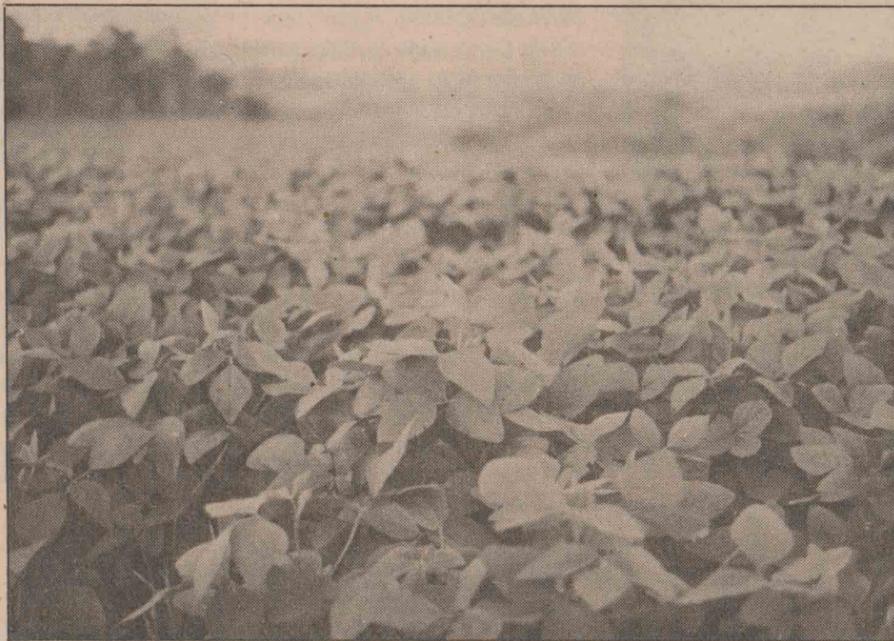
Acontece que no Sul, onde a agricultura mecanizada dinamiza setores, tem-se a impressão de um crescimento acelerado. Mas o crescimento fica apenas sobre o setor rural, que deixa no Estado somente as sobras de comercialização, já que os produtos são industrializados fora. No caso da pecuária, o boi sai em grande número para engorda e industrialização em outros Estados. A agricultura, que segundo dados oficiais tem nesta safra uma área plantada de 1.514.500 hectares (nos seis principais produtos), alcançará uma produção prevista de 2,4 milhões de toneladas.

## A DEPENDÊNCIA

Além da agropecuária, o Mato Grosso do Sul dispõe, como fonte de renda, apenas das minas de mangânês de Urucum, cuja produção é ainda pouco significativa. O comércio também é pouco representativo, devido à pequena população do Estado. Neste contexto, o Mato Grosso do Sul passa a depender muito mais da agropecuária do que de qualquer outro setor. E isto até para manter-se. Além disso, a agropecuária também enfrenta alguns problemas, sendo possível identificar dois fatores limitantes que prejudicaram a agricultura e a pecuária no Estado neste ano de 1980:

1) **A equiparação do Mato Grosso do Sul, para fins de crédito rural, aos estados do Centro-Sul.** A falta de crédito para máquinas agrícolas, num Estado a ser aberto, prejudica a expansão da área plantada. Na pecuária, igualmente, o corte do crédito para a principal atividade econômica do Estado, além da crise de comercialização porque passa o setor, acabam por provocar problemas ao próprio desenvolvimento estadual.

2) **Os preços que a terra já alcança e a dificuldade que os novos colonos têm encontrado para arrendar terras agricultáveis** (a falta de crédito para investimentos e os al-



A diminuição da área plantada é motivo de preocupação

tos juros nos financiamentos de custo) limita o desenvolvimento do Estado, que tão bem havia iniciado.

Segundo informações oficiais, agora divulgadas, a área agrícola do Mato Grosso do Sul foi diminuída em 5 por cento. Isto significa um grave problema para o desenvolvimento num estado que tem 15 milhões de hectares a cultivar e que depende exclusivamente da produção rural.

## RENÚNCIA DO SECRETÁRIO

A carta-renúncia do secretário do Desenvolvimento Econômico do Estado, Saulo Garcia Queiroz, aborda com clareza essa situação que começa a preocupar diversos setores. A queda na área de produção pode não parecer muito grave em estados com mais fontes econômicas, mas no Mato Grosso do Sul significa a estagnação quase total. A renúncia de Saulo Garcia Queiroz foi apresentada ao governador Pedro Pedrossian no dia 9 de janeiro e ali ele explica algumas das razões que lhe impossibilitavam de permanecer no cargo.

Nesta carta, o ex-secretário afirma: "... identifica-se nas recentes modificações impostas à política de aplicação do crédito rural imensas dificuldades para o nosso Estado. E não nos referimos somente ao aumento generalizado das taxas de juros... Somos um Estado cujo estágio de desenvolvimento muito mais se aproxima ao de outras regiões do Centro-Oeste brasileiro, como Mato Grosso e norte de Goiás, também com exuberante potencial agrícola por solo e clima aliado a enormes vazios a ocupar,

população rarefeita a indicar esforços ingentes na busca do elemento humano para ocupação econômica destes vazios, preponderância da agropecuária na geração de receitas e limitações infra-estruturais para o pleno aproveitamento das potencialidades existentes".

Continuando Saulo acrescentou que "... no entanto se privilegiou aquelas regiões com juros e taxas diferenciadas no crédito rural, enquanto que o Mato Grosso do Sul foi colocado ao lado dos estados do Sul e Sudeste, de economia sedimentada..."

Ele mencionou ainda os arrendatários "... estes soldados colocados à vanguarda de nosso desenvolvimento agrícola, rastreadores na descoberta de nossos cerrados para uma agricultura tecnificada... como poderão continuar conosco se as novas condições não viabilizam médios e grandes produtores, mesmo que capazes, mas sem terra e sem capital?"

## A OPÇÃO MAIS VIÁVEL

O ex-secretário ainda fez colocações no sentido de que o Mato Grosso do Sul, na condição de fronteira agrícola, é a opção mais viável para a imediata expansão da área agrícola, porque está próximo dos centros exportadores e industriais e tem relativa infra-estrutura. A outra questão é que nas áreas de cerrado os investimentos em correção do solo são grandes, carecendo, portanto, de maior tecnificação.

Nesta situação geral o Estado depende mais do que nunca, e mais do que outro, da agricultura. É, portanto, necessário que se tome



Saulo: as dificuldades são imensas

imediatas medidas de apoio ao setor rural, sob pena de ver o desenvolvimento, começado com tanto entusiasmo, parar por aqui mesmo.

## A FALTA DE APOIO

Os colonos que vieram do Sul, São Paulo ou Minas Gerais, vieram com a disposição de progredir, de trabalhar. Trouxeram consigo tecnologia e experiência. Assim, o estado tem o capital maior, que é a mão-de-obra de boa qualidade e a terra. Fica-se dependendo apenas de algum apoio governamental, no que diz respeito a crédito e um mínimo de infra-estrutura. Esse apoio não iria apenas resolver o problema do agropecuarista, mas possibilitar o crescimento da economia estadual, dependente em sua maior parte dos produtores rurais.

Entretanto o Mato Grosso do Sul, por falta desse apoio, pode perder esse produtor rural, em grande parte arrendatário. O arrendamento é pago normalmente com o plantio de pasto na terra arrendada ao final de três anos de contrato. Significa que a soja pode ter um ciclo passageiro de crescimento, enquanto se planta pasto na terra. E esse arrendatário, não encontrando terras baratas no estado, migra para o Norte, onde os juros são subsidiados. Ocorre que no Norte chove muito e é quase impraticável a agricultura de escala, com mecanização agrícola. Aqueles solos não resistiriam a aração constante, sendo praticadas mais as culturas perenes. Cabe, então, uma programação da atividade rural sul-mato-grossense, com zoneamento agrícola, crédito para o arrendatário, patrulhas mecanizadas, entre tantos outros itens.

# Cotrijuí: maior contribuinte de ICM no Mato Grosso do Sul



Nelcy Nunes, diretor regional no MS, recebeu o cartão de prata do secretário do Planejamento, Hugo Bonfim

A Cotrijuí foi o maior contribuinte substituto de ICM no estado do Mato Grosso do Sul durante o período de janeiro a junho de 1980. A Cooperativa é considerada, no Mato Grosso do Sul, como contribuinte substituto por recolher este Imposto de Circulação de Mercadorias que seria devido por seus associados.

Em razão deste fato, a Cooperativa recebeu um cartão de prata comemorativo. A entrega deste cartão — recebido pelo dire-

tor regional Nelcy Rospide Nunes — aconteceu em outubro do ano de 1980. A promoção é da coluna "Destaques na Economia Sul-mato-grossense", da empresa Físcomat Ltda.

No período considerado, a Cotrijuí arrecadou a quantia de Cr\$ 259 milhões de cruzeiros em ICM no estado do Mato Grosso do Sul, o que reflete não só o volume de produtos comercializados na região, como também a própria importância que a Cooperativa alcança no Estado.

## Uma estação meteorológica em Dom Pedrito

Os produtores e técnicos de Dom Pedrito vão poder acompanhar mais de perto as mudanças de clima naquela área do Estado. A Cotrijuí firmou um convênio com o 8º Distrito de Meteorologia, que é ligado ao Ministério da Agricultura, para instalação de uma estação agrometeorológica. O terreno vai ser cedido pela Cooperativa, e a sede da estação ficará perto do centro administrativo da unidade de Dom

Pedrito.

A estação terá equipamentos para medir as chuvas, anotar temperaturas do ambiente e do solo, umidade do ar e tudo o que for relacionado com o clima.

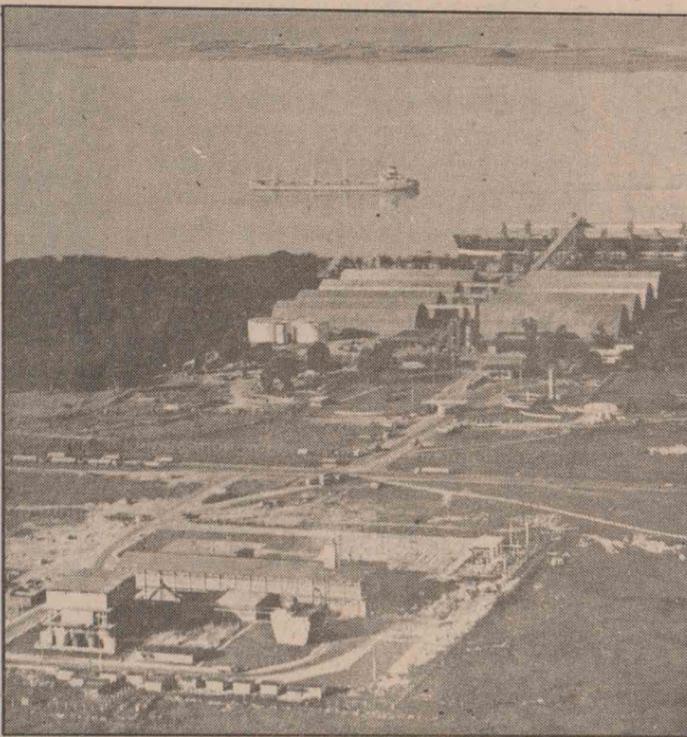
O convênio é considerado importante, já que assim os técnicos poderão contar com mais dados para assessorar as atividades agrícolas. A estação ficará ligada à rede nacional de meteorologia.

## Renovado o contrato do terminal de Rio Grande

Foi renovado por mais 10 anos o contrato existente entre a Cotrijuí e a Portobrás para o aproveitamento do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, em Rio Grande, como meio de escoamento da produção gaúcha de grãos.

O Terminal, inaugurado em 1973, tem oito armazéns com capacidade de estocagem de 220 mil toneladas. Ele tem condições

de receber cereais por qualquer tipo de transporte (rodoviário, ferroviário ou marítimo), conseguindo ainda escoar esta produção na média de 2 mil toneladas por hora, isto num processo totalmente automatizado. Atualmente ele é responsável pelo escoamento de quase 50 por cento do trigo, soja e farelo de soja produzidos no Rio Grande do Sul.



O terminal tem capacidade para escoar 2 mil ton/hora

## Posse nos Sindicatos de Ijuí e A. Pestana

Em dois sindicatos de trabalhadores rurais da área de ação da Cotrijuí — Augusto Pestana e Ijuí — os presidentes em exercício foram reeleitos para o cumprimento de mais um mandato. Agora em janeiro aconteceu a posse das diretorias, mantendo a frente Carlos Karlinski, em Ijuí, e Bruno Van der Sand, em Augusto Pestana. Ao reassumir o cargo,

Karlinski não deixou de lembrar o quanto será duro o ano de 1981 para o pequeno agricultor. Tanto ele como Van der Sand lembraram das lutas que a classe agrícola ainda tem pela frente, destacando especialmente a questão da Previdência Social Rural, do enquadramento sindical, de política agrícola e do problema da terra.

## A situação dos sem-terra

A situação de alguns dos colonos que estavam alojados na Fazenda Sarandi depois de vários anos de espera por um pedaço de terra, conseguiu se encaminhar para um início de solução. O Governo do Estado comprou uma área em Palmeira das Missões para reassentar algumas destas famílias.

Desde que foram expulsas da reserva indígena de Nonoai, isto ainda em 1978, mais de 300 famílias ficaram esperando uma solução para o seu problema. Algumas foram para o Mato Grosso, mas voltaram logo em seguida, desiludidas da situação que encontraram. Em outubro do ano passado algumas destas famílias resolveram invadir a Fazenda Brilhante, na tentativa de garantir a posse da terra. Mas o pessoal se deu mal: além de expulsos do local, 12 dos companheiros foram aprisionados e levados até Santo Ângelo.

Logo depois de uma visita de agricultores da região de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta, Catuípe, estes 12 agricultores foram libertados (veja no Cotrijournal nº 78, de outubro do ano passado). Mas muita gente se movimentou no Estado para conseguir solucionar a situação deste pessoal, precariamente instalados em baracas na Fazenda Sarandi.

A área comprada pelo Governo será dividida em lotes de 15 hectares para um grupo de 70 a 76 famílias. Restam ainda 53 outras famílias para instalar em algum pedaço de terra. Esta área em Palmeira das Missões custará para cada agricultor Cr\$ 85 mil o hectare. Eles ainda precisarão investir perto de Cr\$ 2 milhões para construir uma casa e comprar alguns equipamentos para iniciarem a tabalhar. Orgénio Roth, presidente da Fetag, é quem faz o seguinte comentário:

— A gente sabe que para o agricultor que já é dono da terra, está muito difícil sobreviver cultivando apenas 15 hectares. Então só dá para imaginar qual a situação deste pessoal, que ainda precisará pagar os Cr\$ 85 mil da terra e mais os investimentos para montar uma pequena infra-estrutura.

## Adiantamento das forrageiras

Agora também as forrageiras são recebidas pela Cooperativa na modalidade de comercialização a preço médio, tendo direito a um adiantamen-

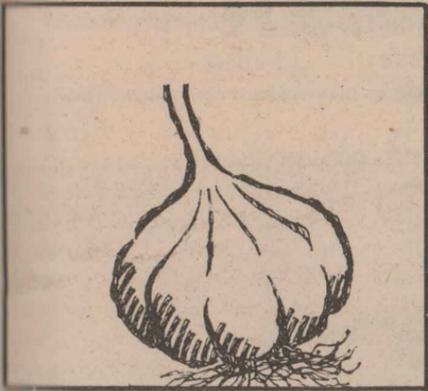
to. Os valores fixados este ano são os seguintes:

Espécie	Cultivar	Cr\$/Kg
Milheto	Comum	18,90
Setária	Kazangula	315,00

Pânico	Gatton	241,50	Lab-lab	Highworth	42,00
Rhodes	Callide	126,00			
Pensacola	Pensacola	63,00			
Guenoaro	Comum	157,50			
Alfafa	Crioula	420,00			
F.Miúdo	Comum	31,50			
Lab-lab	Rongai	42,00			

Após a classificação e a comercialização, estas forrageiras receberão uma bonificação, de acordo com os padrões técnicos estabelecidos para cada variedade.

# LAVOURA NO MÊS



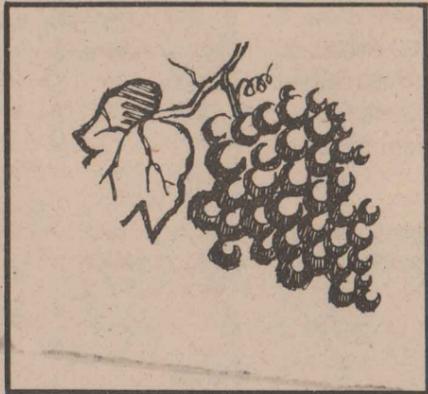
## ALHO

A comercialização do alho destinado ao consumo e indústria nesta época, já está encerrada. Inicia agora a comercialização de sementes para terceiros, ou seja, para outras cooperativas ou produtores não associados da Cotrijuí. A distribuição de sementes aos associados irá iniciar no mês de março. Todos os pedidos já podem ser encaminhados para o Departamento Técnico de cada Unidade.

Nesta época é recomendável que o produtor já vá selecionando a área em que irá desenvolver a cultura do alho. É importante que, para qualquer dúvida, o produtor busque a orientação junto ao departamento técnico de sua Unidade.

A semente própria de alho, guardada em casa mesmo, deve ser periodicamente examinada para verificar se não está sendo atacada por traças (borboleta). O ataque de traças prejudica seriamente o produto, mas pode ser facilmente controlado, desde que seja usado o defensivo recomendado.

os tomateiros já adultos, o produtor deve ter cuidado quanto às doenças, repetindo-se a observação do mês anterior, de que os tratamentos com produtos à base de cobre devem ser mantidos, para que as folhas se conservem verdes e, conseqüentemente apresentem, uma melhor produção.



## PARREIRA

Nesta época, as parreiras estão em fim de período de maturação da uva, sendo que o produtor deve tomar cuidados especiais no uso de defensivos para não gerar problemas aos consumidores. A doença mais freqüente neste período é a podridão dos frutos, o que pode ser controlado de acordo com recomendações técnicas específicas.

Quanto a Andracnose — mancha da uva —, que acontece muito

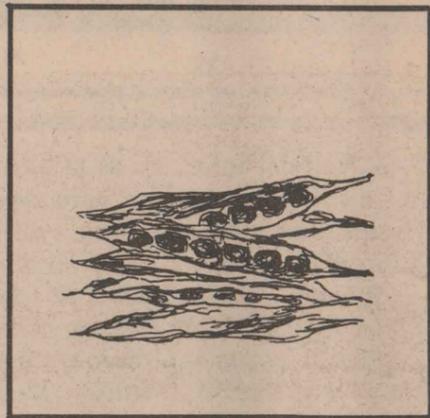
durante o mês de janeiro, já não tem mais solução, restando apenas um alerta aos produtores para que no próximo ano tomem precauções antecipadas em relação ao problema.



## HORTALIÇAS DIVERSAS

Durante o mês de fevereiro, normalmente não são efetuadas muitas sementeiras de hortaliças. Para hortas caseiras, podem ser feitas pequenas áreas com cenoura e alface.

O mês de março é o mais adequado para o plantio de hortas. Assim sendo, durante o mês de fevereiro, o produtor pode ir juntando matéria orgânica — esterco, terra de mato — para iniciar no próximo mês o plantio da maior parte das hortaliças que se desenvolvem muito bem durante o inverno.

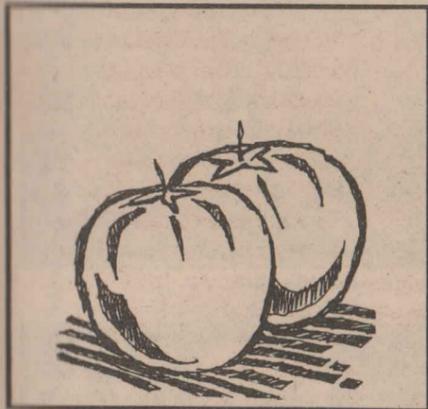


## LENTILHA

O Departamento Técnico está interessado em obter informações de associados que disponham de sementes de lentilha, que sejam de sua produção e que tenham tido bom desempenho na lavoura. O produtor que dispôr de sementes, poderá entrar em contato com o departamento técnico de sua unidade.

## Vende-se

Vende-se quatro vacas holandesas puras por cruza. Tratar com Nelson Irineu Korb, no Alto da União, em Ijuí.



## TOMATE

O tomateiro, uma planta de período quente, é muito cultivado nos meses de verão. Como nesta região os meses de janeiro e fevereiro são muito quentes, freqüentemente os tomateiros têm sido prejudicados pelo excesso de calor. Somente a variedade Yokota é que tem tido condições de apresentar resultados satisfatórios nos meses quentes.

As sementeiras novas com a variedade Yokota devem dispôr de água suficiente para que realmente a planta possa se desenvolver. Com

**A Cotrijuí  
vai comercializar  
com a  
segurança  
do  
Cooperativismo  
e da  
policultura.  
Pense nas  
vantagens que  
isso trará.**

Está na hora de um grande passo para o futuro deste País: a união da segurança cooperativista com a segurança da policultura.

A Cotrijuí está expandindo seu sistema de comercialização para aumentar ainda mais a oferta do melhor preço médio.

Sem intermediários, a rentabilidade cresce e aparece, com garantia de colocação de qualquer produção.

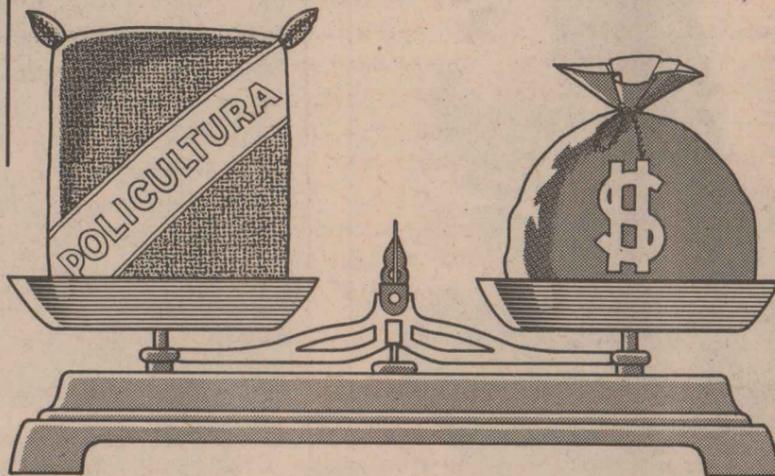
Vamos todos trabalhar na implantação da policultura, em nossos objetivos de diversificação, e nos benefícios que isso dará ao Brasil.

Se a segurança do Cooperativismo é grande, imagine com a da policultura. Reflita conosco. Plante conosco.



**COTRIJUI**  
A FORÇA DA UNIÃO.

Respeito ao Homem, à Terra e ao Futuro.  
Policultura é Isso.



# A COOPERATIVA DESISTE DE UM PROJETO NA AMAZÔNIA

*A impossibilidade de implantar, a curto prazo, seu projeto de colonização na Amazônia e ainda diversos problemas de infra-estrutura, fazem a Cotrijuí desistir do contrato de operação de uma usina de açúcar na região.*

No final deste mês de janeiro a Cotrijuí deixa de operar uma usina de açúcar e outros bens que pertenciam à CIRA-Pacal (Cooperativa Integral de Reforma Agrária — Projeto Agro-Canavieiro Abraham Lincoln), no Pará. O contrato de comodato — concessão de uso — firmado entre a Cooperativa e o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em fevereiro de 1979, foi denunciado pela Cotrijuí no final de outubro do ano passado.

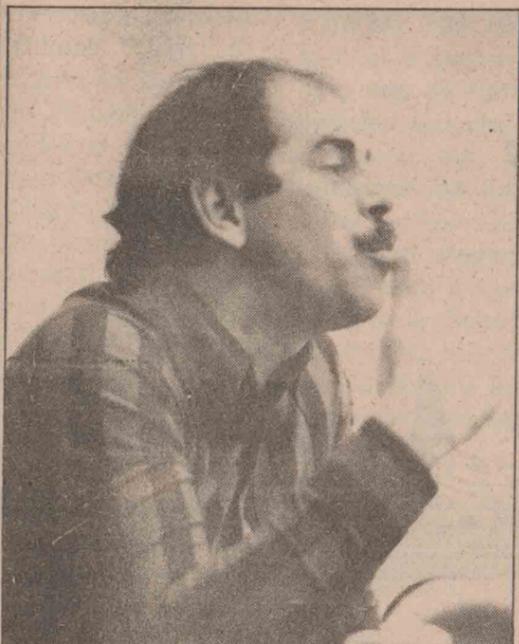
O presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, é quem explica as razões que levaram a cooperativa a desistir do contrato:

— Nosso grande objetivo era criar uma infra-estrutura física para a implantação do projeto de Colonização na Amazônia. Junto com a concessão de uso da usina de açúcar e de uma serraria da Cira-Pacal, ainda entravam no contrato várias máquinas pesadas, que pensávamos utilizar para a abertura de estradas na área de colonização.

Acontece que a área reservada para a colonização — 400 mil hectares no município de Prainha — foi interditada pela Funai (Fundação Nacional do Índio), com o argumento de que existem indígenas naquela região. Desta forma, se mostra impossível, a curto prazo, levar adiante este projeto. Este, porém, é apenas um dos motivos que provocaram a desistência do contrato com o INCRA.

Outra das razões apontadas pela Cotrijuí é o alto custo financeiro que estava representando colocar em operação a usina de açúcar, mesmo que exista a promessa, por parte do INCRA, de indenizar a Cooperativa pelos prejuízos. Prejuízos, por sinal, provocados em parte por problemas de infra-estrutura de transporte e comunicação. Explica Ilgenfritz:

— A localização da usina, numa região sem infra-estrutura de estradas e comunicações, compromete bastante sua operação. A



Ruben: a Amazônia para nós é um todo

sua construção obedeceu o critério de permitir o desenvolvimento e povoação daquela região, mas o custo desta localização é muito alto, e somente poderá ser superado a longo prazo. Só para se ter uma idéia, o custo de suprimentos, peças, etc, é duas ou três vezes maior do que em outras regiões. Desta forma, enfrentamos problemas de suprimentos de insumos, e também de colocação do produto no mercado.

Um outro problema bastante sentido foi o de mão-de-obra para colocar em operação a usina. É difícil que um operário, especializado ou não, concorde em ir viver num lugar onde não foram criadas condições para sua fixação. Os técnicos e operários que chegam para trabalhar na usina, por exemplo, não tem nem ao menos um terreno para fazer uma casa. Todos os lotes da vila são destinados aos produtores e não podem ser vendidos. Ilgenfritz faz um comentário:

— Há necessidade de se criarem núcleos urbanos onde o trabalhador possa construir sua casa, onde possam se estabelecer artesãos, comerciantes e prestadores de serviços. Desta forma, se estará permitindo que se ocupe a Amazônia através da fixação do elemento humano.

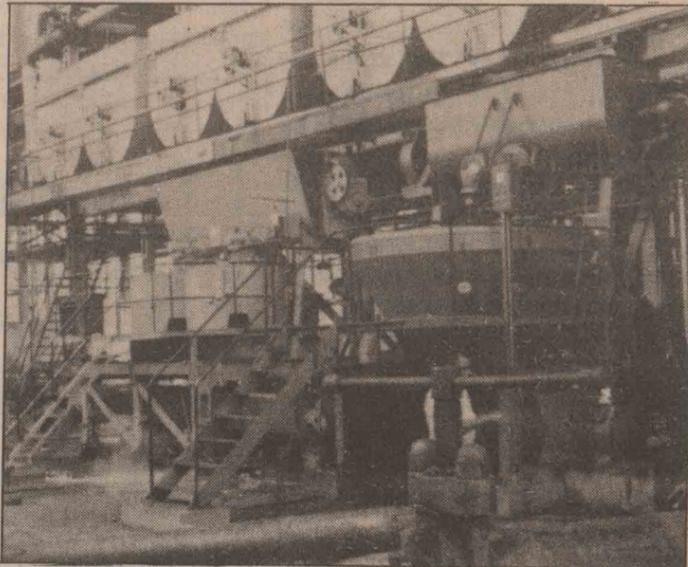
## AMAZÔNIA COMO UM TODO

Já em novembro de 1979, pouco de um ano depois de assumir a operação da usina, a Cooperativa teve uma reunião com o INCRA, onde mostrou estes mesmos argumentos. Além de contar as dificuldades que se enfrentava para dar prosseguimento ao trabalho, a Cotrijuí definia uma posição: o Projeto Amazônia era encarado como um todo, não existindo mais a possibilidade de separar a Colonização dos demais envoltórios na área (usina, serraria). Existindo, porém, o impasse na área de colonização, não existem mais argumentos muito fortes para que a Cotrijuí permaneça na Amazônia.

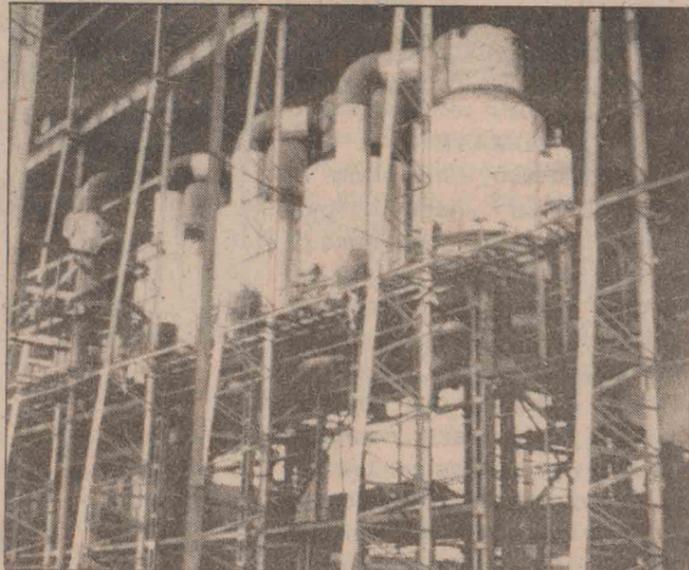
“Isto não quer dizer”, explica o presidente, “que a Cotrijuí vá sair assim, de uma hora para outra, daquela área. Nós temos também uma grande preocupação com a sorte dos produtores de cana-de-açúcar ali instalados. Enfrentamos vários problemas quando começamos a operar a usina e acreditamos que parte deles auxiliamos num encaminhamento de solução. Foi assim em prorrogação de prazo de dívidas, em melhoria da qualidade de cana, com um escalonamento no corte da planta e a operação normal da Usina. Atualmente a produção se mostra muito mais rentável do que no início de nosso trabalho. Tudo vai depender, porém, de acertos entre a Cotrijuí e o INCRA para definir melhor o posicionamento futuro quanto à nossa função naquela área”.



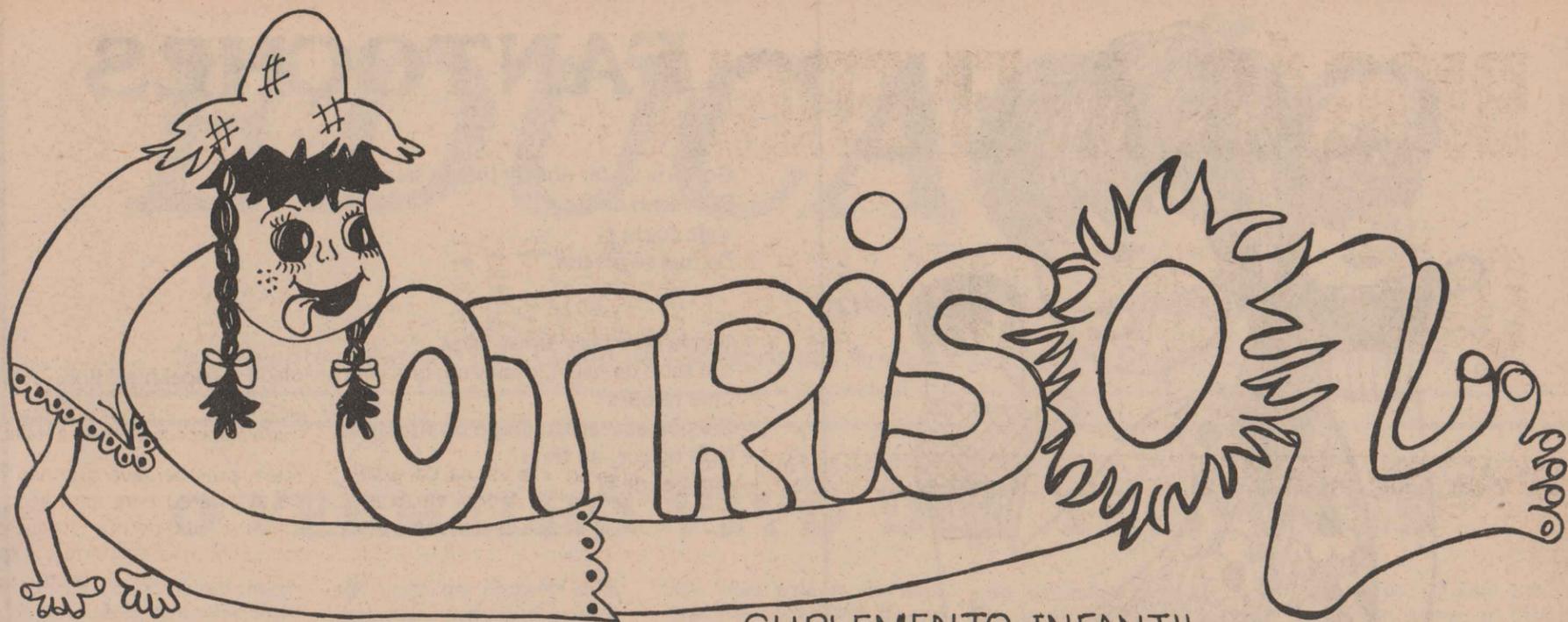
Um dos problemas sentidos...



... foi a dificuldade de encontrar mão-de-obra...



... para a operação da usina



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## JANEIRO, FÉRIAS DE AULA

Alô amiguinhos! Tudo bem?

Alguns estão contentes por passarem de ano escolar, outros aborrecidos por não terem conseguido superar esta fase. Mas . . . 81 é outro ano. Vamos entrar com entusiasmo e otimismo e . . . nos esforçar um pouco mais. Vamos batalhar para que este ano que se inicia seja movimentado, cheio de ações, de feitos que nos façam crescer, a nós e os outros.

Como não temos mais aula, o COTRISOL, oferece para vocês alguns momentos de lazer, passatempo. Vocês encontrarão histórias, poemas, brincadeiras, jogos e uma série de outras coisas que a gente pode fazer para se divertir. Brincando também se aprende. Parabéns para quem foi aprovado na escola e ânimo para quem não conseguiu. 81 está aí para a gente procurar resolver os nossos problemas. Um abraço da tia Iselda.

Vamos intitular o COTRISOL de Janeiro como sendo o JORNAL DOS DIVERTIMENTOS.

## Dois amigos e o urso

Dois amigos passavam por um campo quando viram um urso. Um deles saiu correndo, subiu numa árvore e escondeu-se por entre os galhos, mas a árvore era pequena e não havia lugar para seu amigo. Percebendo que sozinho não podia lutar contra um urso, o amigo que não teve jeito de fugir resolveu deitar-se no chão e fingir-se de morto.

O urso caminhou para o homem que quase morria de medo, cutucou-o com o focinho e cheirou-lhe os braços, as pernas, os olhos e até as orelhas. O homem conteve o fôlego, e o urso afinal foi-se embora.

O amigo que havia subido na árvore desceu e perguntou: "Que foi que o urso cochichou quando quase meteu o focinho nos seus ouvidos?" "Ora!" disse o outro. "Aconselhou-me apenas a ter cuidado para não escolher amigos que fogem, quando me vêem em apuros".



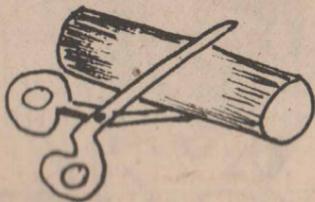


# FANTOCHES

Gostaria de ter uns fantoches seus de verdade?  
São fáceis de fazer.  
Veja como é:  
De que se precisa.

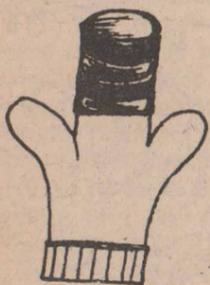
- tecido para fazer umas luvas
- um tubo de papel, desses em que vem enrolado o papel higiênico.
- uma tesoura
- fita gomada, esparadrapo ou fita durex
- lápis de cor, ou tinta
- retalhos de lã

## Como se faz os fantoches



**1** - Corte os tubos de papel em pedaços que tenham o comprimento de seu dedo médio.

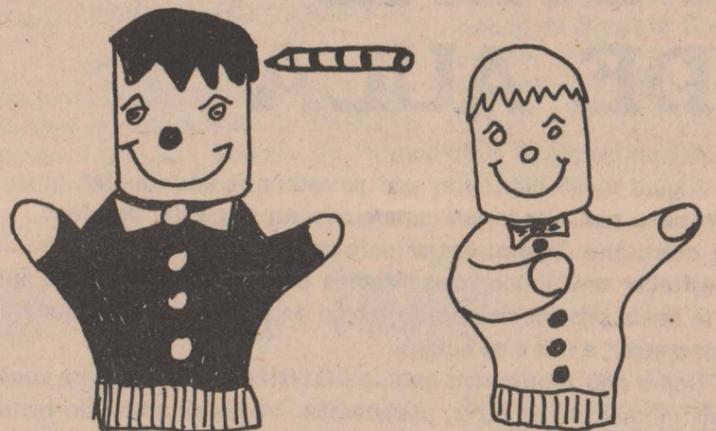
**2** - Costure com retalhos uma luva. Pode ser assim.



**3** - Ponha a luva e enfie o pedaço de tubo nos três dedos do meio.

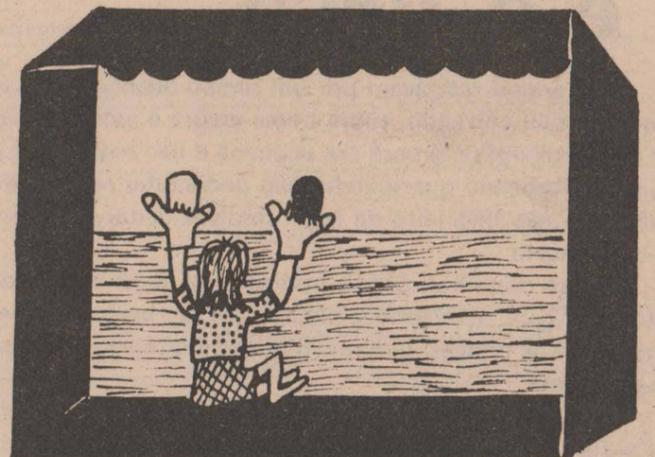


**4** - Cubra a parte de cima do tubo com um esparadrapo ou fita gomada.



**6** - Você pode montar sua peça de teatro para fantoches numa grande caixa de papelão. Tire o fundo da caixa e corte um buraco na parte da frente, para o público poder ver os fantoches.

Ou você pode fazer sua representação por trás de qualquer coisa, desde que você e seus braços fiquem escondidos.

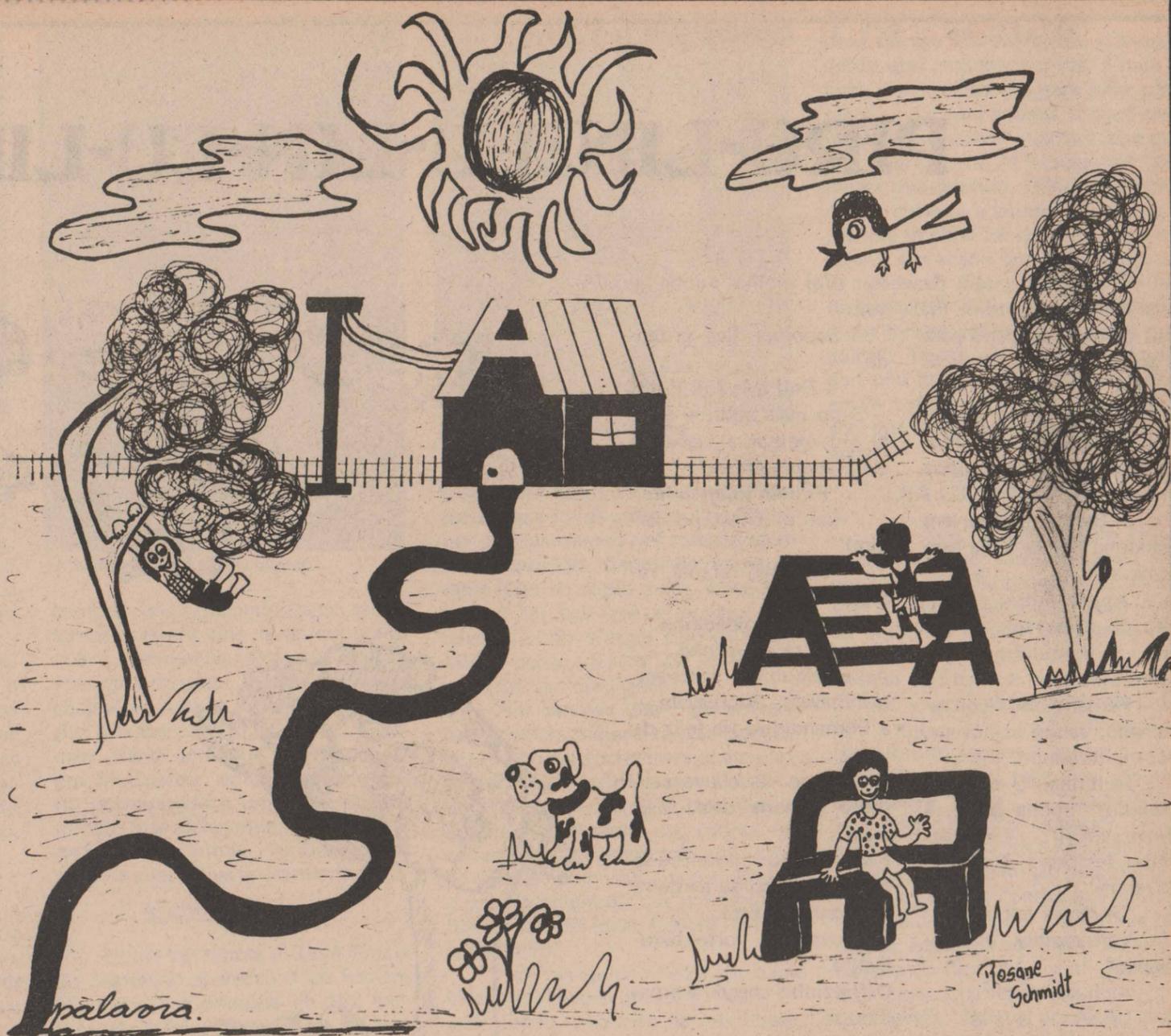


## AS FÉRIAS

As férias têm diferentes significados. Para uns é vista como a época de viagens, praias...; para outros significa mais trabalho e, para outros ainda, férias é simplesmente não precisar ir às aulas.

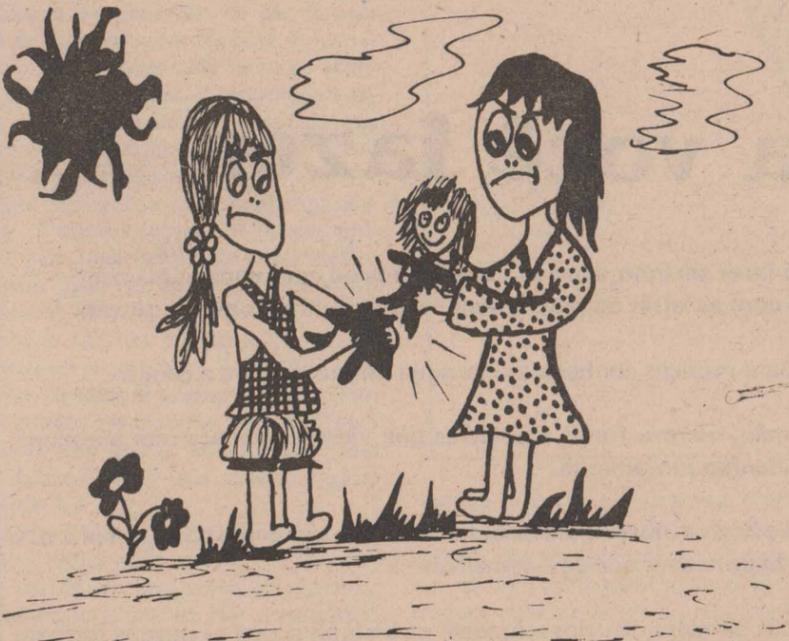
Na ilustração ao lado, dentro dos desenhos, está escrito AS FÉRIAS.

Prove as letras e forme a palavra.



## Quem sou eu?

- 1 - Além dos quatro pés que me sustentam, ainda tenho mais pés.
- 2 - Tenho pernas, mas não posso andar.
- 3 - Tenho dentes, mas não posso comer.
- 4 - Corro mas nunca ando.
- 5 - Sou preta e branca e toda vermelha.



## A Boneca

Deixando a bola e a peteca  
Com que ainda há pouco brincavam,  
Por causa de uma boneca  
Duas meninas brigavam.  
Dizia a primeira. "É minha!"  
"É minha" a outra gritava;  
E nenhuma se continha,  
Nem a boneca largava  
Quem mais sofria (coitada!)  
Era a boneca já tinha  
Toda roupa esvaçalhada,  
E amarrotada a carinha.  
Tanto puxaram por ela,  
Que a pobre rasgou-se ao meio,  
Perdendo a estopa amarela,  
Que lhe formava o recheio.  
E ao fim de tanta fadiga,  
Voltando à bola e à peteca,  
Ambos por causa da briga,  
Ficaram sem a boneca...  
(Olavo Bilac)

# PIRU-LIN-LU-LIN-LU-LIN

Fernandinho saiu da sala. Foi para o jardim. Ficou deitado, de papo para o ar, na esteira, olhando as nuvens.

Elas pareciam carneirinhos passando no céu: brancos, cinzentos, quase pretos.

— Bah! aquela nuvem grandona parece uma cara de cavalo!

. . . aquela outra, o focinho do cachorro . . . pedras . . . porquinho . . . nariz de velho . . .

Fernandinho ficou espiado, vendô as nuvens, por muito tempo.

Noitinha. E o vento dizendo: "minha gente, a chuva vem aí . . . e Fernandinho lembrava a canção do jaboti:

"A chuva vem aí!

Vai molhar o meu chapéu!

A chuva vai cair

Lá-lá-ra — lá-lá-lá!"

Fernandinho ficou inventando musiquinhas:

"Um pouquinho de garoa

Vai molhar minha lagoa

Sapo-boi fica gritando:

— Foi! Não foi! Foi!"

— Sapo mais bobo — onde se viu molhar a lagoa, se ela já está molhada?

"Piru-lin-lu-lin-lu-lin

Cai a chuva no jardim!"

"Rataplã, rataplã, rataplã

Marcha soldadinho

Agora, de manhã . . ."

As musiquinhas saltavam, marchavam, assobiavam — e Fernandinho ria feliz da vida.

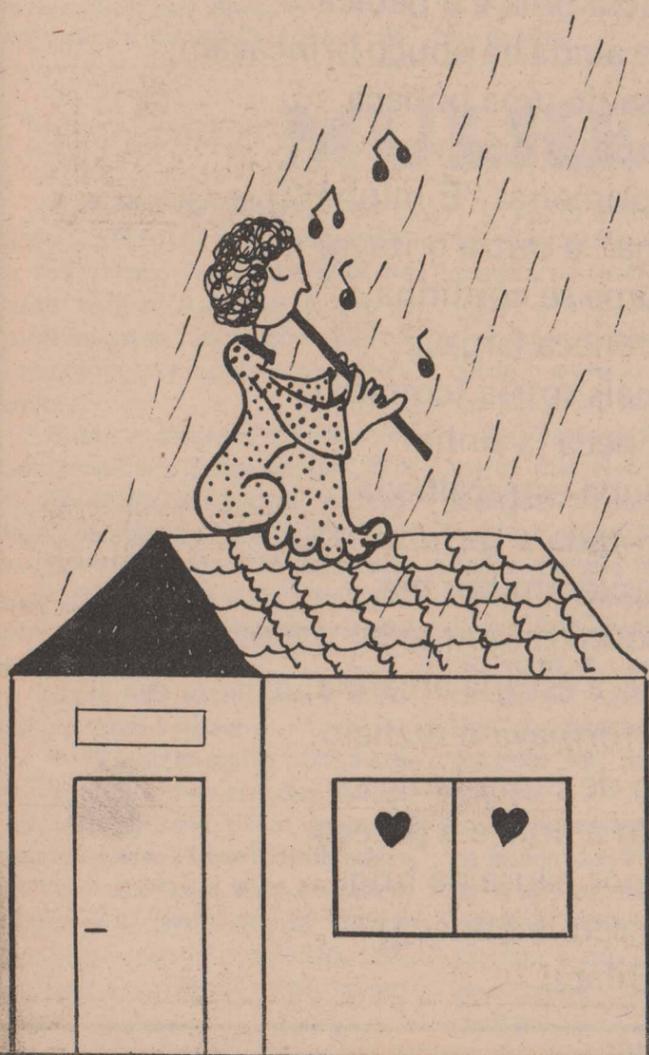
Um pingo de chuva caiu sobre o nariz dele. Mais outro.

Fernandinho levantou-se depressa. Enrolou a esteira e correu para casa.

A chuva caiu, forte, barulhenta.

O friozinho chegou e espalhou-se.

As primeiras luzes acendiam-se nas casas. Da cozinha vinha o delicioso cheiro de batatas fritas.



## Para você fazer

Atividades para você fazer sozinho, com os irmãozinhos ou com papai e mamãe.

— Faça musiquinhas com as letras de poemas conhecidos e dê o nome da canção.

— Escreva letrinhas para músicas conhecidas e arranje um nome para a canção.

— Para esquentar a mão, escreva frases e palavras que vierem à cabeça sem preocupações de sentido. Pode desenhar juntamente.

— Olhe para o céu. Se houver nuvens, descubra com o que são parecidas. Desenha-as e coloque debaixo o nome daquilo com que se assemelham.

— Procure barrinho das beiradas dos rios e modele os bichinhos que as nuvens formam.

# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE — FAMÍLIA — ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais — Convênio Cotrijuí/Fidene

## O VERMELHO VIVO DOS TRATORES

Os tratores tinham chegado, eram dois, vermelhos, luzidios, novinhos, e o mecânico que veio junto para organizar a oficina na fazenda era um rapaz magrinho de bigode fino, que falava arrastado, com um sotaque que parecia do sul. O pessoal não foi muito com a cara dele porque tratava todos os enxadeiros com desdém, a gente perguntava qualquer coisa e ele não respondia, ficava só com o assobiozinho desafinado pendendo do beico, fazia que

não ouvia, que ninguém tinha perguntado nada. E olha que a gente perguntava muito, a gente queria saber as coisas dos tratores, queria saber para que servia cada uma daquelas lâminas redondas, aquelas outras que pareciam com as do arado de viveca, aquelas correntes. A gente tinha muita curiosidade, mas ele não gostava de responder, ficava só mexendo com as ferramentas, arrumando as peças nas prateleiras, lubrificando, limpando os tratores como se eles já não estivessem limpos e não fossem entrar pelo campo afora, no meio do mato, na terra. A gente ficou muito entojado com ele mais foi por causa disso, e todo mundo dizia depois, na colônia, que ele era um sem-educação e muita gente começou a duvidar que os tratores prestassem por causa dele, que ficava alisando tanto. Passou três dias na oficina, ajeitando, era um barracão novo, construído de paus roliços de eucaliptos pelo pessoal da fazenda. Quando o rapaz ficava mexendo na oficina todo mundo implicava com ele, mas quando ele montava num dos tratores e saía pelas veredas de terra da fazenda e passeava pra cá e pra lá, em frente às casas da colônia, o pessoal olhava com inveja e ele se derramava de importância diante das moças, diante dos velhos. Ele fazia

mais esses passeios de tarde quando todos estavam chegando do cafezal e vinham sentar-se nas portas das casas, tomando a fresca e podiam ficar admirando-o no trator, que passava lentamente, ruidos, e ele olhava bem para as moças. As moças ficavam alvoroçadas, chegavam correndo do cafezal, lavavam-se depressa e muitas vezes eram até xingadas pelas mães porque não iam ajudar na cozinha a terminar a janta para vir ficar nas janelas, olhando a hora que o mecânico passava, em seu trator. E ele empinava mais ainda o bigodinho e parecia o dono do mundo, o rei da terra, no seu assento de aço.

Depois que ele deixou a oficina no ponto chegaram os dois tratoristas. Chegaram e todo o pessoal viu que eles eram iguais ao mecânico, meio distantes, arredios, não procuravam conversa nem papo. Só respondiam as perguntas com muito custo. O dia em que eles foram capinar os cafezais com os tratores, era quase uma demonstração, veio o fazendeiro e ficou ali olhando cheio de orgulho. O pessoal também ficou olhando os grandes tratores vermelhos arrastando as capinadeiras pelo meio dos corredores e o pessoal ficou admirado de ver a quantidade de capina que eles faziam num instantinho, e viram como era bem capinado o trecho por onde eles passavam, o mato ficava todo cortado e revolvido, de raiz para cima, no jeitinho de secar ao sol e virar adubo, depois de enterrado.

O pessoal também estava capinando com suas enxadas e cada trator fazia o trabalho de muitos homens e eles ficaram realmente admirados como aquelas máquinas eram perfeitas. Pareciam grandes insetos comendo as folhas verdes do capim e do mato rasteiro, mastigando as vassourinhas que se espalhavam cheirosas, pela terra macia dos carregadores.

De tarde, depois de lavarem os pés, escutando as mulheres chamando — quit, quit, quit — as galinhas para comer os restos da comida, os colonos ficavam conversando sobre o trator. Estavam todos alegres de ter ali na fazenda aquelas belezas — vermelhos, brilhantes,

postando o capim que cresce depois das chuvas. Os rapazes mais moços acrescentaram um sonho novo em seus desejos de ser alguma coisa na vida: tratorista.

A fazenda ganhou outro cheiro — óleo diesel queimado — e era cheiro do progresso. O mesmo cheiro das boas cidades, onde não havia apenas o tempo correndo como o vento pelo meio das plantações, havia também outra vida, vibrante, dentro dos bares, nas zonas, nas igrejas, nas ruas. Isso todos pensavam e ficavam felizes porque o progresso vinha chegando afinal, depois da luz elétrica, do rádio, decerto da televisão. Os tratores vinham trazer um ar novo ao verde dos cafezais.

No começo o pessoal ia cedo para o cafezal capinar seu eito — cada um tomava conta de sua rua e batia a enxada o dia inteiro cortando o mato, limpando o chão, cada qual na sua tarefa, e iam reconhecendo os pés de café que há vários anos eles mesmos haviam plantado, tinham cuidado deles e cada um se recordava de coisas que aconteceram naquela lavoura nesses anos: um namoro, uma cobra morta a enxadada, uma chuva forte no entardecer, uma geada preta, uma caçada de tatu no escuro da noite, a casa nova de um casal de João de-barro, uma inscrição funda num tronco de maçaranduba. Cada um ia enxergando os seus anos deixados ali, rastros na terra gorda do cafezal, transfigurados em folhas lustrosas, bagas vermelhas, flores brancas. O mato era o inimigo, as enxadas as armas afiadas e prontas.

Depois, uns dias depois que os tratores chegaram e os tratoristas já tinham regulado bem as capinadeiras, o administrador chamou o pessoal e explicou que agora eles iam capinar atrás dos tratores: os tratores fariam a maior parte do serviço, capinando no meio das ruas. Eles, os enxadeiros, iam capinar o que sobrava, debaixo, em roda do pé de café, onde os aços temperados das capinadeiras não alcançavam. Então os enxadeiros ficaram meio confusos: iam ficar só com os restos dos tratores. Mas logo o pessoal

achou que não fazia diferença e que se fizesse era para melhor, porque iria diminuir o trabalho de todos, iam capinar mais depressa o cafezal. Não demorou muito e todos estavam acreditando que os tratores eram muito bons mesmo e que iam poder aumentar os cafezais, os enxadeiros teriam tempo para plantar mais café e a fazenda progrediria e todos ficariam melhor.

Com o tempo os tratoristas ficaram mais camaradas e agora até namoravam as moças da colônia e tudo parecia continuar nos eixos. Então chegou o fim do ano. O pessoal começou a preparar as festas do Natal e como sempre o terno azul e vermelho de reis vestiu-se de cetim e saiu cantando e levando os pastores para comemorar o nascimento do menino Jesus pelas estradinhas poeirentas das vizinhanças.

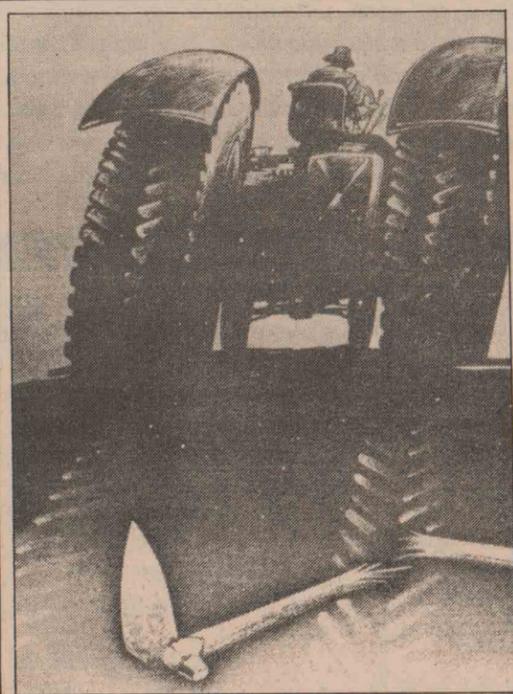
No dia seis de janeiro estavam todos cantando e dançando no terreiro cimentado em frente a casa do administrador. O fazendeiro estava lá também e os tratoristas dançaram a noite toda, muito agarrados com as moças. Foi uma festa boa mesmo, os enxadeiros não iam esquecer jamais aquela festa, não iam esquecer a cachaça gostosa que o patrão distribuía, não iam esquecer a estampa bonita — a mais bem feita que já tinham visto — que uma das mulheres bordara na bandeira de seda azul, não iam esquecer a noite quente e clara de verão estrelado, não iam esquecer como todos dançavam entusiasmados, numa alegria feroz que ninguém sabia de onde vinha e era uma coisa que parecia embriagar todo mundo. Não iam esquecer aquela festa de Reis, logo depois que o vermelho vivo dos tratores misturou-se ao verde intenso dos cafezais. Não iam esquecer nunca porque foi uma ótima festa e foi a última que os enxadeiros da colônia tiveram antes de se mudarem para as beiradas de Paraguaçu e descobrirem que suas enxadas eram pequenas demais — minúsculas extensões de seus braços — para brigarem com o vermelho vivo dos gafanhotos.

(Murilo Carvalho).

### JANEIRO

janeiro, um mês de calor pela frente;  
janeiro, a esperança na colheita do milho;  
janeiro, umas férias cheias de carpidas no nosso interior;  
janeiro, um mês para fazer leitura na hora do mate;  
janeiro, um ano pela frente.  
Neste suplemento você vai encontrar . . .

1. Conto sobre o homem e a máquina de Murilo Carvalho
2. Textos dos Professores Rurais.
3. Cena do interior do Rio Grande, da Ruth
4. Falando em Férias, da Lori
5. Participação do agricultor, do Leonardo
6. Mulher — entrevista, da Ruth



“Cada trator fazia o trabalho de muitos homens”

# E AS FÉRIAS CHEGARAM

O ano inteiro todos estão envolvidos nas mais diferentes tarefas. O agricultor com o plantio, com os trabalhos culturais, com a colheita. O operário com o trabalho na fábrica. O comerciante com a compra e a venda de produtos. O professor ensinando os alunos. Os alunos, com o estudo.

Chega o fim do ano muitas destas pessoas pensam tirar "feriazinhas" para descansar o corpo e a cabeça. Esta descansada significa, na maioria das vezes, viajar até a cidade próxima ou ao município vizinho, isto é, visitar familiares e amigos. Contamos os "trocos", fazemos muitas contas e somente depois decidimos se vamos tirar férias ou não.

Para os professores e os alunos do meio rural estar de férias significa que não precisam mais caminhar longas distâncias até a escola e deixar de "mexer" com os livros. Em compensação, trabalham o dia todo na lavoura ou nas demais tarefas caseiras.

Os baixos salários não permitem ao professor conhecer diferentes lugares, ir à praia, passear, ou comprar livros para distrair-se nos meses em que está afastado das atividades escolares.

Para a maioria da população regional como a maioria para a maioria do povo brasileiro "férias" significa apenas trocar de local ou tipo de trabalho por alguns dias, não representam lazer, enriquecimento cultural... Por problemas sócio-econômicos, este lazer faz parte apenas da vida de uma pequena parcela da população.



Umaz feriazinhas pra descansar o corpo ...



... só mesmo contando os trocos. Pensar ...



... em conhecer diferentes lugares, é um sonho que poucos podem mesmo realizar

## COMO ESCREVEM OS PROFESSORES RURAIS

Durante o trabalho que os professores rurais desenvolveram em 1980, aconteceram estudos sobre diversos assuntos relacionados à realidade em que vivemos. A partir destes estudos, os colegas eram desafiados a escrever textos acessíveis e atrativos para crianças. Publicamos a seguir algumas das produções destes professores.

**A raiz do problema**  
Para quem plantamos?  
Será para o nosso sustento?  
para matar nossa fome?  
para viver a contento?

Não plantamos para nós!  
estamos trabalhando  
para uma minoria  
que do Brasil vai levando.

Veja o trigo no Brasil  
que nos obrigam plantar  
não nos dá margem de lucro  
e a dívida tende a aumentar ...

Pois a mecanização  
e também a adubação  
toda ela é comprada  
de Países estrangeiros.

Para se comprar máquinas  
procura-se o concessionário  
que leva nosso dinheiro  
com seus produtos ordinários

O êxodo rural  
é uma das consequências  
da política comercial  
e de suas exigências

e agora, minha gente?  
encontre as soluções  
para o problema de um País  
dominado por outras nações.  
Horiolina Rigoli — Chiapetta

**Diversificará**  
Vancê não sabe como é bão vivê  
Numa casinha feita de sapê  
Com uma galinha 2 ou 3 pintinho  
E uma muié prá me fazer cari...o.

De manhãzinha eu esfrego o ôio  
Olho na horta mas não tem repôio,  
Nem batatinha, alface, pimentão.  
Plantando nasce mas não planto não.

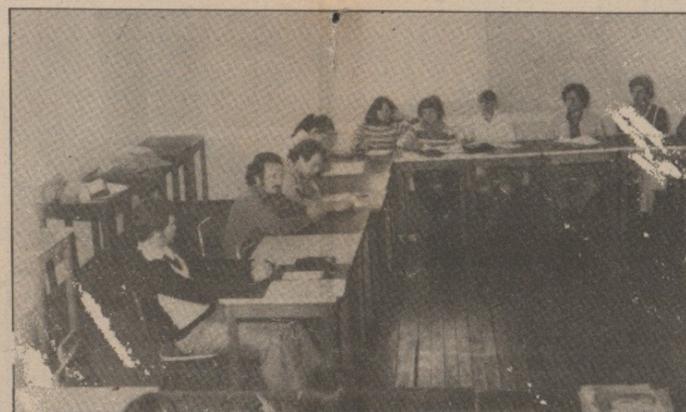
Eu bem podia fazer massa aqui  
Mas dá trabalho e muita confusão,  
Prá resolvê um problema tão grande,  
Vou prá ljuí e compro macarrão

Até que eu bem podia pegá  
Plantá outras coisa aqui nesse meu chão  
Mas é a soja que me dá dinheiro  
Como é que eu posso pensá em feijão?

Pensando bem é melhor eu pará  
De tá pensando em diversificá  
Senão vou té que gastá mais dinheiro  
E trabaiá talves o ano inteiro.  
(adaptação música sertaneja)

Sílvia Portes — Chiapetta

**Bichinho Desconhecido**  
Perto da minha casa tem uma grande  
plantação de soja.  
Um dia vi que as folhas estavam todas furadas,



das, comidas por uns bichinhos estranhos  
que se amontoavam e multiplicavam com  
rapidez.

Que bicho estranho! Será que vai  
terminar com a minha plantação. Procurei  
um agrônomo. Este recomendou aplicar um  
líquido esverdeado para combatê-los. Do  
contrário estes comeriam todas as planta-  
ções.

Com a aplicação do inseticida os  
bichinhos morreram. Junto foi o meu lucro.  
Nair T. C. de Almeida — Cel. Bicaco

**Comércio de Quitandas**  
Vocês talvez já tenham conhecimen-  
to do comércio de quitandas, ou nunca ou-  
viram falar?

Muito bem. Há muitos anos atrás o  
gaúcho era um homem bem diferente,  
divertia-se mais e amava a carreira. Car-  
reiras existem de diversas formas, mas a  
que o gaúcho mais aprecia é a de cavalos.

E nessas carreiras, conta meu avô,  
que reuniam-se muita gente para ver com  
seus próprios olhos a vitória do pângaré,

feito que era contado durante muitas no-  
ites pela população, isto porque, no mo-  
mento que se perdia uma carreira já fica-  
va atada outra.

Distante de ganhar ou perder no pân-  
garé, Maria Joana, a quitandeira, lá estava  
ela com sua carrocinha puxada por dois ju-  
mentos que também não tinham muito in-  
teresse nas alegrias da gauchada.

Maria Joana, sempre esperou a hora  
das carreiras para ali se colocar e vender ao  
povo seus pastéis, carne de porco assada,  
galinha assada, cachaça, palitos, cigarros e  
fósforos. Conta vovô, que Maria Joana num  
carreira trouxe dois maços de fósforo e logo  
vendera tudo. — mandou buscar  
mais, mas somente lhe trouxeram 2 caixas,  
quando estas chegaram, Maria Joana anun-  
ciou: chegou o fósforo, logo veio um se-  
nhor, pediu duas caixas, pagou e se retirou,  
Maria Joana, mais que depressa assim falou:  
pessoal, terminou o fósforo.

Alberto John — Miraguaí

**Dia de visitar parente**

Quando acontece uma eleição, muita  
gente vai até os diretórios dos partidos po-  
líticos para serem levados até as urnas.

Numa destas, um casal com seus dois  
filhos: solicitou ser levado do centro até o  
bairro da Penha na cidade de Ijuí.

O político que atendeu o pedido per-  
guntou ao caroneiro:

— Como vocês estão de candidatos?  
— Vamo, v. ra, no Beltrano!

E para federal em quem vão vo-  
tar?

O Fulano está lá, vai ser eleito.

— Este Fulano é candidato a de-  
putado estadual. Qual é o candidato para  
deputado federal?

A resposta veio: O político não soube  
de quem se tratava dos seus passageiros.  
Porém, foi muito bom para eles rever os pa-  
rentes que há exatamente dois anos não vi-  
sitavam.

Leonardo — Miraguaí



**Pedacinho de pão**

Tereza era uma índia aculturada que  
sempre chegava na minha casa dizendo, num  
expressão que já era quase um cumprimen-  
to:

— Pedacinho de pão!

— O mãe! "Pedacinho de pão" che-  
gou.

Só vendo aquela figurinha de gente.  
Dava na cintura de minha mãe. Era desen-  
tada e esquelética de tão magra. A tosse,  
forte e constante, fazia dobrar seu corpi-  
nho magro. No canto da boca, um pedaço  
de palheiro sujo ou um toco de cigarro.

Minha mãe olhava e comentava:

— Tereza, você tem que se tratar, tá  
com tuberculose.

A boca arreganhada num sorriso, ela  
perguntava:

— Tem um servicinho?

E já ia para o fundo de nossa casa  
carpir. Toda a minha imaginação de criança  
explodia em torno de "Pedacinho de pão".  
Eu passava a tarde ao seu lado, carpindo  
também.

Carpia, parava para pitar, dava risada,  
juntava as frutas semi-podres do chão e as  
jogava na boca com a ansiedade da fome in-  
saciável que ela tinha.

Outro dia, subindo a rua do Comér-  
cio em Ijuí, o mesmo corpo, o mesmo ca-  
belo negro, vi Tereza, quase trinta anos de-  
pois.

Automaticamente me lembrei de mi-  
nha mãe que morreu, já há doze anos, me  
deixando numa saúde eterna.

Ruth — Miraguaí

## DIFERENTES MANEIRAS DE VIVER

Andando pelo interior deste Rio Grande você vê muitas paisagens, encontra muitos lugares, vilas, povoados, cidades diferentes umas das outras. É costume dizer: o tempo parece que anda num outro ritmo em alguns lugares. Aquilo que identifica, caracteriza uma comunidade; e além das aparências externas, isto é, a maneira de viver de sua gente, os costumes, as diversões, o jeito de falar, as formas de organização social, o jeito de "fazer comércio e indústria" é, em geral, uma mistura de "tempos antigos" e de "tempos modernos". (Se diz antigo e moderno, porém se é algo que existe, é vi. o hoje, então — O que é antigo e o que é moderno?) Garanto que você também vai reconhecer lugar neste pequeno texto. É claro que ele conta uma cena de uma localidade determinada, mas, como não é isso que interessa, deixamos de fora essa informação. Você pode tranquilamente estabelecer uma relação entre esta história que está pensando, afinal pode ser qualquer lugar do Rio Grande, do Brasil. O que interessa mesmo é o que porle pensar a partir dele.

### JOÃO, O BOLICHEIRO

No meio da fremeia, João o  
Bolicheiro, anima o "cumpadres".  
— Ei bichão, va uma cerveji-  
nha? Prá quando qué a erva, Dona  
Maria? Esta qui é das "boas", che-  
gou inda agora, bem cedinho, lá do  
Bicaco.

Num canto, jogada em cima de  
um cepo, parte de uma rés que ele  
serra quando o freguês pede. Pelos  
lados, nas mesinhas, os grupos de  
"cumpadres" discutem "assuntando"  
o dia.

— Chê! Mas viu o Mané, hoje lá

na Missão, na reunião dos "home"?  
Quando o padre olhou direto pr'ele,  
bem ligeiro gritou: — Não sou eu! É  
o Chico que tem duas "muié". Uma  
aqui e outra em Portela.

— Danado o bicho! ...  
— Traz mais cerveja prá curá o  
câncer seu João, e mais um naco de  
fumo pro palheiro.

— É, nessas horas os Chico tão  
na m...!

— E as "muié" não vai sabê qual  
é dos Chico que é o "dito cujo".

É uma risada geral. Bem no fun-  
do de cada um, fica uma pitada de  
inveja.

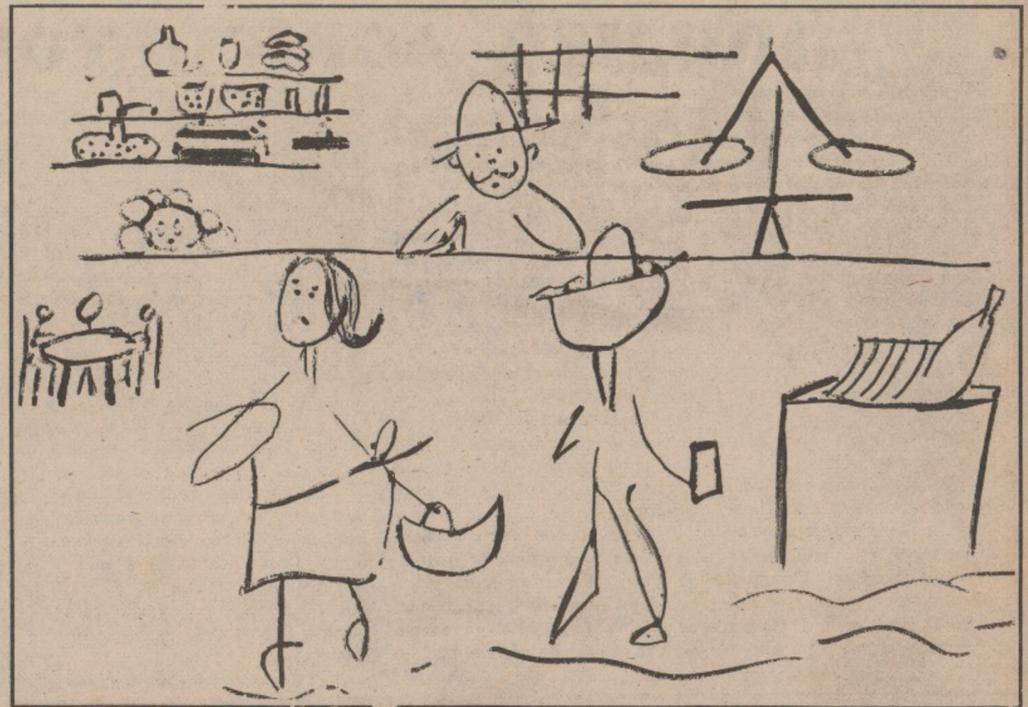
— Mas, ah! O Chico! Duas  
"muié", hem!

— Me abri foi pro Mané, "cora-  
ge" de "dizê" aquilo pro padre!

— É, mas o negócio saiu de sus-  
to mesmo.

— Bichão, vai mais uma geladi-  
nha? E um quilo de salame? Fiz esta  
semana!

Ruth



## POR QUE PARTICIPAR?

Para acontecer a produção agrícola e pecuária, são necessários inúmeros preparativos e cuidados que são desenvolvidos pelos que trabalham neste setor. O trabalho de uma lavoura envolve o plantio, os cuidados com as pragas e insetos, a colheita e, além disso, o transporte e a comercialização. Na criação de animais, também temos as diversas atividades específicas. Desde os cuidados com a reprodução, a alimentação, as doenças, até as tarefas de transporte e comercialização. Toda esta produção envolve um custo. Além da mão-de-obra, que em muitos casos é da família proprietária, noutros temos os empregados, existem as despesas com máquinas e ferramentas, sementes, adubos, inseticidas, herbicidas, remédios, vacinas, etc. O preço destas mercadorias são muito elevados, o que contribui para aumentar bastante as despesas, aumentando assim os custos e, conseqüentemente, diminuindo o lucro. Quando vai se vender os produtos, os preços na maioria das vezes não são compensadores. Aí, todos reclamam dos preços mínimos. Já no momento em que os consumidores, sejam eles do interior ou da cidade, vão comprar uma mercadoria, gritam que o preço está muito alto. Vejamos um exemplo: — os criadores de porcos reivindicam um valor mais justo para seu produto. É muito pouco o que os frigoríficos lhes pagam. No entanto, os que vão adquirir carne, salame, salsicha . . . , levam um susto na hora de passar pelo caixa do supermercado.

Esta situação indica, e todos nós sabemos, o quanto os agricultores são explorados, tanto quando vendem seus produtos, como também no momento de comprar o que necessitam para plantar ou criar animais. Assim, o seu trabalho é pouco valo-



A participação nas discussões pode permitir que se entenda melhor a situação que o agricultor vive.

rizado, da mesma forma como é desvalorizado o trabalho dos assalariados urbanos. É claro que não é bem o mesmo caso, porque o empregado na cidade não é proprietário, e o agricultor, muitas vezes, é dono da terra e dos instrumentos de trabalho.

Vimos que existe uma situação de exploração. Se existe esta situação, ela envolve naturalmente duas partes, uma explorada e outra exploradora. A explorada são os que trabalham, os que produzem. A exploradora, são as grandes empresas, as multinacionais, os grandes proprietários de terras.

Poderíamos escrever bastante sobre esta questão. No entanto, achamos que estas poucas palavras já são suficientes para tentarmos colocar algumas idéias sobre a questão da participação em sindicatos e cooperativas.

Entendemos sindicato, uma entidade associativa que tem como finalidade principal, defender os interesses dos seus associados. Temos o exemplo recente da luta do confisco, onde os sindicatos rurais tiveram uma brilhante participação. Esta entidade de classe atua como um instrumento de reivindicação. Através dela, os

agricultores tentam diminuir o grau de exploração a que nos referimos.

A cooperativa é também uma organização de pessoas para defender interesses comuns. Naturalmente possui campos de atuação diferentes do sindicato. No caso dos agricultores, é através das cooperativas que acontece a comercialização dos produtos de forma conjunta, podendo conseguir um preço mais elevado para os mesmos. Também de forma cooperativa, os produtos rurais podem diminuir os custos da produção e, se diminuem as despesas, aumentam os lucros. A exemplo do sindicato, a cooperativa também torna-se um instrumento pelo qual o agricultor luta para amenizar a exploração de que é vítima.

Somente vendo estes aspectos, podemos concluir o quanto é importante e necessário a participação em todas as reuniões dos sindicatos e cooperativas. E não só em reuniões, mas participar ativamente, defender estes instrumentos de luta em toda a sua autenticidade.

Não podemos ter a ilusão de que o sindicato e a cooperativa tragam, em sua atuação, as soluções para todos os nossos problemas. Creio que fomos claros quando afirmamos que através destes órgãos poderíamos diminuir a exploração, e não terminar com ela. Por outro lado, é oportuno também afirmar que é participando, e debatendo com os demais companheiros, que vamos descobrindo os caminhos para de fato terminar com a existência de oprimidos e opressores. É nadando que se apreende a nadar. É participando, debatendo idéias, assumindo posições, organizando movimentos de reivindicações que vamos definindo ou encontrando os rumos desta caminhada.

## MULHER AGRICULTORA

A mulher agricultora, associada da COTRIJUI, está conquistando seu espaço na cooperativa há muito tempo. Atualmente através da participação nas eleições para representante, esse espaço está aumentando.

Sobre o assunto, conversamos com Dona Lenir Sangiogo, da Linha 30, Ajuricaba, agricultora e "associada" da cooperativa. Algumas coisas que ela falou serão colocadas neste artigo e você, ao ler, terá também sua opinião que pode mandar para nós.

Bem, mas vamos deixar a Dona Lenir com a palavra:

— "Eu acho muito bom a mulher participar nas eleições. Afinal, produção agrícola é um problema nosso também. Têm muitos assuntos que não ficam bem discutidos porque é a gente que tá lidando com isso e outros estão discutindo o preço, a comercialização, os problemas.

Lá em casa, todos assumem tudo, seja na lavoura, na horta, na criação, na casa. Meu marido não se aperta com nada. Só não leva jeito para lavar roupa. Mas isso foi assim desde o começo do nosso casamento. Nisso eu vejo que as mulheres muitas vezes reclamam dos seus homens, mas elas mesmas criaram as situações. Mimam seu marido, dão tudo na mãozinha, não falam certas coisas porque é "assunto de homem" e quando as coisas apertam ficam resmungando. Dizem que eles são egoístas, que quando saem da lavoura não querem nada com nada. Em compensação a mulher que também foi, na volta, ainda corre pro fogão.

Mas, voltando prá participação da mulher nas eleições da cooperativa. Veja, em muitas famílias quem lida com "as criações", com o leite, os ovos, o queijo, a nata, a manteiga e também com as verduras, é a mulher.



Na lavoura, a mulher tá junto com o homem em todo o serviço mas, engraçado, na hora de decidir o que plantar, quanto, como, onde, por que, elas ficam quietas, não têm ou "não podem" ter opinião. Claro que não é com todas, algumas já são diferentes.

Por isso e por outras coisas

mais, eu acho que só participar nas eleições não chega prá nós mas esse já é um bom começo. Nós precisamos pensar no que nós fazemos prá saber o que é preciso e o que nós queremos e como vamos agir".

Obrigada, Dona Lenir, pelas suas palavras.